



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS *CAMPUS V*
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

RUBIANE VIEIRA DE JESUS

**A MULHER NEGRA EM CORDÉIS DE JARID ARRAES: Uma
proposta de compreensão leitora**

SANTO ANTÔNIO DE JESUS-BA

2017

RUBIANE VIEIRA DE JESUS

**A MULHER NEGRA EM CORDÉIS DE JARID ARRAES: Uma
proposta de compreensão leitora**

Dissertação apresentada ao Mestrado
Profissional em Letras- PROFLETRAS do
Departamento de Ciências Humanas – *Campus V* da
Universidade do Estado da Bahia, como requisito para
obtenção do título de Mestre em Letras, sob orientação
do Prof. Dr. João Evangelista do Nascimento Neto.

SANTO ANTÔNIO DE JESUS-BA

2017

FICHA CATALOGRÁFICA
Sistema de Bibliotecas da UNEB

Jesus, Rubiane Vieira de

A mulher negra em cordéis de Jarid Arraes: uma proposta de compreensão leitora / Rubiane Vieira de Jesus . – Santo Antonio de Jesus, 2017.

245 f.

Orientador: Prof. Dr. João Evangelista do Nascimento Neto

Dissertação (Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS) – Universidade do Estado da Bahia
Departamento de Ciências Humanas. *Campus V*. 2017.

Contém referências e anexos.

**A MULHER NEGRA EM CORDÉIS DE JARID ARRAES: Uma proposta de
compreensão leitora**

Dissertação de Mestrado Profissional apresentada à Universidade do Estado da Bahia como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras pelo Mestrado Profissional em Letras do Departamento de Ciências Humanas do *Campus V*.

BANCA EXAMINADORA

Profª. Dra. Flávia Aninger de Barros Rocha (UEFS)

Prof. Dr. Paulo de Assis de Almeida Guerreiro (UNEB)

Prof. Dr. João Evangelista do Nascimento Neto (UNEB)

Orientador

Santo Antônio de Jesus, 30 de novembro de 2017

DEDICATÓRIA

Aos meus alicerces: Deus e minha família.

AGRADECIMENTOS

Ao Supremo Criador do mundo por me amparar sempre em Seus braços em todos os momentos de minha vida;

Aos meus pais, Raimundo e Maria, minhas maravilhosas irmãs Rosana e Rosely por toda força e incentivo emanados. Sem vocês, não teria chegado até aqui;

A mim, pela perseverança, paciência e resiliência. Fácil, não foi;

A minha sobrinha Rafaela e aos meus sobrinhos Pedro e Miguel, por serem partes constantes de minha vida;

Aos meus cunhados Dermeval e Jairo, pela torcida pelo meu sucesso;

Às minhas filhas Luísa Maria, Ester e Eloah que, apesar de tão pequeninas, “compreenderam” que mamãe precisava estudar;

Ao meu marido Diógenes, pela constante parceria e por cuidar de nossas filhas em minha ausência;

Ao meu orientador, Prof. Dr. João Evangelista do Nascimento Neto, por acreditar em meu potencial;

À Profa. Dra. Flávia Aninger de Barros Rocha pelas valiosíssimas e imprescindíveis contribuições durante a qualificação;

Aos mestres do Profletras: Adelino, Gredson, Marcos, Monalisa, Patrícia, Priscila, Rosemary Lapa, Rosemere e Valquíria, pelas importantes orientações e discussões realizadas em sala de aula;

A melhor parte do mestrado, minhas amigas do coração Aurilene Malta, Nara Silva e Ramaiane Costa, pelo companheirismo e apoio em toda trajetória desse mestrado. Amizade para toda vida;

À Terêza Cristina Cardoso de Souza Viana, representando a terceira turma do Profletras, pelo exemplo de perseverança e pelas produtivas discussões;

À Sandra Sampaio da Silva Souza, representando as (os) integrantes do Colégio Municipal Jorge Guerra, que contribuíram de alguma maneira na produção desta dissertação;

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo financiamento parcial de meus estudos.

Quando lemos, conseguimos viajar para muitos lugares, encontrar muitas pessoas e conhecer o mundo. Também podemos aprender a lidar com os problemas que tenhamos, instruindo-nos com as lições do passado.

(Nelson Mandela)

RESUMO

A proposta de intervenção pedagógica intitulada **A MULHER NEGRA NOS CORDÉIS DE JARID ARRAES: uma proposta de compreensão leitora** foi desenvolvida com discentes do 8º ano do ensino fundamental II em uma instituição escolar do município de Cruz das Almas-BA e aponta sugestão de atividades que aprimorem aspectos relacionados à leitura proficiente embasada na história de resiliência de mulheres em uma sociedade preconceituosa e machista. Tenho como objetivo principal a promoção de possibilidades de compreensão leitora, através das literaturas afro-brasileira e popular ao acesso à história de mulheres negras, algumas ainda descritas no imaginário da sociedade, pois suas biografias são incertas devido aos escassos registros historiográficos existentes. Como objetivos específicos, ler e identificar as ideias relevantes e/ou implícitas no texto, adquirir maior consciência identitária e cultural, estabelecer relações entre o cordel analisado e seus conhecimentos prévios, identificar as especificidades do cordel e valorizar as contribuições de mulheres negras para o desenvolvimento social e político de nossa nação. Juntamente com a leitura, procurei desenvolver na turma discussões sobre as literaturas popular (através do cordel) e afro-brasileira (no que se refere a aplicabilidade da Lei 11.645/08). A sequência didática foi realizada entre os meses de julho à setembro de 2017, em um total de 19 horas/aula, divididas em 07 etapas, além da atividade diagnóstica. Foram aplicados também os questionários pedagógico e socioeconômico para melhor embasar o desenvolvimento das atividades. Ao utilizar a metodologia investigativa, a proposta didática desenvolvida assumiu um cunho qualiquantativo e, como resultado dessa intervenção, percebi uma melhora significativa na leitura reflexiva a partir das atividades propostas, porém acredito que processos, como esta sequência, devem ser uma prática constante se quisermos oferecer melhorias no que tange a proficiência leitora de nosso alunado. Para melhor embasamento teórico, ancorei-me nas ideias de Cosson (2012), Duarte (2011), Freire (2011), Geraldi (2012), Kleiman (1993) Koch e Elias (2015), Leffa (1996), Marcuschi (2005), Solé (2008) e outros teóricos que me auxiliaram a construir essa dissertação.

Palavras-chave: Leitura. Compreensão leitora. Cordéis. Literatura afro-brasileira

RESUMEN

La propuesta de intervención pedagógica titulada **A MULHER NEGRA NOS CORDÉIS DE JARID ARRAES: uma proposta de compreensão leitora** fue desarrollada con discentes del 8º año de la enseñanza fundamental II en una institución escolar del municipio de Cruz das Almas-BA y señala sugerencia de actividades que mejoren aspectos relacionados a la lectura proficiente basada en la historia de resiliencia de mujeres en una sociedad preconcebida y machista. Tengo como objetivo principal la promoción de posibilidades de comprensión lectura, a través de las literaturas afro-brasileña y el acceso popular a la historia de las mujeres negras, algunas todavía descritas en la imaginación de la sociedad, porque sus biografías son inciertas debido a los escasos registros historiográficos existentes. Como objetivos específicos, leer e identificar las ideas pertinentes y/ o implícita en el texto, Adquirir mayor conciencia de identidad y patrimonio cultural, establecer relaciones entre el cordel analizado y sus conocimientos previos, identificar las especificidades del cordel y valorar las contribuciones de las mujeres negras para el desarrollo social y político de nuestra nación. Junto con la lectura, he intentado desarrollar en la clase, debates sobre las literaturas populares (a través del cordel) y afro-brasileña (en lo que se refiere a la aplicabilidad de la Ley 11.645/08). La secuencia didáctica se realizó entre los meses de julio a septiembre de 2017, en un total de 19 horas / clase, divididas en 07 etapas, además de la actividad diagnóstica. También fueron aplicados los cuestionarios pedagógico y socioeconómico para mejor basar el desarrollo de las actividades. Al utilizar la metodología investigativa, la propuesta didáctica desarrollada asumió un marco cualitativo y como resultado de esta intervención, percibí una mejora significativa en la lectura reflexiva a partir de las actividades propuestas, pero creo que los procesos, como esta secuencia, deben ser una práctica constante si queremos ofrecer mejoras en lo que se refiere a la competencia lectora de nuestro alumnado. Para una mejor base teórica, me anije en las ideas de Cosson (2012), Duarte (2011), Freire (2011), Geraldi (2012), Kleiman (1993) Koch y Elias (2015), Leffa (1996), Marcuschi (2005), Solé (2008) y otros teóricos que me ayudaron a construir esa disertación.

Palabras clave: Lectura. Comprensión lectora. Cordeles. Literatura afro-brasileña.

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

TABELAS

TABELA 1	Índices de aprovação, reprovação e evasão no ano de 2016.....	58
TABELA 2	Comparativo entre as atividades diagnóstica e final.....	111

FOTOS

FOTO1	Desenvolvimento da 1ª etapa da proposta.....	79
FOTO 2	Desenvolvimento da 2ª etapa da proposta	83
FOTO 3	Atividade desenvolvida na 3ª etapa.....	84
FOTO 4	Escolha os cordéis para análise.....	89
FOTO 5	Momento da gravação da entrevista.....	96
FOTO 6	Atividade realizada na 2ª etapa da sequência.....	116
FOTOS 7 e 8	Atividades realizadas na 6ª etapa da sequência	119
FOTOS 9 e 10	Atividades do projeto realizado pela instituição de aplicação da proposta.....	120
FOTOS 11 à 14	Culminância da proposta.....	124

FIGURAS

FIGURA 1	Resposta do grupo 1 ao 1º questionamento.....	84
FIGURA 2	Resposta do grupo 2 ao 2º questionamento.....	85
FIGURA 3	Resposta do grupo 3 ao 3º questionamento.....	86
FIGURA 4	Resposta do grupo 4 ao 4º questionamento.....	86
FIGURA 5	Cena do vídeo <i>Carolina Maria de Jesus: filha fala sobre vida e obra da escritora</i>	91
FIGURA 6	Cena do vídeo <i>Dandara- Mulher na Roda</i>	92
FIGURA 7	Cena do vídeo: <i>Maria Felipa</i>	93
FIGURA 8	Cena do vídeo <i>Tia Ciata, Hilária Batista de Almeida (1854-1924)</i>	94
FIGURA 9	Resposta do educando ao questionamento baseado no descritor 1...	100
FIGURA 10	Resposta da educanda ao questionamento baseado no descritor 3...	104
FIGURA 11	Resposta da educanda ao questionamento baseado no descritor 4...	106
FIGURA 12	Resposta do educando ao questionamento baseado no descritor 6...	107
FIGURA 13	Resposta do educando ao questionamento baseado no descritor 11.	110
FIGURA 14	Depoimento da professora Aurelice, docente da escola de aplicação da proposta.....	117

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CAP - Centro de Apoio Pedagógico.

CEP - Comitê de Ética e Pesquisa.

CNE/CP- Conselho Nacional de Educação/ Conselho Pleno.

DCNERER - Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileiras e Africanas.

DCN - Diretrizes Curriculares Nacionais.

EJA - Educação de Jovens e Adultos.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.

MEC - Ministério de Educação e Cultura.

LDBEN - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais.

LGBT - Lésbicas, Gays, Bissexuais e Travestis.

OCDE - Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico.

PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais.

PISA - Programa Internacional de Avaliação de Alunos.

PPP - Projeto Político Pedagógico.

PROFLETRAS - Mestrado Profissional em Letras.

REDA - Regime Especial de Direito Administrativo.

SAEB - Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica.

UEFS - Universidade Estadual de Feira de Santana.

UFPB - Universidade Federal da Paraíba.

UFRB - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	20
1	LEITURA: IMPORTÂNCIA E CONCEPÇÕES.....	29
1.1	A LEITURA NO PROCESSO ENSINO - APRENDIZAGEM E NA FORMAÇÃO DO SUJEITO LEITOR	33
1.2	A LEITURA E SUAS ESTRATÉGIAS.....	36
2	A IMPORTÂNCIA DOS TEXTOS LITERÁRIOS EM SALA DE AULA.....	40
2.1	ETAPAS DO LETRAMENTO LITERÁRIO NA FORMAÇÃO DO SUJEITO LEITOR.....	42
2.1	A APLICABILIDADE DAS LEIS 10.639/03 E 11.645/08 NO AMBIENTE ESCOLAR	46
2.3	A LITERATURA AFROBRASILEIRA COMO FORMA DE TRANSFORMAÇÃO DA SOCIEDADE.....	49
2.4	A POESIA POPULAR NA LITERATURA DE CORDEL	51
3	PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA: PERCURSO METODOLÓGICO	55
3.1	ATIVIDADE DIAGNÓSTICA.....	55
3.1.1	Caracterização da escola enquanto espaço de aprendizagem	57
3.1.2	Caracterização de alunas e alunos: as (os) participantes da proposta.....	59
3.1.3	Questionário socioeconômico análise do perfil do alunado	60
3.1.4	Análise da compreensão leitora através do cordel.....	62
3.1.5	Questionário pedagógico: leitura, literatura e novas tecnologias....	72
3.1.6	Mulheres quilombolas analisadas em uma sequência didática: a proposta de intervenção pedagógica.....	75
3.1.6.1	Leitura que transforma	76
3.1.6.2	O conhecimento através da afrobrasilidade: hora de falar da negritude.....	80

3.1.6.3	Negras cruzalmenses nos espaços de poder.....	83
3.1.6.4	Cordéis: a literatura popular contada em versos.....	87
3.1.6.5	Compreensão leitora de cordéis que retratam a vida e resistência de mulheres negras.....	89
3.1.6.6	Seleção das indagações e realização da entrevista.....	95
3.1.6.7	Culminância da proposta de intervenção pedagógica.....	96
4	ANÁLISE DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA.....	98
4.1	LOCALIZAÇÃO DAS INFORMAÇÕES EXPLÍCITAS EM UM TEXTO.....	98
4.2	INFERÊNCIA NO SENTIDO DE UMA PALAVRA OU EXPRESSÃO.....	101
4.3	INFERÊNCIA DE UMA INFORMAÇÃO IMPLÍCITA EM UM TEXTO.....	104
4.4	IDENTIFICAÇÃO DO TEMA DE UM TEXTO.....	106
4.5	DISTINÇÃO DE UM FATO DA OPINIÃO RELATIVA A ESSE FATO.....	107
4.6	COMPARATIVO ENTRE AS ATIVIDADES INICIAL E FINAL.....	110
5	RELATOS DE UMA PROFESSORA EM CONSTANTE APRENDIZAGEM.....	113
	CONCLUSÕES MOMENTÂNEAS.....	126
	REFERÊNCIAS.....	128
	APÊNDICES.....	133
	APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	133
	APÊNDICE B – TERMO DE ASSENTIMENTO AO MENOR.....	136
	APÊNDICE C – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGENS E DEPOIMENTOS.....	138

APÊNDICE D: QUESTIONÁRIO SOCIOECONÔMICO DO (A) EDUCANDO (A)	139
APÊNDICE E – ATIVIDADE UTILIZADA PARA O DIAGNÓSTICO.....	142
APÊNDICE F – QUADRO-SÍNTESE DO QUESTIONÁRIO PEDAGÓGICO.....	144
APÊNDICE G – QUESTIONÁRIO REALIZADO NA ETAPA II DA SEQUÊNCIA.....	148
APÊNDICE H – ATIVIDADE EM GRUPOS DA MÚSICA <i>MENINA PRETINHA</i>	150
APÊNDICE I – QUESTÕES ELABORADAS PARA A ATIVIDADE DO CORDEL BIOGRÁFICO DE CAROLINA MARIA DE JESUS.....	153
APÊNDICE J – QUESTÕES ELABORADAS PARA A ATIVIDADE DO CORDEL BIOGRÁFICO DE DANDARA DOS PALMARES.....	154
APÊNDICE K – QUESTÕES ELABORADAS PARA A ATIVIDADE DO CORDEL BIOGRÁFICO DE MARIA FELIPA....	155
APÊNDICE L-QUESTÕES ELABORADAS PARA A ATIVIDADE DO CORDEL BIOGRÁFICO DE TIA CIATA.....	156
ANEXOS.....	157
ANEXO A – CORDEL UTILIZADO PARA A ATIVIDADE DIAGNÓSTICA.....	157
ANEXO B – QUESTIONÁRIO PEDAGÓGICO DO EDUCANDO...	172
ANEXO C – IMAGENS UTILIZADAS NA PRIMEIRA ETAPA DA SEQUÊNCIA.....	175
ANEXO D – MÚSICAS <i>DANÇA DA CORDINHA E MENINA PRETINHA</i> ; CORDEL DE BRÁULIO BESSA; DOCUMENTÁRIOS SOBRE CAROLINA MARIA DE JESUS, DANDARA DOS PALMARES, MARIA FELIPA E TIA CIATA, MATERIAIS UTILIZADOS NAS VARIADAS ETAPAS.....	194
ANEXO E – IMAGENS UTILIZADAS NOS MOMENTOS DA <i>LEITURA DOCE</i>	203

ANEXO F – IMAGEM DE MC SOFFIA, UTILIZADA NA SEGUNDA ETAPA DA SEQUÊNCIA.....	204
ANEXO G – IMAGENS UTILIZADAS NA TERCEIRA ETAPA DA SEQUÊNCIA.....	205
ANEXO H – TRANSCRIÇÃO DA MÚSICA UTILIZADA NA TERCEIRA ETAPA DA SEQUÊNCIA.....	214
ANEXO I – ATIVIDADE ORAL REALIZADA NA QUARTA ETAPA DA SEQUÊNCIA.....	215
ANEXO J – TRANSCRIÇÃO DO CORDEL DE BRÁULIO BESSA.	
ANEXO K – CORDEL SOBRE CAROLINA MARIA DE JESUS, UTILIZADO NA QUINTA ETAPA DA SEQUÊNCIA.....	217
ANEXO L – CORDEL SOBRE DANDARA DOS PALMARES, UTILIZADO NA QUINTA ETAPA DA SEQUÊNCIA.....	223
ANEXO M – CORDEL SOBRE MARIA FELIPA, UTILIZADO NA QUINTA ETAPA DA SEQUÊNCIA.....	230
ANEXO N – CORDEL SOBRE TIA CIATA, UTILIZADO NA QUINTA ETAPA DA SEQUÊNCIA.....	236
ANEXO O – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP/UNEB.....	243

“Cordelizando” no Profletras

Oh pessoas por mim estimadas
peço sua licença e atenção.

Eu resumo dois anos de luta
nessa minha simples dissertação.
Começa nas aulas do mestrado
e finda com essa apresentação.

Aqui eu vou logo afirmando
que uma cordelista eu não sou
Amante desse saber popular
que a afro-literatura versou
Produzir escritos, pensamentos
quem de nós nunca ousou?

Sugerida pela Pró Priscila
essa ideia interessante
As experiências desse curso
num cordel simples e relevante
Criatividade nesse momento
além do prazer, é importante

O cordel nos conta uma história
com simplicidade, eficiência
Eu resumo esses dois anos
de agito, luta, paciência.
De desespero, ânimo, vigor
Numa vida de resiliência.

Precisando de perseverança
várias vezes pensei em desistir.
Pois para lidar com situações
do início do curso até aqui.

Família, estudo e trabalho
conciliei, insisti e aprendi.

Muitas disciplinas estudadas
gente! Foram várias... dez no total

E ainda ministrava aula
minha insistência foi sem igual.
Filhas pequenas, muito estudo
acreditei em meu potencial.

Sem medo de cometer um erro
falo sobre a qualificação.
Aquele... sem sombra de dúvida
pensem num momento “com emoção”
Saí da “sala da misericórdia”
dizendo: “eu aqui não volto não”

Expectativa, realidade
meus pés no chão tive que colocar.
Um mês sem olhar para o texto.
minha proposta eu fui ajustar.
Queimei pestanas nas madrugadas
tardou... mas consegui dela gostar.

Não poderia aqui esquecer
de uma coisa que virou rotina.
O som insistente do whatsapp
muitas madrugadas, hein, meninas?
Me silenciaram, não sei o porquê
momentos que não há quem defina!

Conduzi essa adrenalina
para a escrita e aplicação
Proposta reorganizada

foi feita com muita dedicação
Desenvolver em sala de aula
leituras em prol da educação.

Muitas vezes eu até esqueço
que também já fui adolescente
Primeiro dia de atividade
queria desistir daquela gente
Expectativa, realidade
mudei a prática, segui em frente.

Com minhas ações transformadas,
meu vigor foi também renovado.
Novas estratégias deram certo
em grande parte do alunado.
A prática da leitura melhorou
e percebi que deu resultado.

E toda minha experiência
nessa dissertação eu coloquei.
As discussões surtiram efeito
na turma que a proposta apliquei
O retorno das ações empregadas
foi melhor do que eu esperei

Eu entendo quando pessoas falam
“Escrever TCC é pior que parir”
Horas pra criar dois parágrafos
caso não esteja bom, excluir
Mas a literatura de cordel
ótimo... não é difícil produzir.

Para quem em mim acreditou
MUITO OBRIGADA, de coração

Boa ajuda, confiaram em mim
na escrita e também na aplicação
Vejo essa simples proposta como
o desafio que serviu de inspiração.

Espero que meu simples relato
te anime ao meu texto apreciar

A popular afroliteratura
é uma proposta singular.
O Profletras nos dá subsídios
para a educação transformar.

Olha... vou aqui finalizando
acho que consegui minha intenção.

Despertei sua curiosidade
deleite-se nessa explanação.
Leia meus escritos com carinho
pois foram feitos com dedicação.

INTRODUÇÃO

Tenho a lembrança a minha infância, marcada por vários momentos ligados ao magistério e ao ato contínuo da leitura. Filha de professora, uma das minhas primeiras docentes no ensino formal, segui os passos de minha mãe. Desde cedo, fui incentivada a ler e a ida à biblioteca municipal era uma prática constante nas férias. Devido a esse costume, não tinha problemas no estudo das disciplinas relacionadas às áreas de linguagem e humanas. Meu ensino fundamental II foi todo realizado no colégio que, atualmente, faço parte do corpo docente e sou colega de vários ex-professores. Todo o processo de estímulo à leitura a que eu tive acesso transformou a minha vida pois, na contramão do que muitos familiares esperavam de mim, eu, uma mulher negra, filha de uma professora e um caminhoneiro, segui em frente nos estudos, até chegar ao Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS).

A ideia de abraçar a carreira do magistério se deu a partir do estudo, concomitante, do magistério e formação geral que, respectivamente, aconteceram, em instituições estadual e municipal de Cruz das Almas. Mesmo sendo uma vida corrida e cansativa, gostava de estudar as estratégias, os teóricos e a estrutura do ensino brasileiro, do mesmo modo que precisava me preparar para o aperfeiçoamento através do vestibular. No magistério, a teoria diferiu da prática no estágio supervisionado; feito no turno noturno, percebi muitas dificuldades do processo ensino-aprendizagem que existe em nosso meio educacional. Primeiramente, ao auxiliar educandas e educandos da educação de jovens e adultos (EJA) no processo da leitura e compreensão, além das outras disciplinas que o ensino fundamental I oferece, percebi que o aprendizado precisava de planejamento para que efetivamente acontecesse. E essas estratégias poderiam ser buscadas a partir do estudo e discussões nos cursos de licenciatura.

No ensejo de procurar respostas aos meus anseios, ingressei na Licenciatura em Letras Vernáculas na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). As discussões, o estudo teórico aprofundado, as experiências compartilhadas por professores, que se voltaram na condição de graduandos para melhorar sua prática em sala de aula, foram de grande valia para os menos experientes. Houve, naquele espaço, um processo de construção dos conhecimentos teóricos, principalmente nos seus aspectos filosóficos e técnicos, todavia, não me preparou para a realidade que, posteriormente, encontraria ainda fazendo parte do meio acadêmico. Quando estudava lá, tive contato com os cordéis ao visitar o museu Casa do Sertão e me encantar com histórias contadas com simplicidade que me faziam refletir sobre as diversas temáticas ali abordadas. O acesso, através da leitura, a poetas, como Franklin Maxado, Jurivaldo Alves,

Ademar José, Adauto Borges e tantos outros que fizeram parte de meu período naquela instituição foram essenciais para, posteriormente, a escolha desse gênero utilizado.

Antes do término da graduação, e querendo aprovação em algum concurso público, submeti-me à seleção para professores da cidade de Muritiba- BA e, no ano de 2006, foi-me dada a oportunidade de ensinar alunos do ensino fundamental I em duas escolas da zona rural. Nessas escolas, percebi que minha trajetória enquanto educadora era, antes de tudo, um processo de ordem social que não dependia unicamente do meu esforço e interesse profissional para as coisas darem certo, mas dos limites e possibilidades que eram oferecidos ao alunado pelo contexto socioeconômico, político e institucional em que estavam inseridos.

Sempre, ao adentrar nessas escolas que seguiam uma postura tradicional, percebia que os alunos não alcançavam o esperado, pois os professores de séries anteriores ainda eram muito conteudistas e viam o aluno como um depósito de conhecimento. Muitos estudantes eram agressivos e não tinham o gosto pela leitura. Ao contrário, eles não viam significância em tal prática e a escola configurava-se num local de fuga de atividades domésticas ou da roça. Foi um grande desafio estar inserida naquela situação, pois os alunos tão somente respondiam mecanicamente ao solicitado, sem demonstrar interesse em analisar ou discutir o que lhes era oferecido. As teorias, tão bem explicadas no tempo de graduação, não me respondiam àquela realidade cruel. Agora, a partir do estudo proporcionado pelo Profletras, percebo que aqueles alunos considerados rebeldes, provavelmente, não viam relevância naquele aprendizado mecânico e sem diálogos, imposto por nós professores, pela escola, pais e sociedade de um modo geral.

Com as práticas engessadas dessas escolas, comecei a acreditar que alunas e alunos que foram a mim designadas (os) deveriam ser aquele modelo de aprendiz ideal, homogeneizado e que, se eles não aprenderam segundo a minha metodologia, o erro não era meu. Os professores anteriores se eximiram da culpa e transferiram a responsabilidade do não aprendizado da (o) aluna (o) a todos os fatores possíveis, a exemplo da quantidade de discentes em uma sala, das condições precárias de trabalho, das cobranças e pouco retorno financeiro. E eu comecei a fazer o mesmo.

Como o custo para trabalhar na zona rural estava alto, além de ter o ensino superior, no ano de 2007, consegui transferência para outra escola no distrito, e ministrava a disciplina Língua Portuguesa, em 20 horas, a discentes do sexto ano. A partir desse desafio, lancei-me numa série de capacitações, com o intuito de dinamizar minha prática docente e percebi que ministrar aulas para o ensino fundamental I não me atraía e nem me instigava a melhorar minha prática pedagógica. A mudança de ambiente escolar me fez entender que toda e qualquer

formação acadêmica precisa sofrer atualizações constantes, leituras complementares e trocas de experiências. Curiosamente, tive oportunidade de realizar estudos não só voltados para o ensino da língua vernácula, como também à Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e Educação Inclusiva e fiz especialização em ambas as áreas. Ao saber dessas capacitações, fui convidada pela Secretaria Municipal a trabalhar com uma aluna surda na sede do município muritibano. Para auxiliar essa atividade, fui aprovada no curso de Licenciatura em Letras Libras, oferecida na modalidade a distância pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e estou prestes a concluir tal graduação.

Compreendi a necessidade de retornar aos estudos e a prática constante da leitura como promoção do conhecimento e, com isso, obtive aprovação na seleção no Regime Especial de Direito Administrativo (REDA), realizada pela Secretaria Estadual de Educação e fui designada para a cidade de Cabaceiras do Paraguaçu-BA. Presenciei vários acontecimentos inesquecíveis nesse local e foi uma experiência que levarei sempre como exemplo de falta de respeito ao ensino público. As condições de ensino do colégio beiravam o desespero: pais agressivos em relação aos filhos, alunos desmotivados e cansados do trabalho nas plantações, alguns professores com velhas práticas, a não realização da primeira e última aula nessa escola, a alta incidência de estudantes que mal sabiam escrever seus nomes, o difícil acesso ao local de ensino e a voz da diretora dizendo que “*quando você fez a seleção, sabia que era difícil chegar aqui!*”.

Com a chegada de novos professores do REDA que vieram com ideias interessantes, senti-me mais à vontade em propor mudanças para melhorar o aprendizado dos alunos. Qual não foi a minha surpresa ao ver que não poderíamos avançar devido ao contexto escolar. Para dizer a verdade, era mais cômodo o ensino apenas do básico, sob a alegação que “*eles não aprenderiam mesmo*”. E fomos levados pelo sistema, por sermos considerados “reles” contratos, que poderiam ministrar qualquer disciplina que o efetivo descartava. Pedi exoneração desse contrato ao ser aprovada no concurso público de Cruz das Almas- BA, onde desenvolvo minhas atividades até a presente data. Ensinei alunos da EJA, mas percebia que não me adaptava às suas especificidades, pois meu desejo era continuar no ensino fundamental II. Ao surgir a oportunidade de ensinar a disciplina Língua Portuguesa, não hesitei e, desde então, trabalho com esse alunado.

Através do município cruzalmense, foi-me dada a oportunidade de realizar uma seleção para a pós-graduação em História e Cultura Afro-Brasileira, Africana e Indígena, pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Foi naquele espaço de construção do saber que me interessei pelas temáticas voltadas para a afrobrasilidade e sua diversidade cultural. Tive contato com discussões críticas a respeito da luta e resistência negra, como essa

importante parte da nossa história brasileira era abordada pelos livros didáticos e como podemos fazer a diferença em nosso ambiente escolar ao mostrarmos a discentes a possibilidade de acesso a nossa história e cultura. Dentre as várias vertentes oferecidas nas disciplinas ministradas, a discussão sobre mulheres negras foi a que mais atraiu a minha atenção.

Depois de todas essas experiências, percebi que, apesar de muito importante, minha formação inicial não me estruturou para a realidade do ensino público, no tocante aos mais diversos desafios enfrentados. Como consequência, em certos momentos, acomodei-me e aceitei o que me era imposto. Ao constatar a aprovação no Mestrado Profissional em Letras, vi a oportunidade de rever minhas práticas pedagógicas e ressignificar o ensino da escola onde atuo. Esse mestrado oferece a docentes de Língua Portuguesa do ensino fundamental a chance de enriquecer seus conhecimentos teóricos de ensino, assim como uma possibilidade de transformar a prática docente num processo de construção e reconstrução de conceitos.

O trabalho na escola pública tem possibilidade de se tornar exitoso se o professor compreender sua importância no processo ensino-aprendizagem e que, apesar dos problemas em que estão inseridos, a educação é o grande pilar da sociedade. O Profletras me ajudou nesse sentido e suas discussões teóricas contribuíram para um encaminhamento mais acessível ao conhecimento. Muitos desafios ainda estão por vir, pois não acredito em fórmulas mágicas, mas vejo possibilidades de melhora. A caminhada é longa, mas quando se dá o primeiro passo, já é possível perceber uma mudança. Se houver aprendizagem, muito já se conquistou.

Ao entender que a leitura é a possibilidade que temos de nos descobrir e não é simplesmente passar os olhos por cima das palavras, acredito que o exercício da leitura exige de nós a percepção e a organização crítica do pensamento, habilidades necessárias para a formação de um leitor competente. Sua prática tem o poder de enriquecer, empoderar e conscientizar leitores, tornando-os reflexivos, todavia, em nosso contexto educacional, percebemos a dificuldade que educandos e educandas têm em desenvolver aspectos básicos da leitura e escrita.

Dentre os desafios encontrados nas salas de aula, existe uma grande inquietação em mim, enquanto professora, que é como motivar as (os) discentes na prática da leitura e compreensão do que é lido. Mesmo que os ambientes escolares se configurem como espaços primordiais para a execução de atividades voltadas para a leitura e compreensão crítica, produção textual e construção do conhecimento, a leitura e seu exercício acontecem em diversificadas formas e locais.

Vejo a sala de aula como mais um espaço desafiador para a promoção da aprendizagem através da leitura, pois ali se constrói, diariamente, uma dimensão de ideias e conhecimentos

diversos que são socializados. Às vezes, quero que meu alunado seja igual a mim, que tive incentivo de minha família, porém volto à realidade e percebo que meu propósito é tentar despertar em leitoras e leitores o hábito de leitura e construir no ambiente escolar um importante espaço de aprendizagem e auxiliá-las (os), através de estratégias, nas possibilidades de (des) construção de seus conceitos. No contexto educacional em que faço parte, percebo a dificuldade que educandas e educandos têm em desenvolver aspectos básicos da leitura e escrita. Se essas práticas, que estão intrinsecamente ligadas, forem desenvolvidas, há uma possibilidade de reversão do quadro angustiante que acontece em grande parte de nossas escolas públicas.

No Profletras, ao ser questionada sobre as dificuldades enfrentadas em sala, tinha sempre como ideia desenvolver uma proposta voltada para educação especial, pois trabalhava com o atendimento educacional especializado (AEE) em um Centro de Apoio Pedagógico (CAP).¹ Mas tinha a vontade de inserir a questão afro-brasileira, porém percebi a dificuldade, devido à dinâmica da instituição e que, possivelmente, não traria o retorno desejado em tão curto espaço de tempo, uma vez que, com alunas (os) com essa especificidade, analisa-se seu crescimento de forma gradativa.

Em meados de 2015, uma aluna do sexto ano reclamou do colega negro que a chamou de negra, preta e feia. Percebo agora que, muitas vezes, temos o problema nas mãos e não trabalhamos com ele, talvez para não fugir do plano de aula já construído. É em situações como essa que podemos atrelar questões envolvendo essa problemática e estratégias de leitura como forma de reflexão sobre a importância do respeito ao próximo. Há uma possibilidade de estudantes, nessa faixa-etária, não agirem de forma maldosa e intencional e, muitas vezes, a falta de maturidade pode desencadear situações como essa, mas é necessário coibir essas ações para que não se tornem práticas constantes.

Escolhida a problemática a ser trabalhada e em qual turma seria aplicada a proposta, faltava escolher o gênero. Insegura, queria trabalhar com tantos e não definia qual seria o principal. Ao optar pelo cordel, mas ainda duvidosa acerca dessa escolha, lembro-me de ter interpelado meu orientador pelos corredores da UNEB com o seguinte questionamento: *“Professor, penso em escolher o cordel como gênero a ser trabalhado na proposta de intervenção. O que o senhor acha?”* Obtive resposta positiva, pois ele, particularmente, muito se identificava com a poesia popular. E os livros emprestados por ele me fizeram ter a base teórica do que eu só conhecia a leitura prática.

¹ Trabalhava, nessa instituição, com alunas (os) autistas, surdos, com paralisia cerebral, deficiência intelectual, e com síndrome de Down em atendimento, geralmente, individual.

Dessa forma, o cordel é uma possibilidade de estratégia para que educandas e educandos tenham contato com a cultura popular e valorizem suas raízes nordestinas. Além disso, é um meio de colaborar para uma mudança na concepção ainda tradicionalista de codificação e decodificação de palavras, em contar que também é papel da escola “possibilitar ao aluno o domínio do gênero, primeiramente, para melhor conhecê-lo ou apreciá-lo, de modo a ser capaz de compreendê-lo, produzi-lo na escola e fora dela”. (KOCH e ELIAS, 2009, p.74).

A leitura desse gênero possibilita analisar suas particularidades, além de ter acesso a especificidades da poesia popular, a exemplo da métrica, do ritmo, do jogo de palavras, da musicalidade, a simplicidade vocabular, além da sua contextualização sócio-histórica. A ideia não foi formar poetas em sala de aula, apesar de ser uma possibilidade, e sim desenvolver a leitura a partir da diversidade de textos que circulam no ambiente escolar. A partir dessa situação que aconteceu com a aluna, surgiu em mim o seguinte questionamento: de que maneira a leitura dos cordéis que retratam a história de mulheres quilombolas poderá contribuir para o exercício da compreensão leitora de forma crítico-reflexiva em educandas e educandos? Levo em consideração as hipóteses de que é importante estimular a prática da leitura e a análise crítica de textos que nos ofereçam histórias de superação de mulheres negras e, ao mesmo tempo, promover respeito a sua identidade e cultura e que o cordel ainda não faz parte constante do universo escolar, sendo utilizado, geralmente, em projetos pontuais. Sua riqueza linguística e cultural pode proporcionar aos aprendizes momentos reflexivos de discussão. Assim, ao realizarmos atividades a partir do uso do cordel como gênero principal e os multigêneros (a exemplo de filme, debates, imagens e entrevista), é possível favorecer a construção do conhecimento de alunas e alunos.

Não posso deixar de citar o quão importantes foram as discussões realizadas na disciplina Leitura do texto literário no Profletras que, atreladas aos conhecimentos anteriormente adquiridos na disciplina Raça e Gênero e Raça e Educação, da especialização oferecida pela UFRB, contribuíram para o desenvolvimento desta proposta de intervenção. Nesses espaços de construção de conhecimento, tive a oportunidade de conhecer e aprofundar meus estudos sobre a temática, bem como sobre e estudar a obra da autora Jarid Arraes Batista, que produziu o livro *As Lendas de Dandara*, que conta a trajetória de luta e resistência da mulher de Zumbi dos Palmares.

A partir desse estudo, constatei a produção de uma série de cordéis voltados para a temática da mulher negra e seu protagonismo, principalmente nos tempos da escravidão. Assim, me familiarizei com aqueles cordéis que retratam a vida de heroínas negras a exemplo de Acotirene, Aqualtune, Carolina Maria de Jesus, Dandara dos Palmares, Eva Maria do

Bonsucesso, Luísa Mahin, Maria Felipa, Tereza de Benguela, Tia Ciata e Tia Simoa, mulheres consideradas símbolos de resistência e luta contra a escravidão, além de ter acesso a outros cordéis cujos temas envolvem análise de questões relacionadas a gênero, sexualidade e proibições que permeiam a vida de mulheres e LGBT.

Como algumas dessas personagens, a exemplo de Acotirene, Dandara e Maria Felipa, são pouco estudadas pela história, o imaginário existente entre algumas dessas personagens aguçou a minha curiosidade em conhecê-las e poder transmitir a alunas e alunos essas histórias de luta e superação. Dandara Tinoco, no texto *Resistência das mulheres no Quilombo dos Palmares*, entende que

O que a historiografia não supre, a literatura resolve. As crenças populares abraçam, recriam, a boca do povo favorece. Os contos, cordéis e lendas que crescem em volta dessas personagens as transformam em mitos, exemplos. Os textos oficiais não as reconhecem ainda, mas elas teimam em subsistir de outras maneiras. Ninguém as esquece porque são mais lindas que a verdade dos homens, mais fortes que a história construída à força, imposta pelo poder dos vencedores. (GLOBO, 2014, s p.).

Com o uso desses cordéis, creio que possa aliar meu principal objetivo na produção dessa proposta, que é promover novas possibilidades de compreensão leitora, através das literaturas afro-brasileira e popular ao acesso a história de mulheres ainda descritas no imaginário da população. Nesse sentido, ações relacionadas a essa cultura e ao estudo das relações etnicorraciais, neste espaço, podem vir a ser um diferencial no que tange à diminuição da visão estereotipada em relação aos sujeitos negros e suas tradições.

Decorrida mais de uma década da implantação da Lei da obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Africana, Afro-Brasileira, datada em 09 de janeiro de 2003 e alterada em 11 de março de 2008 para contemplar os povos indígenas, observo que grande parte das instituições de ensino ainda não reconhecem a necessidade de sua aplicabilidade e, apesar dos processos de conscientização e formação docente, trabalhar com alunas e alunos com esta temática parece ser uma realidade distante. Em uma sociedade multicultural, nosso ensino ainda propaga uma representação unidimensional da cultura eurocêntrica e relega negras e negros a uma representatividade secundária, que é transmitida por parte de docentes nas classes onde desenvolvem suas atividades.

Em março de 2015, ao observar como a utilização das Leis 10.639/03 e 11645/08 não tinha a devida atenção nas propostas pedagógicas e em projetos escolares em grande parte das escolas municipais, a Secretaria de Educação cruzalmeno, numa tentativa de reverter essa

situação, criou um grupo permanente de discussões para analisar como a inserção das Leis acontece nesses ambientes de ensino. As aulas que analisam tal questão são, dessa maneira, em muitas escolas, relegadas a um ensino pautado no conteúdo na disciplina de História, com pouca discussão, raros textos reflexivos e produções textuais que promovam a criticidade do educando. O conhecimento da cultura negra como parte imprescindível no processo de respeito e valorização, geralmente, é desconsiderado, mesmo com as tentativas de superação desta problemática.

Não se pode negar, contudo, que as Leis 10.639/03 e 11.685/08 abriram espaço para que temáticas voltadas para a cultura ganhassem visibilidade em ambientes que a abraçaram e foram ampliadas essas discussões em outras disciplinas, a exemplo da Língua Portuguesa. Hoje, uma relevante quantidade de docentes se mostra preocupada em estudar a luta pela valorização da cultura afro-brasileira, principalmente, através das obras literárias.

No que se refere à leitura e compreensão leitora, a literatura de cordel, além de ser uma fonte de incentivo ao ensino da literatura, é uma proposta relevante para auxiliar no reconhecimento e na valorização da nossa afro-brasilidade. A literatura é vista como arte. E a arte dos cordéis, que utiliza de sua linguagem para focalizar grandes problemas do nosso cotidiano, ainda é pouco estudada e utilizada nas escolas, apesar de percebermos um avanço considerável em sua propagação.² Essa proposta pode ser um meio de auxiliar a leitura reflexiva em sala de aula, além de ser uma possibilidade de ajudar a arrefecer ideias equivocadas semelhantes as desse estudante que considerou sua colega feia, promover um espaço de construção reflexiva de saberes. Para nortear meus estudos, tomei como base pesquisadores como Cosson (2009), Freire (2011), Geraldi (2012), Kleiman (1993), Koch & Elias (2015), Leffa (1996), Marcushi (2005) Solé (2008) e vários outros autores que me auxiliaram a construir essa dissertação.

O principal objetivo dessa proposta é o aprimoramento da competência leitora e, assim, possibilitar a alunas e alunos o acesso às literaturas afro-brasileira e popular. A partir dessa habilidade, espero que eles sejam capazes de ler e identificar as ideias relevantes e/ ou implícitas no texto, adquirir maior consciência identitária e cultural, estabelecer relações entre o cordel analisado e seus conhecimentos prévios, identificar as especificidades do cordel e valorizar as contribuições de mulheres quilombolas para o desenvolvimento de nossa nação. Meu intuito é

² Segundo SANTOS (2006, p. 73), o folheto constitui assim uma nova via de aprendizagem da realidade: a apreensão dos novos problemas sociais, políticos ou técnicos, torna-se possível por uma linguagem poética e uma estrutura narrativa conhecidas e que foram o objeto de um processo de assimilação coletiva.

aliar a prática da leitura e reflexões pautadas na sua aplicabilidade com alunas e alunos do oitavo ano, cuja faixa-etária varia entre 13 e 15 anos. A estratégia metodológica utilizada foi a aplicação de dois questionários de caráter socioeconômico e pedagógico como forma de tentar compreender o meio social no qual as (os) discentes estão inseridos. O texto utilizado para a atividade diagnóstica foi o cordel intitulado *Discutindo a Lei 10.639 em sala de aula*, de autoria do cordelista Antonio Carlos de Oliveira Barreto. Para o desenvolvimento dessa intervenção pedagógica, tomei como base o método da pesquisa-ação, com a análise qualitativa e quantitativa. A sequência das atividades desenvolvidas realizou-se a partir de 07 etapas e teve a duração de 19 horas/aula, aplicadas entre os meses de julho a setembro de 2017.

O relato da pesquisa está organizado em 05 seções descritas logo após esta introdução, onde norteio o (a) leitor (a) acerca da estrutura organizacional da proposta, com os assuntos descritos a seguir: na primeira seção, denominada **LEITURA: IMPORTÂNCIA E CONCEPÇÕES**, apresento uma breve explanação acerca da leitura e sua importância no processo ensino-aprendizagem. Na segunda, intitulada **A IMPORTÂNCIA DOS TEXTOS LITERÁRIOS EM SALA DE AULA**, discorro sobre aspectos relacionados a importância da leitura de textos literários, bem como a relevância das literaturas afro-brasileira e popular no contexto escolar. O terceiro segmento, nomeado de **PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA: PERCURSO METODOLÓGICO**, traz a análise dos questionários socioeconômico e pedagógico, a atividade diagnóstica respondida pelos alunos, a proposta de intervenção pedagógica aplicada e a sua análise. Na quarta seção, **ANÁLISE DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA**, agrupo os resultados obtidos na proposta aplicada. A última parte, descrita como **RELATOS DE UMA PROFESSORA EM CONSTANTE APRENDIZAGEM**, traz um breve relato das experiências vivenciadas ao longo das atividades desenvolvidas. Posteriormente, finalizo essa proposta com minhas reflexões acerca da proposta realizada. Nos elementos pós-textuais, agrupo a coletânea de materiais que definiram o desenvolvimento das atividades realizadas. Esta intervenção foi autorizada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade do Estado da Bahia, sob protocolo CEP/UNEB nº 2.183.743

Acredito na relevância dessa intervenção pedagógica pois, ao trabalhar com leitura e literaturas, posso buscar fomentar em estudantes discussões sobre mulher negra na história e formação da cultura afro-brasileira e, com isso, contribuir para a formação de leitores conscientes que consigam relacionar as temáticas que foram abordadas nos cordéis com seu conhecimento de mundo, em aulas com dinamicidade e participação.

1 LEITURA: IMPORTÂNCIA E CONCEPÇÕES

A leitura é uma porta aberta para um mundo de descobertas sem fim.

Sandro Costa

As instituições públicas de ensino do Brasil são consideradas ambientes que necessitam de uma ressignificação, no que se refere a sua finalidade de ajudar a inserir o alunado nessa sociedade tão dinâmica e desafiadora. Apesar de suas dificuldades, elas são meios democráticos de mediação cultural ao proporcionar a estudantes a socialização de conhecimentos, através da oferta dos valores sociais, linguísticos e coletivos, importantíssimos para a construção cidadã.

Nesse espaço de aprendizado, é necessário modificar a concepção do professor como mero transmissor de conteúdos e oportunizar uma educação transformadora. Nessa perspectiva, a ideia de construir a prática de buscar informações ganha espaço, supera desafios e propicia um caminho autônomo de leitura e análise crítica pautado na reflexão. Educadores têm o importante papel de auxiliar a reconstrução do aprendizado de discentes e estes se tornarem protagonistas de sua formação reflexiva.

É fato que o ensino desenvolvido nas escolas não atrai os jovens. Segundo o Ministério da Educação e Cultura (MEC), a quantidade de matrículas no ensino fundamental caiu de 46 milhões para 40 milhões entre 2008 à 2014, em um decréscimo de 11,8% de alunos matriculados³. O desinteresse pela leitura promove uma série de dificuldades para estudantes, a exemplo da compreensão crítica falha, equívocos na escrita, produções textuais pouco significativas e conhecimentos voltados somente para o desenvolvimento mecânico de tarefas escolares. Em salas de aula, a quantidade elevada de discentes que somente decodificam as palavras, sem construir o entendimento necessário para a promoção do conhecimento, é significativa. Não temos como negar a necessidade de reflexão acerca da prática docente que, muitas vezes, não contempla a promoção da criticidade das (os) aprendizes.

Com o intuito de ajudar nos processos dinâmicos que fazem parte do nosso aprender, bem como permitir que o alunado consiga se expressar, ler e discutir textos produzidos nos mais variados gêneros, é imprescindível o desenvolvimento de estratégias que a (o) estimule nas diversas formas de expressão oral e escrita, oportunizando possibilidade de

³ Fonte: Portal MEC. Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=17044-dados-censo-2015-11-02-materia&Itemid=30192.

desenvolvimento da prática da leitura e, como consequência, promover o domínio reflexivo da língua vernácula.

Esses seres ativos no processo de aprendizagem necessitam de estímulos para que ocorra o desenvolvimento de suas competências. Ler é a principal estratégia de promoção crítica de aprendiz e as (os) ajuda a conseguir sua proficiência. Não tão-somente o reconhecimento de um texto, a leitura é a construção da compreensão, a partir das relações estabelecidas.

Não raro, discentes leem um texto, porém não conseguem compreender o que leram. Desse modo, a leitura não foi compreendida e o que aconteceu foi somente a decodificação de palavras. Percebemos, assim, a falta de compreensão quando o alunado não consegue se posicionar sobre o que foi lido. Isso ratifica os ideais de Cafieiro (2010) que, ao compreender a leitura como uma prática que vai além do processo de decodificação, analisa-a como uma atribuição de sentidos, que, “ao compreender o texto como um todo coerente, o leitor pode ser capaz de refletir sobre ele, de criticá-lo, de saber como usá-lo em sua vida.” (CAFIEIRO, 2010, p. 86).

Nessa perspectiva, a leitura como decodificação de mensagens ou uso de respostas prontas perde espaço para uma prática de leitura crítica, cujo processo de interação entre o leitor- autor-texto auxilia na compreensão do que é lido. É a partir dessa interação que o leitor (re) cria, (re) organiza seus pensamentos e promove a ação e interação com o que é lido. Como consequência, adquire a prática de interpretar criticamente os mais variados textos e produz sentido ao que se lê. A leitura inclui a exploração do uso concreto da língua, envolvendo os sentidos reais e figurados, além das habilidades leitoras na oralidade e escrita da língua. Para Lajolo (2005, p.7), “ninguém nasce sabendo ler: aprende-se a ler à medida que se vive. Se ler livros geralmente se aprende nos bancos da escola, outras leituras se aprendem por aí, na chamada escola da vida [...]”. Com isso, as várias leituras pelas quais o leitor tem acesso possibilita o seu aprendizado e não somente os livros que lemos nas escolas, em cumprimento a tarefas escolares ou por vontade própria.

Kleiman (2004, p 10) entende a leitura como “uma prática social que remete a outros textos e outras leituras”, isto é, a partir dela, o leitor se envolve com a diversidade de gêneros textuais que circulam no meio social. Ao compreender que ler é a percepção e entendimento das relações existentes em nossa sociedade, sua compreensão leitora torna-se uma prática que, ao mesmo tempo, pode ser individual e coletiva: individual, a partir do momento em que nela se manifestam, através do conhecimento prévio, os processos de interação, e coletiva, quando se submete às intervenções sociais. Esta ideia corrobora com o pensamento de Marisa Lajolo, que assim define a leitura:

Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É, a partir de um texto, ser capaz de atribuir-lhe significação, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista. (LAJOLO 2002, p. 54).

Com o advento dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), que fortaleceu as convicções elaboradas através da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996), a partir do século XX, as discussões sobre a importância do processo da leitura ganharam mais espaço. Os PCN, materiais que servem como referência às metas estabelecidas pelo MEC no tocante à educação, são fundamentais para a construção curricular de cada instituição, de acordo com a realidade local e contextualizando seu Projeto Político Pedagógico (PPP). Nesses parâmetros, a competência leitora assume papel importante no processo de aprendizagem do alunado.

Ao tomarmos como base o princípio de que a função primordial do ensino da língua vernácula é auxiliar o educando no processo de inserção ao mundo letrado, os PCN entendem a leitura como um processo de compreensão textual que não ocorre a partir da decodificação de vocábulos, mas sim a partir do uso de estratégias de escolhas do que se lê, antecipa as ideias contidas no texto, deduz e verifica se suas conclusões são convergentes ou divergentes ao texto. (BRASIL, 1998, p. 69-70). Ao partir do pressuposto de que o leitor possui papel na construção de sentido, percebemos que esse processo se dá através da ligação entre o leitor, o texto e a realidade sociocultural em que ele se encontra e, dessa forma, contribui para a construção do significado e relação com o texto.

A compreensão leitora desempenhada por educandas e educandos é realizada de forma, muitas vezes, equivocada e, por isso, é necessária a utilização de estratégias que propiciem uma transformação em sua criticidade de forma que consigam favorecer a análise reflexiva do que está sendo lido. Ao analisarmos como o ensino da língua vernácula é oferecida aos estudantes, percebemos as inúmeras dificuldades pelas quais eles passam na construção de sentido. Isto é, o alunado consegue ler os textos, porém, de forma apenas decodificada, sem o estabelecimento de uma relação entre leitura e seus significados. Essa prática, assim, é utilizada como um pretexto para ensinar a gramática, sem construir um significado relevante.

Freire (2011) preconiza a ideia de que aprender a ler se faz lendo sempre e de forma séria até que se chegue a uma leitura crítica e reflexiva da realidade como prática consciente. Antes da leitura de palavras, o leitor lê o mundo através de expressões faciais e corporais, de seus sentidos e daqueles presentes no mundo que o rodeia. Nessa perspectiva,

A leitura de mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (FREIRE, 2011, p. 19- 20).

Leitoras (es), ao ingressarem na vida escolar, já têm conhecimento da leitura do mundo que as (os) rodeia. Com isso, fazem uso dos conhecimentos prévios adquiridos ao longo dos anos no processo de construção do conhecimento. Para Koch e Elias (2015, p. 9-12), temos três concepções de leitura, baseadas na interação existente entre o texto, o autor e o leitor. A primeira concepção concebe a leitura como um processo de representação do pensamento, cujo leitor desempenha um papel passivo em relação às ideias do autor. E define o sujeito-leitor como: [...]senhor absoluto de suas ações e de seu dizer, o texto é visto como um produto – lógico - do pensamento (representação mental) do autor, nada mais cabendo ao leitor senão “captar” essa representação mental, juntamente com as intenções (psicológicas) do produtor, exercendo, pois, um papel passivo. (KOCH e ELIAS, 2015, p. 9-10)

A segunda concepção de leitura é representada através do reconhecimento do sentido das palavras. Nesta concepção, o leitor é um “sujeito determinado, ‘assujeitado’ pelo sistema, caracterizado por uma espécie de não consciência”, e o texto “um simples produto da codificação de um emissor a ser decodificado pelo leitor/ouvinte, bastando a este, para tanto, o conhecimento do código linguístico” (KOCH e ELIAS, 2015, p. 10).

A última concepção de leitura tem como foco a leitura como processo de interação dialógica da língua. Essa ideia sugere que os leitores são “atores/ construtores sociais, sujeitos ativos que – dialogicamente - se constroem e são construídos no texto” (KOCH e ELIAS, 2015, p. 10). A ideia de leitura e texto num processo interacionista é o que norteia este trabalho, pois, segundo essas autoras, a leitura é uma atividade de produção de sentidos, cujo leitor é construtor de seus sentidos (KOCH e ELIAS, 2015, p. 12-13). Podemos entender, portanto, a leitura como uma prática social de interação entre o código linguístico e a produção lógica, que leva em consideração o conhecimento prévio do leitor e o processo de articulação de ideias que, juntamente com o conhecimento linguístico, dão subsídios ao leitor para tornar-se competente.

Para Koch & Elias (2015), a leitura poderá contribuir para ampliar seu conhecimento de mundo e seu conhecimento linguístico, tornando mais fácil sua produção textual. Dessa forma, considerar essa proposta “é considerar o leitor e que esses conhecimentos são diferentes de um leitor para outro implica aceitar uma pluralidade de leituras e de sentidos em relação a um mesmo texto” (KOCH e ELIAS, 2015, p. 21).

A concepção de aprendizado na escola onde atuo é pautada na realização de atividades que auxiliem no desenvolvimento da capacidade de alunas e alunos, através de conteúdos necessários à vida em sociedade. Em relação à leitura, a preocupação torna-se maior, pois há o entendimento que ela é um ato político e que cada membro escolar desempenha papel importante para a transformação social do alunado. A inexistência da equivocada ideia da leitura como responsabilidade do professor de língua portuguesa é notada através do esforço de cada membro da instituição em, constantemente, incentivar a leitura e promover estratégias que as (os) estudantes leiam textos e atribuam-lhes significado. Nesse sentido, a leitura é responsabilidade da instituição, e não só de alguns docentes

1.1 A LEITURA NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM E NA FORMAÇÃO DO SUJEITO LEITOR

Nas últimas décadas, as discussões relacionadas ao processo de aprendizado trazem importantes reflexões para o corpo docente. Com as ideias construtivistas que muito auxiliaram o processo de construção do conhecimento, a leitura passa a ser um processo que vai além da decodificação de palavras e habilidades como reconhecer seu significado, ler e discutir ideias, dialogar com outras fontes, fazer uso de seus conhecimentos prévios e inferir ganham notoriedade. Essas informações reunidas são transformadas em novos conhecimentos e auxiliam na apreensão de novos saberes. Nesse sentido, a interação de conhecimentos é um processo eficaz para a aprendizagem.

Freire (2009, p. 25) compreende que não há ensino sem aprendizagem, e o educar é um processo dialógico, em que as trocas acontecem diariamente. Nessa relação, professor e aluno mudam, constantemente, de papéis e o aprendizado é mútuo. É mais do que necessário, neste processo pedagógico, a troca de conhecimentos, em que as situações sociocomunicativas promovam o diálogo entre o conteúdo formal e as vivências do professor e, principalmente, do aluno. Dessa forma, o ensino e a aprendizagem são termos intrinsecamente ligados na construção do conhecimento que é compreendido, atualmente, como o alunado sujeito construtor de seu conhecimento e docentes como mediadores desse processo. Ao crer que é possível a existência dessa relação, o pensamento freiriano concebe a ideia de que:

[...] o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já não valem. Em que, para ser-se,

funcionalmente, autoridade, se necessita de estar sendo com as liberdades e não contra elas.” (FREIRE, 2005, p. 68).

Ensinar é uma tarefa árdua, pois corresponde ao esforço de auxiliar alguém em seu aprendizado. A proposta tradicional de ensino tinha como objetivo uma educação centrada no professor que transmitia seus conhecimentos através de aulas sem participação, e que alunas e alunos ouviam passivamente os conteúdos e respondiam as atividades realizadas de forma mecânica. Na perspectiva moderna, consequência da democratização e universalização do ensino, o professor é o mediador desse processo de aprendizagem. Com a ideia de que ensinar é estimular, ajudar na criação do hábito de reflexão, a busca do conhecimento deve partir do educando para o desenvolvimento de suas habilidades e o aprendizado é a consequência do que lhe foi ensinado. A proficiência, por exemplo, é a evidência de que o aprender aconteceu.

Em *Pedagogia da Autonomia*, Freire (2009) alega que “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.” (FREIRE, 2009, p. 47). Nesse sentido, é essencial que o ambiente escolar ofereça ao alunado um espaço democrático de diálogo, onde alunas e alunos aprendam a ser. Para este autor, a relação existente entre docentes e discentes precisa de uma ressignificação e, como a aprendizagem é um processo contínuo, sem o posicionamento reflexivo do alunado e a mediação do educador, há a possibilidade de a proposta do aprendizado não surtir efeito. A base para a construção da aprendizagem é o diálogo, que auxilia as (os) estudantes a organizarem seus pensamentos e construírem sua postura reflexiva.

Problematizar é um aspecto importante nesse momento de construção, pois aproxima o sujeito leitor do contexto vivido, além do respeito, aspecto essencial na estruturação da sua independência cidadã. Dessa forma, educandas e educandos são vistos como sujeitos construtores de seu aprendizado e não como um depósito de informações. É necessário conhecimento das experiências trazidas em sala de aula como forma de traçar estratégias de aprendizagem a partir de suas realidades.

Há uma grande possibilidade das (os) estudantes se sentirem encorajadas (os) a participar de seu desenvolvimento cognitivo, com o professor assumindo o papel de facilitador desse processo e este docente sair da comodidade para auxiliar esse novo estudante a compreender a sociedade onde vive como um espaço de construção, cidadania e aprendizado. As inúmeras relações com o processo de aprendizagem fazem da escola um ambiente privilegiado por facilitar a competência leitora. Na visão dos PCN, um leitor competente é aquele que:

[...] sabe selecionar, dentre os textos que circulam socialmente, aqueles que podem atender às suas necessidades, conseguindo estabelecer as estratégias adequadas para abordar tais textos. O leitor competente é capaz de ler as entrelinhas, identificando, a partir do que está escrito, elementos implícitos, estabelecendo relações entre o texto e seus conhecimentos prévios ou entre o texto e outros textos já lidos. (BRASIL, 1998, p. 70).

Nessa perspectiva, a competência leitora acontece nos diversos níveis de leitura e interação entre leitor, texto, conhecimentos prévios; e todas as particularidades que envolvem esse processo propõem e possibilitam a formação de leitores competentes na leitura, escrita e produção de sentidos.

A Matriz de Referência de Língua Portuguesa (INEP, 2001, p.17) relata que a compreensão e a produção de textos orais e escritos ocorrem a partir do posicionamento crítico do que se lê ou ouve. Conforme esse documento, o leitor competente, ao adquirir embasamento crítico, é capaz de ler, escrever, produzir sentidos, elaborar questionamentos coerentes e articulados a respostas significativas em variadas situações. A leitura configura-se em requisito e, juntamente com a escrita, auxilia no desenvolvimento educacional de estudantes e projeta-se como meio de ascensão social. Dessa maneira, a leitura aqui é vista, portanto, como “aquela que realizam os leitores experientes e que nos motiva, é a leitura na qual nós mesmos mandamos: relendo, parando para saboreá-la ou para refletir sobre ela, pulando parágrafos... uma leitura íntima e, por isso, individual” (SOLÉ, 1998, p. 43).

Constatamos, assim, que o leitor crítico tem a habilidade de produzir sentidos e não apenas os retira do texto. Ele traz seus conhecimentos prévios, formula outras novas percepções e produz um elo entre o que já foi dito e o novo. Portanto, a construção do conhecimento é realizada a partir da situação dialógica desenvolvida entre os aspectos envolvidos neste processo educacional e as relações sociais existentes.

Ao questionar da professora X, docente da instituição onde foi aplicada a proposta, como ela percebe a importância que discentes dão à leitura, ela assim se posiciona: *“Olha, pró, é um grande problema que vem acontecendo nas escolas públicas de um modo geral. A leitura vem perdendo espaço para as coisas que, para eles, são mais importantes. Para dizer a verdade, para uma grande parte dos alunos, a escola não tem significado, principalmente àqueles que são repetentes. A leitura também não. As redes sociais e o celular, infelizmente, não têm sido nossos aliados, pois seu uso na escola é proibido, salvo algumas exceções, mas o aluno sempre dá um jeito de usá-lo. Principalmente nos momentos relacionados à leitura e interpretação de textos, pois não enxergam aquele momento como aula. Acham que aula de verdade é quando o quadro está cheio de assunto, apesar de reclamarem quando escrevemos.*

Até os pais têm essa ideia. Eles precisam entender que o aprendizado não ocorre somente se o aluno estiver escrevendo, mas principalmente através da leitura, nos debates e nas interações que acontecem em sala de aula e em todos os lugares. Por outro lado, seria interessante que os alunos tivessem uma sala de informática e usassem a internet. Muitos alunos apreendem melhor quando são instigados e a informática tem essa qualidade. A informática é, nesse momento, grande aliada na realidade dos alunos. Pena que eles não a utilizem na escola.”

O que a docente relata serve de reflexão, uma vez que as atividades realizadas em sala de aula, muitas vezes, não estimulam o alunado, principalmente no que se refere a prática da leitura. Para aquelas (es) que repetiram o ano, a situação é ainda pior, pois não veem o uso de novas estratégias gerando, assim, o desinteresse. Paralelamente a essa situação, a influência tecnológica cada vez mais atrai a atenção do alunado, pois reúne infinitas possibilidades de interação, informação, exploração e aprendizagem. O celular, acessível a grande parte das (os) discentes é proibido nessa instituição devido ao entendimento de que desvia a concentração no ambiente escolar. Cada vez mais avançado, os aparelhos possuem inúmeros recursos que poderiam ser utilizados nas classes, por ser uma possibilidade de atrair a atenção de estudantes e, conseqüentemente, auxiliar o seu aprendizado.

Apesar das tentativas de mudança, a concepção de aula com o quadro totalmente preenchido e o caderno com “assuntos” é uma realidade que ainda perdura. Para muitos alunos seus responsáveis e até mesmo professores, ler, dialogar não é produzir conhecimento e a “verdadeira aula” é aquela que é escrita no quadro e copiada no caderno. Também é uma estratégia utilizada por docentes para manter a ordem na sala, analisando o qualitativo do alunado a partir dessa prática que, necessariamente, não promove o aprendizado. Além disso, a ausência de um ambiente acessível ao uso da informática dificulta cada vez mais o uso dessa estratégia de aprendizado.

1.2 A LEITURA E SUAS ESTRATÉGIAS

As estratégias de leitura são os diversos procedimentos que docentes podem fazer uso para auxiliar discentes a, por meio de inferências, compreenderem o texto e atribuir-lhe sentidos. Para Kleiman (2013), é necessário a promoção de estratégias que oportunizem ao leitor solucionar as possíveis falhas na compreensão textual, para torná-lo proficiente. Classifica-as em metacognitivas (estratégias em que o leitor consegue explicar seus atos) e cognitivas (estratégias que o leitor não chegou ao nível consciente e necessita de métodos para a sua realização) e entende que a competência leitora se dá através da automonitoração,

procedimento que assegura o entendimento consciente do que é lido e de quem lê com um objetivo definido e traça métodos que permitam o entendimento do texto. Nesse procedimento, ações pedagógicas são importantes propostas para alcançar o objetivo almejado, com destaque para aspectos básicos relacionados ao objetivo da leitura, que é o pessoal (sem cobrança por parte da escola), o que ativa as previsões, o conhecimento prévio do leitor sobre o assunto e suas particularidades (época da obra, gênero) e a necessidade do contato entre o aluno e a diversidade textual.

Os PCN entendem o leitor proficiente como aquele que utiliza estratégias de seleção dos variados textos que circulam no meio social e utiliza os que atendam suas necessidades. Não só isso, como também faz uso de estratégias de antecipação (levantamento de hipóteses), de inferência (leitura dos subentendidos) e de verificação (relação entre as hipóteses levantadas e as ideias contidas no texto). Solé (1998) coaduna com essa ideia ao afirmar que algumas estratégias podem ser usadas durante o processo da compreensão leitora, a exemplo da supressão, da substituição de um fato, do conceito ou ação por uma ideia mais ampla e da seleção ou criação. Além disso, a autora compreende que, ao se tratar do aspecto educativo da leitura, devem-se considerar as vertentes de que o leitor aprende quando lê e compreende aquilo que está lendo e, em variados contexto e situações, lê-se com a finalidade de aprender algo. Em resumo, sua função é auxiliar na compreensão do indivíduo enquanto pessoa e a leitura é o principal instrumento da aprendizagem.

As estratégias de leitura podem ser compreendidas como “procedimentos de caráter elevado, que envolvem a presença de objetivos a serem realizados, o planejamento das ações que se desencadeiam para atingi-los, assim como sua avaliação e possível mudança”. (SOLÉ, 1998, p. 70). Nessa perspectiva, essas estratégias são possibilidades utilizadas para auxiliar a compreensão de textos que não devem ser consideradas, porém, como técnicas pontuais e precisas, uma vez que fazem uso dos aspectos cognitivos e metacognitivos do sujeito leitor. Ainda para a autora, o ato de ler envolve três condições básicas: a clareza e a coerência do conteúdo dos textos, os conhecimentos da estrutura e do léxico, a sintaxe e a coesão interna; o conhecimento prévio do leitor e das estratégias utilizadas pelos leitores para o entendimento do texto. Dessa maneira, as estratégias de compreensão leitora podem ajudar a formar leitores autônomos, com capacidade de ler e compreender a diversidade de texto que encontrarão em sua formação escolar e no meio social.

Solé (1998) ainda cita que algumas atividades cognitivas devem ser consideradas no momento do trabalho com as estratégias, uma vez que elas permitem alunas e alunos planejarem sua tarefa e escolherem outras formas de alcançar a compreensão leitora ao se depararem com

problemas relacionados à leitura. Assim, as estratégias são constituídas por questionamentos feitos pelo leitor para se entender o texto e permitem que estudantes planejem sua atividade de um modo geral, tais como:

- Leitura e compreensão do que está explícito ou implícito (que / por que / para que se tem que ler?)
- Articulação ao conteúdo apresentado com os conhecimentos prévios relevantes (o que se sabe sobre o conteúdo do texto?)
- Busca do essencial, ao eliminar o que parecer trivial (afinal, qual a ideia essencial do texto para se atingir o objetivo da leitura?)
- Avaliação acerca do texto: ele é coerente interna e externamente, além da coerência com o conhecimento prévio do leitor (esse texto tem sentido?)
- Revisão, síntese e autoquestionamento constantes para comprovar a compreensão (qual a ideia principal se pode extrair do texto?)
- Realização de inferências, interpretação, levantamento hipóteses, previsões e conclusões (como solucionar um problema?)

Nas estratégias realizadas anteriormente ao ato da leitura, a autora aponta, ainda, algumas ideias necessárias sobre a leitura. Muito mais do que estratégias e técnicas, a leitura é um instrumento de aquisição de conhecimento e informação, não devendo ela ser considerada uma atividade competitiva. Quem não tem prazer pela leitura não consegue transmitir esses sentimentos aos demais, pois leitura é partilha. Além disso, é importante motivar, de forma que essa habilidade desperte o interesse das (os) discentes, pois a leitura é uma forma de aprendizado. No momento em que ela é desenvolvida, estimula o questionamento, as anotações e habilidades que auxiliam na compreensão leitora. Ativar os conhecimentos prévios também é uma forma de facilitar essa ação, estimular o levantamento de hipóteses que contribuem para o entendimento do que se lê;

Esses procedimentos de leitura podem ser utilizados em todas as etapas do ensino de leitura e é uma possibilidade de mediar o aprendizado do alunado de tal forma que proporcionem a eles a construção de saberes. Para o desenvolvimento das atividades relacionadas à leitura dos cordéis, a utilização dessas estratégias, bem como os procedimentos realizados antes do desenvolvimento das atividades, serviram como base para auxiliar as (os) discentes no processo de leitura com significância.

Em relação às estratégias realizadas após a leitura, Solé (1998) salienta três perspectivas importantes para esse momento: a identificação da ideia principal (os conhecimentos prévios relacionados as informações transmitidas pelo autor), o resumo (identificação das ideias principais de um texto, omitindo aspectos pouco relevantes, sem perder seu sentido) e a formulação de perguntas e respostas (recursos que demonstram que houve leitura ativa pois, ao formular perguntas sobre o que foi lido, alunas e alunos demonstram que houve apreensão das ideias do texto), aspectos importantes para mediar o aprendizado de educandas e educandos e proporcionar formas de auxiliar o leitor a tornar-se proficiente.

2. A IMPORTÂNCIA DOS TEXTOS LITERÁRIOS EM SALA DE AULA

Hoje, se me pergunto por que amo a literatura, a resposta que me vem espontaneamente a cabeça é: porque ela me ajuda a viver.

Tzvetan Todorov

A utilização da literatura em sala de aula tem um papel transformador, pois oportuniza a inserção de alunas e alunos nas diversas possibilidades dialógicas e reflexivas de um texto. Há uma discussão sobre a distinção do texto entre literário ou não literário. Savioli & Fiorin (2006) entendem que é preciso desconsiderar qualquer critério que se fundamente nessa perspectiva, pois não há exclusividade contenedora da literatura, uma vez que estes textos privilegiam as temáticas que estão vigentes no período e seu conteúdo não delimita a linha existente entre a literariedade ou não literariedade. Para esses teóricos, o texto literário possui um aspecto estético, ao passo que o não literário, tem a função de informar, convencer, explicar, responder e ordenar. A relevância do plano da expressão serve não apenas para veicular conteúdos, mas para criá-los em sua organização. Nesse sentido,

[...] quem escreve um texto literário não quer apenas dizer o mundo, mas recriá-lo nas palavras, de forma que, nele, importa não só o que se diz, mas também o modo como se diz. A mensagem literária é autocentrada, isto é, o autor procura recriar certos conteúdos na organização da expressão. Múltiplos recursos são usados para isso: ritmos, sonoridades, distribuição de sequências por oposições e simetrias, repetição de palavras ou de sons (rimas) etc. (SAVIOLI & FIORIN, 2006, p.361).

O texto literário também tem como aspecto básico a sua postura abstrata e é impossível modificá-lo sem que haja perda de seu sentido, diferente do não literário, que pode ser alterado sem transformar suas particularidades. É uma inesgotável fonte de inspiração para despertar uma sensibilidade que auxilia a analisar e até mesmo questionar o nosso contexto social. Além disso, é conotativo e cria novos significados, ao contrário do texto não literário, que visa aspectos denotativos. Nas aulas de Língua Portuguesa, o uso da literatura constitui um fator importante para o desenvolvimento estudantil. Atividades com textos literários devem estar agregadas às práticas que acontecem cotidianamente nos ambientes escolares, uma vez que separar a literatura e a língua portuguesa com as práticas escolares prejudicariam os desdobramentos da língua vernácula.

A importância de inserirmos a prática da leitura através da literatura mostra que ela pode auxiliar discentes nesse processo de construção da competência leitora. Lajollo (2000) também concebe a ideia da Literatura como criação ao afirmar que ela “Cria da existência plena ao que, sem ela, ficaria no caos do inominado e conseqüentemente do não existente para cada um. E, o que é fundamental, ao mesmo tempo em que cria aponta para o provisório da criação o mundo da Literatura, como o da linguagem, é o mundo do possível (LAJOLLO, 2000. p. 43).

Sobre a necessidade da utilização de textos literários em sala de aula, os PCN de Língua Portuguesa recomendam que atividades com texto literário estejam introduzidas às práticas diárias da sala de aula, pois trata-se de uma forma própria de conhecimento”. (BRASIL, 1997 p. 29). A leitura de textos literários traz ao leitor a possibilidade do contato com o jeito singular do encanto, da fantasia, da arte através da palavra.

É importante ressaltar que o texto literário é o estímulo à prática da leitura, enriquecimento vocabular e amadurecimento de ideias. Sua leitura possibilita o contato com a arte da palavra, a estética da criação artística, a riqueza da ficção, da fantasia e do sonho, que nos traz originalidade e encanto. Porém, o ensino da literatura nas escolas, muitas vezes, é esquecido ou utilizado como complemento das aulas de língua portuguesa, sem preocupação na formação de leitores autônomos. A escola é o espaço onde crianças e jovens passam considerável parte de seu dia e é ela que pode proporcionar o acesso à literatura. Dessa forma, é responsável pelo processo de valorização e acesso a obras e autores.

O letramento literário, expressão utilizada ao longo dessas reflexões, abre uma variedade de possibilidade para a leitura reflexiva. As literaturas popular e afrodescendente, por exemplo, são vertentes que propiciam um espaço de aprendizado. Ao oportunizar que educandas e educandos tenham acesso a uma leitura diferente daquelas que nós, educadores, estamos acostumados, poderá despertar nelas (es) o interesse e a interação entre esses textos e, como consequência, a prática da leitura.

Ao acompanhar o desenvolvimento da sociedade, estudos acerca da literatura brasileira contemporânea ganham espaço, pois essas análises abarcam uma infinidade de obras e de gêneros por possuir uma variedade de influências e vozes histórico-sociais. Desenvolver atividades pautadas em textos literários é uma forma de exercer a criticidade nas inúmeras produções existentes. Para Bakhtin,

Em cada época de sua existência histórica a obra é levada a estabelecer contatos estreitos com a ideologia cambiante do cotidiano, a impregnar-se dele e alimentar-se da seiva nova secretada. É apenas na medida em que a obra é capaz de estabelecer um vínculo orgânico ininterrupto com a ideologia do cotidiano de uma determinada época, que ela é capaz de viver nesta época (é

claro, nos limites de um grupo social determinado). (BAKTHIN, 1998, p. 119).

O uso de uma variedade de textos literários é uma alternativa de busca do letramento literário. Fornecer acesso a essas obras pode ser o convite que as (os) discentes precisam para produzir conhecimento e, auxiliados pela sua vivência social, auxiliam na formação do sujeito - leitor.

Uma das preocupações da escola de aplicação da proposta, a partir da análise do plano de curso da disciplina Língua Portuguesa, é a inclusão de obras literárias nas atividades diárias. Na prática, observo que realmente existe essa preocupação de proporcionar acesso a obras literárias, principalmente no universo escolar e sua leitura é uma prática constante, principalmente ao usar contos, crônicas, fábulas, poemas e poesias. Como a liberação de estudantes da instituição acontece, impreterivelmente, nos horários estabelecidos pela secretaria municipal de educação, as (os) estudantes, na falta de qualquer docente, permanecem no interior da instituição e são direcionados para a biblioteca para que escolham livros que despertaram sua curiosidade e possam se familiarizar com ele. Geralmente, levam-nos para casa e a regularidade que esses materiais saem da dependência escolar é grande, principalmente entre discentes do turno matutino. Porém, o efeito ainda não surtiu o esperado pois, apesar da leitura, esta não tem uma continuidade de socialização, pois cada estudante escolhe um gênero textual para ler e a (o) docente, com o objetivo de compensar sua falta e cumprir o cronograma escolar, não promove essa discussão. Todavia, a perspectiva é que agora essa problemática seja solucionada, pois foi instituída, em concomitância às ideias da secretaria estadual de educação, o período letivo dividido em três unidades. A ideia é que docentes e discentes tenham mais tempo para desenvolver as atividades realizadas nas escolas, sem a correria do final de ano. Revitalizar esse espaço, principalmente nas aulas de Língua Portuguesa, é uma estratégia de estimular cada vez mais as (os) estudantes a tornarem-se autônomos nas escolhas do texto que será lido, socializado e discutido em sala de aula.

2.1 ETAPAS DO LETRAMENTO LITERÁRIO NA FORMAÇÃO DO LEITOR

Vários questionamentos surgem nas reuniões pedagógicas, que objetivam melhorar o desenvolvimento sociocognitivo de discentes. Dentre elas, docentes de língua portuguesa procuram respostas sobre como promover a leitura literária em sala de aula, formar estudantes leitores e que estes realmente compreendam o que leem, ou conciliar a prática da leitura em

uma realidade de divisão de interesse e atenção com as novas tecnologias. Além destas, a pergunta que constantemente ouvimos e não temos uma resposta concreta: por que grande parte do alunado não se interessa pela leitura? Um dos principais desafios da licenciatura é superar as dificuldades encontradas nas aulas de leitura.

O teórico Rildo Cosson, na obra intitulada *Letramento literário: teoria e prática*, defende a ideia da diferença existente entre o letramento literário e a leitura literária por fruição. O letramento literário, por ser uma prática social, é uma responsabilidade da escola e vai além de uma simples leitura, pois fornece instrumentos imprescindíveis para a promoção da articulação em um mundo feito de linguagem. Desse modo, não podemos solicitar a leitura de obras literárias e exigirmos as respostas através de atividades avaliativas ou escrita de fichas de leitura, e sim desenvolver as questões relacionadas ao processo sociocognitivo da leitura.

Para Cosson (2009), três são as etapas necessárias que devem ser vistas como um processo linear para que ocorra o processo de leitura. Primeiramente, a antecipação, que equivale aos objetivos traçados para a leitura. Afinal, o que leitores esperam ao escolher a leitura: satisfação, curiosidade ou conhecimento? Em resumo, seriam as diversas possibilidades antes da leitura. Em seguida, a decifração que é a leitura propriamente dita e, finalizando, a interpretação, que é a criação de sentido textual e acontece através do diálogo entre leitor, autor e texto. Reflete ainda o autor que o uso da literatura é uma estratégia de comunicação para a construção de leitores. Para que isso aconteça, é necessário que a literatura aconteça em sala de aula a partir da análise do que é conhecido para se chegar ao desconhecido. Nessa perspectiva, o sujeito leitor construirá um sentido do que está sendo lido. Para ele, há duas formas para desenvolver atividades a partir da literatura: a sequência básica e a sequência expandida, mas uma é o complemento da outra.

A motivação é a primeira etapa descrita por Cosson na sequência básica. Consiste na preparação para que discentes sejam inseridos na trama do texto e geralmente deve acontecer de uma forma lúdica para estimular a leitura. O diálogo, nessa primeira etapa, é de considerável importância, uma vez que ativa os conhecimentos prévios, socializa informações, ouve e analisa opiniões. Nesse sentido, propiciar oportunidade da (o) aluna (o) conhecer o texto, levantar hipóteses, concordar ou discordar é mediar o seu conhecimento. Entendo as salas de aula como ambientes onde acontecem as diversas interações sociais; é, nesse espaço em que ocorre o processo ensino - aprendizagem, a mediação docente assume, pois, um importante papel. A motivação é uma estratégia determinante para que a aprendizagem seja exitosa e diminui a concepção que a leitura é uma prática monótona e desinteressante.

Posterior a essa etapa, a introdução é um método de inserir o alunado no contexto da obra. O que Cosson chama de “intervalos” tem como base a análise do texto, com solução de dúvidas relacionadas ao vocabulário ou partes do texto. No desenvolvimento das atividades, a apresentação de autoras (es), sua obra, a função dela no meio social feita de forma dinâmica auxiliam o alunado a compreender o texto que será lido. Contextualizar a obra a partir da realidade estudantil representa um meio de atrair a atenção e auxiliar na compreensão leitora. A terceira etapa da sequência diz respeito ao processo de leitura, de forma que a (o) docente auxilie o alunado nas dificuldades que poderão surgir. Cosson analisa que, se a leitura for extensa, é interessante que esta seja realizada em outro ambiente que não seja a sala de aula, a exemplo de salas de estudo, biblioteca ou em casa, por um período determinado mesmo. Todavia, o que percebemos é que a sala de aula, geralmente, é o espaço onde as (os) alunas (os) leem, uma vez que não veem tal prática tão importante. Assim mesmo, é importante incentivar e solicitar a apresentação do resultado das leituras realizadas. Em forma dialógica, mediar essa proposta, chamada pelo autor de intervalos, não deve depender somente do tamanho do texto, mas do próprio processo de letramento literário. O último passo dessa sequência é a interpretação. Para essa etapa, Rildo Cosson (2009) compreende que ela é dividida em dois momentos: o interior e o exterior. O primeiro é individual, onde há o acompanhamento da obra palavra por palavra, até chegar à apreensão global da obra, que se realiza logo após terminar a leitura. Já o segundo é a concretização propriamente dita do ato de ler.

A sequência expandida, outra orientação prática feita pelo professor Cosson, faz uso das mesmas etapas contidas na sequência básica, porém, expandidas no momento de interpretação: a compreensão global dos textos e o aprofundamento do aspecto mais relevante contido no texto e que atendam aos propósitos docentes. Na fase de expansão da sequência, Cosson salienta que é essencial destacar os processos de intertextualidade, a partir da exploração dialógica existente com outras possíveis com outras obras. Esta sequência foi idealizada pensando no desenvolvimento e classes do ensino médio.

Para a aplicação e desenvolvimento da intervenção, me baseei nas ideias do professor Rildo Cosson para atingir o objetivo principal: a concretização da leitura. A motivação é uma etapa elementar para atrair a atenção e afastar a ideia da leitura monótona. O uso dessa estratégia foi de grande importância para despertar o interesse em ler as informações contidas no varal de leitura⁴. A partir dessa atividade, inserir questões relacionadas a afrobrasilidade, em especial ao papel social da mulher, tornou-se mais significativo tanto para mim quanto para a interação na

⁴ Atividade explicada na quarta seção desta proposta

sala de aula. Ao introduzir as temáticas abordadas e o principal gênero utilizado, o levantamento de hipóteses, a leitura de textos que serviram como suporte, a utilização da música auxiliaram alunas e alunos a socializar saberes. Pesquisar a autora dos cordéis e suas obras foram procedimentos que só surtiram efeito porque houve estímulo e, apesar da ideia de que para ser aula seria preciso escrever no quadro, o uso de aparelhos tecnológicos serviram para ajudar, naquele momento, a desmitificar tal concepção. No momento intitulado de intervalo por Cosson, a leitura coletiva serviu para que as dúvidas, principalmente em relação aos vocábulos, fossem tiradas e a compreensão leitora acontecesse e discentes, voluntariamente, propusessem mudanças na atividade final da sequência.

Após contato com essa teoria, percebo que o letramento literário não acontecia em minhas aulas e, por conta disso, não atraía a atenção leitora. A literatura, nas aulas de língua portuguesa, servia, geralmente, como pretexto para o ensino da gramática. Em uma ação mais pontual, a exemplo de propostas de leitura, tinha a ideia de que poderia despertar em alunas e alunos o interesse pela leitura. Tinha ainda a concepção que a autonomia dada para que escolhessem os livros a serem “interpretados” não surtia efeito, pois era uma diversidade de obras que não poderia ser contemplada na quantidade de aulas que eu tinha.

Agora não mais acredito na ideia de que aquele alunado não lê por não gostar, até porque a leitura de materiais que são de interesse (a exemplo da leitura existente em redes sociais) são lidos e discutidos. Há, sim, a necessidade de construção da concepção de leitura a partir do diálogo, da motivação e da relação entre autor, texto e leitor no contexto social e escolar onde essas (esses) estudantes estão inseridas (os). Ou seja, talvez a obra utilizada por mim não desperte na turma o desejo de leitura reflexiva e quando a escolha parte das (os) estudantes, a possibilidade de uma prática exitosa é maior.

No que diz respeito à avaliação, Cosson (2009) nos alerta para compreender a literatura como uma experiência e não como conteúdo que se avalie. Ao refletir sobre minha prática docente, percebo que caía no erro de reforçar a ideia quantitativa no alunado. Esse modelo que é absorvido na dinâmica escolar, talvez como estratégia de forçar a (o) aluna (o) a estar atenta (o), ajuda a aumentar as dificuldades presentes nesse processo de aprendizagem. A prática pedagógica de docentes do ensino básico é diariamente desafiada quando nos deparamos com a realidade comum nas instituições públicas de ensino e, equivocadamente, condicionamos nossas (os) educandas (os) a realizarem suas atividades sob a ótica da promoção através da nota quantitativa. E esta (este), ao alcançar a média, não vê importância em aprender, pois já “*está passada(o)*” na disciplina. Por esse motivo, a expressão “*vale nota, professora?*” é tão utilizada na sala de aula.

É importante que, antes de fomentar no alunado a ideia de que o quantitativo é consequência do que foi apreendido durante a atividade e a nota é uma exigência do sistema, reavaliemos nossos métodos para auxiliar a apreensão de conhecimentos da (do) estudante. Ao rever nossos conceitos, alunas e alunos poderão compreender que a aprendizagem é fator preponderante no contexto social e a exigência de notas, em certos momentos, torna-se uma prática enganosa de estudo, já que não comprova que aconteceu efetivamente o aprendizado. Em certos casos, o uso da nota torna-se, sim, um instrumento de poder e autoritarismo por parte do docente que, talvez por insegurança ou como forma de garantia de silêncio e atenção desenvolvimento de suas atividades, utiliza em suas aulas e prejudica consideravelmente a (o) aprendiz, tornando-as aulas sem relevância e a (o) estudante sem interesse em assimilar o que está sendo explicado.

2.2 A APLICABILIDADE DAS LEIS 10.639/03 E 11.645/08 NO AMBIENTE ESCOLAR

A Lei 10.639, datada em 09 de janeiro de 2003, versa sobre o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana, ressalta a importância da cultura negra na formação da sociedade brasileira. Alterada, pela Lei 11.645, de 10 de março de 2008, torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira, africana e indígena em todas as escolas, públicas e particulares, do ensino fundamental até o ensino médio. Configura-se, portanto, como uma proposta de discutir, no ambiente escolar, o legado que a figura negra nos traz, além de possibilitar desconstruir a visão eurocêntrica na educação brasileira.

Historicamente, as discussões relacionadas à questão afro-brasileira e africana foram defendidas através da Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961, na primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) e foi o passo inicial que determinou a “condenação a qualquer tratamento desigual por motivo de convicção filosófica, política ou religiosa, bem como quaisquer preconceitos de classe ou de raça”. (BRASIL, 1961, s.p.). Apesar da iniciativa, não contemplou aos anseios da população negra, uma vez que não norteou para o combate do preconceito das relações sociais e valorização da cultura negra.

Os PCN, elaborados em 1995 e distribuídos no ano de 1997, vieram com a proposta de atender às demandas educacionais brasileiras. Editados em dez volumes, consta no seu décimo livro a temática pluralidade cultural, definida como transversal no currículo e, apesar de estar incluída nas bases comum e/ ou diversificada, não conseguiu contemplar os desejos de negras e negros. Nesse volume, a proposta é:

(...) o conhecimento e à valorização de características étnicas e culturais dos diferentes grupos sociais que convivem no território nacional, às desigualdades socioeconômicas e à crítica às relações sociais discriminatórias e excludentes que permeiam a sociedade brasileira, oferecendo ao aluno a possibilidade de conhecer o Brasil como um país complexo, multifacetado e algumas vezes paradoxal. (BRASIL, 199, p 121).

Apesar da intenção, os parâmetros não tiveram o efeito desejado. Com isso, a LDB nº 9394, de 20 de dezembro de 1996, tentou diminuir as discrepâncias existentes entre as populações, estabelecendo os seguintes princípios:

- a) o respeito aos valores culturais como princípio constitucional da educação, tanto quanto da dignidade da pessoa humana;
- b) a garantia da promoção do bem de todos, sem preconceitos;
- c) a prevalência dos direitos humanos e o repúdio ao racismo;
- d) a vinculação da educação com a prática social (BRASIL, 1996, s.p.)

Para que houvesse a inclusão de conteúdos e atividades sobre essa temática, foram alterados os artigos 26-A e 79-B, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9.394/96, determinando a obrigatoriedade de estudos relacionados a cultura afro-brasileira e africana e passando a vigorar com as seguintes alterações:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura AfroBrasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinente à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como 'Dia Nacional da Consciência Negra' (BRASIL, 2003. n.p.).

Em 10 de março de 2004, após luta do Movimento Negro, são aprovadas as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino e Cultura Afro-Brasileira e Africana (DCNERER), através da Resolução CNE/ CP 01/04, cujo objetivo era propor o diálogo e orientação de uma educação igualitária, com valorização e reconhecimento das raízes afro-brasileiras:

[...] o direito dos negros se reconhecerem na cultura nacional, expressarem visões de mundo próprias, manifestarem com autonomia, individual e coletiva, seus pensamentos. É necessário sublinhar que tais políticas têm, também, como meta o direito dos negros, assim como de todos cidadãos brasileiros, cursarem cada um dos níveis de ensino, em escolas devidamente instaladas e equipadas, orientados por professores qualificados para o ensino das diferentes áreas de conhecimentos; com formação para lidar com as tensas relações produzidas pelo racismo e discriminações, sensíveis e capazes de conduzir a reeducação das relações entre diferentes grupos étnico-raciais, ou seja, entre descendentes de africanos, de europeus, de asiáticos, e povos indígenas. Estas condições materiais das escolas e de formação de professores são indispensáveis para uma educação de qualidade, para todos, assim como o é o reconhecimento e valorização da história, cultura e identidade dos descendentes de africanos. (BRASIL, 2007. p. 31)

Em 10 de março de 2008, a Lei nº 11.645 alterou esse artigo para contemplar no currículo escolar, merecidamente, os conteúdos referentes aos povos indígenas. Esta Lei amplia a esses nativos os direitos conquistados pelo movimento negro. Nesse sentido, passou a vigorar com a seguinte redação:

Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras. (BRASIL, 2008).

Nesse sentido, a aplicabilidade dessas leis vem com a proposta de tentar arrefecer a desvalorização das culturas afro-brasileiras e indígenas, descortinando visões preconceituosas, distorcidas e discriminatórias a esses povos. Relacionado ao campo educacional, é uma tentativa importante de incluir, no livro didático, essas discussões pois, ao ratificar com as palavras de Ana Célia Silva (2007. p. 23), que entende que “o livro didático, de um modo geral, omite ou apresenta de uma maneira simplificada e falsificada do cotidiano, as experiências e o processo histórico-cultural de diversos segmentos sociais, tais como a mulher, o branco, os negros, os indígenas e os trabalhadores, entre outros”, percebo que esse material, o recurso mais acessível nas escolas públicas é, muitas vezes a principal fonte de leitura para alunas e alunos.

Em relação à cultura afro-brasileira, as personagens ali retratadas são geralmente estereotipadas e desvalorizadas.

A última atualização ocorreu em março de 2017, por meio da Lei nº 13.415 que segundo a visão do governo federal, visa promover melhorias para a educação de nossa sociedade. Nesse sentido, isenta a obrigatoriedade a aplicação da Lei no 10.639/2003 e 11.645/ 2008 no sistema educacional, que instituía a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Básica.

Ao tomar como base a escola de atuação dessa proposta, compreendo que parte considerável de alunas e alunos afrodescendentes possui dificuldade em se afirmar enquanto negras e negros. É uma resposta à falta de referenciais positivos nas personagens retratadas em uma parcela dos livros didáticos em relação à história afro-brasileira e africana. Nessa perspectiva, a autoafirmação e autoestima das (os) discentes ficam abalados, abrindo espaço para situações envolvendo a deturpação da figura negra, uso de expressões preconceituosas, estereotipia e discriminação, além do preconceito relacionado a religião afrodescendente, desvalorizada com palavras e expressões depreciativas.

A escola é o agente transformador que pode disseminar ideias de valorização da cultura da sociedade de forma mais efetiva, pois ela é o principal agente articulador de transformações, pois auxilia as (os) discentes a conhecer a história do povo negro e, porque não dizer, sua história. Acredito que essa mudança na Lei venha arrefecer o debate acerca das questões relacionadas à política de enfrentamento de posturas preconceituosas e racistas, todavia, ao pregar a ideia de uma educação de qualidade a educandas e educandos, na medida do possível, não me furtarei a promover reflexões acerca de tão importante temática.

2.3 A LITERATURA AFROBRASILEIRA COMO FORMA DE TRANSFORMAÇÃO DA SOCIEDADE

A obrigatoriedade do Ensino da Cultura Afro-Brasileira no ambiente escolar vem com o propósito de auxiliar na conscientização e respeito das relações etnicorraciais, abordando assuntos como a História Brasileira e a Literatura Afro-Brasileira, que devem ser aplicadas na prática pedagógica. Segundo o Parecer CNE/CP 003/2004 (DCN, 2013, p. 32), em seu artigo 3º, “A Educação das Relações Étnico-Raciais e o estudo de História e Cultura Afro-Brasileira, e História e Cultura Africana será desenvolvida por meio de conteúdos, competências, atitudes e valores, a serem estabelecidos pelas Instituições de ensino e seus professores (...)”. A elaboração do Plano Nacional das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das

Relações Étnico-Raciais e para o Ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, cujo objetivo foi direcionar discussões acerca da diversidade étnica e o enfrentamento das desigualdades existentes no espaço escolar.

O Brasil é o segundo país de maior população negra do mundo, sendo que, o primeiro é a Nigéria. De acordo com o Censo do IBGE de 2010, constatamos que 54 % da população do País é negra. Na Bahia, 76,3% são autodeclarados pretos e pardos e em Cruz das Almas, 68,3% se declaram afrodescendentes⁵. Nesse sentido, é importante que assuntos relacionados à afrobrasilidade seja componente dos estudos escolares com o objetivo de auxiliar educandas e educandos a tornarem-se cidadãs e cidadãos atuantes em uma sociedade multicultural e pluriétnica como a nossa, de forma que haja reflexão sobre as relações etnicorraciais presentes em nossa sociedade.

No que concerne à importância da literatura afro-brasileira nas instituições de ensino, é importante frisar que ela é a possibilidade de quebrarmos paradigmas e silêncios que nos são impostos pela visão eurocêntrica que, muitas vezes ainda se fazem presentes, nos livros didáticos. Além disso, essas leituras estimulam a compreensão de questões envolvendo raça, pertencimento, fortalecem a autoestima e combatem ideias de preconceito e racismo e propiciam posturas reflexivas acerca da diversidade presente em nosso meio social.

O uso da literatura afro-brasileira é uma forma de apresentar ao alunado a visão humana de autores negros pelo seu povo e sua cultura, seu combate ao preconceito e racismo que muitas vezes ocorrem de forma velada. A afro-literatura configura-se como uma forma de possibilitar a alunas e alunos o acesso às relações sociais presentes em suas produções, além de adentrar em um universo de saberes necessários para uma postura autônoma de leitura reflexiva sobre as relações etnicorraciais de nossa sociedade. O uso da expressão afro-literatura é defendida pelas teóricas Souza, Lisboa de Sousa e Pires (2005) que a compreendem como texto que:

(...) possui uma enunciação coletiva, ou seja, o eu que fala no texto traduz buscas de toda uma coletividade negra; propõe (e se propõe como) uma releitura da história de nosso país; traduz uma ressignificação da memória do povo negro brasileiro; realiza fissuras nos textos que representam o discurso hegemônico da nacionalidade brasileira; se caracteriza por um processo de reterritorialização da linguagem, ocupando lugares e desmontando estereótipos; se configura como narrativa quilombola, porque realiza verdadeiras manobras de resistência: é pouco disseminada e sofre boicote de editores e distribuidores; no entanto, sua produção é constante e bem extensa. Trabalho com esse novo padrão estético-étnico-racial e cultural pode ocorrer de modo paulatino, porém mostra-se eficaz. (SOUZA, SOUSA E PIRES, 2005, p. 01).

⁵ Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Nesse sentido, é uma literatura que apresenta discussões e visões voltadas para a afirmação do povo negro, que possibilitem a acessos às histórias exitosas de negras e negros, seus costumes, mitos e o universo cultural que permeiam essas figuras, vistas sem estereotipia e que ajude positivamente no processo identitário e de valorização da autoestima de seus leitores.

Apesar de, notoriamente, percebermos em várias leituras a existência, explícita ou sutil, do preconceito, textos voltados ao público infantil e juvenil vêm com a proposta de romper as representações pejorativas e ridicularizadas que inferiorizam a cultura afro-brasileira. Proporcionar essa diversidade nas salas de aula através da literatura é uma forma de auxiliar educandas e educandos a construírem sua identidade. Oferecer esse reconhecimento da importância da afrobrasilidade por meio de obras literárias poderá garantir a diminuição de ideias equivocadas acerca da invisibilidade, submissão e discriminação negra.

O legado da afro-literatura brasileira constitui um importante elemento de valorização da cultura, ancestralidade e preservação da figura negra na formação da nossa identidade. A possibilidade de acesso à história de personagens negras que fizeram parte do processo de construção de um Brasil plural é algo que não podemos negar aos nossos discentes. O combate ao desrespeito e a intolerância racial começa a partir de situações dialógicas e a literatura, mais do que tudo, permite e oferece materiais propícios para a reflexão. O estudo dessa literatura é uma maneira de arrefecer as desigualdades existentes em nosso meio social, uma vez que a literatura, além de poder libertar, transforma.

2.4 A POESIA POPULAR NA LITERATURA DE CORDEL

Antes de discorrer sobre o cordel, é importante traçar uma breve explanação acerca de sua definição enquanto gênero textual ou gênero discursivo. As discussões que permeiam essa questão começaram a surgir a partir do século XX, quando os gêneros textuais ganharam visibilidade, pois emergiu a necessidade de estabelecer uma classificação de acordo com as particularidades dos mais diversos textos que circulavam em nosso meio social.

Segundo a teoria bakhtiniana, os gêneros do discurso são tipos relativamente constantes de enunciados presentes em cada atividade realizada pelo homem através da comunicação. Para este teórico,

[...] A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que

cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo. (BAKHTIN, 2011, p. 263).

Koch e Elias (2006) denominam os gêneros textuais como práticas sócio comunicativas que possuem determinada função de acordo com a atuação humana e compreendem que os gêneros, por serem dinâmicos sofrem variações, resultando em novos gêneros. Marcuschi (2002) analisa a impossibilidade da comunicação verbal se não for por meio de algum gênero ou texto. Assim, define o gênero textual como “uma noção propositalmente vaga para referir os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sócio-comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica” (MARCUSCHI, 2002, p. 22-23).

As discussões relacionadas ao gênero são amplas e complexas, porém, o objetivo deste trabalho é reforçar a importância de utilização do gênero textual cordel em sala de aula. O trabalho com gêneros textuais, para os PCN, é uma forma de auxiliar o alunado em sua proficiência em relação à leitura e seu desenvolvimento linguístico. E o cordel, poesia popular de gênero oral ou escrito, fornece informações, histórias e opiniões de forma dinâmica e criativa, com uma variedade de temas que proporcionam o acesso ao conhecimento nas mais diversas áreas. A origem de suas histórias, reais ou imaginárias, são interpretadas segundo a ótica dos cordelistas. Em uma entrevista com a escritora Jarid Arraes, ao ser questionada como aconteceram os estudos para a produção dos cordéis, esta respondeu que a análise primeira foi realizada através de trabalhos acadêmicos, onde teria acesso a dados históricos registrados e confiáveis. Porém considerou a ideia que o conhecimento não está só na Academia, pois muitas personagens por ela retratada estavam presentes no imaginário e na narrativa popular. Pela oralidade, muitas histórias sobreviveram, mesmo com o apagamento desses registros na história oficial.

A ampliação de saberes, relacionados à cultura popular, pode oportunizar uma diversidade de discussões sociais, políticas e culturais, além do (re)conhecimento de personagens que fizeram ou fazem parte de nossa sociedade plural. Coaduno, nesse aspecto, com os ideias dos PCN ao afirmar que é necessário promover o desenvolvimento do potencial crítico do alunado ao proporcionar meios para que ampliem competências e conhecimentos necessários à utilização da língua e propõem que, no ensino da Língua Portuguesa, considerem os gêneros textuais para:

[...] contemplar, nas atividades de ensino, a diversidade de textos e gêneros, e não apenas em função de sua relevância social, mas também pelo fato de que

textos pertencentes a diferentes gêneros são organizados de diferentes formas. A compreensão oral e escrita, bem como a produção oral e escrita de textos pertencentes a diversos gêneros, supõem o desenvolvimento de diversas capacidades que devem ser enfocadas nas situações de ensino. É preciso abandonar a crença na existência de um gênero prototípico que permitiria ensinar todos os gêneros em circulação social. (BRASIL, 1998, p.23, 24)

A literatura de cordel é um tipo de poesia impressa e divulgada em folhetos e imagens feitas através de diversas formas, a exemplo da xilogravura. É um gênero literário popular, que existe em outros países além do Brasil. Acredita-se que essa poesia chegou em terras brasileiras a bordo das tripulações portuguesas em meados do século XIX. Seu nome é proveniente dos poemas originalmente orais e, posteriormente, impressos, que eram pendurados em um tipo de barbante, denominado cordinha ou cordão e presos por um pregador de roupas.

Em relação à estrutura, o cordel pode ser dividido em quadra (quatro versos), sextilha (seis versos), septilha (sete versos), oitava (oito versos), e décima (dez versos). No ambiente escolar, os cordéis utilizados possuem seis versos e oito sílabas em cada estrofe. Com temáticas variadas suas obras, antigamente, utilizavam termos considerados preconceituosos e pejorativos, principalmente em relação a mulher ou ao negro. Com a visão estereotipada de que eram vilões, o destino seria a desmoralização ou a morte. Em tempos atuais, as temáticas relacionadas a essas duas vertentes se voltam para a valorização e o empoderamento. Por ter uma forte aspecto cultural, pois relata as tradições de um povo, o cordel possibilita a continuação das manifestações folclóricas, a identidade local e tradição literária da região.

Entendo a literatura de cordel como uma possibilidade de contribuir para o aprendizado de estudantes, pois apresenta uma visão de mundo que pode (ou não) ser parecida com a realidade de alunas e alunos e provocar uma série de reflexões dentro da realidade onde vivem ajudando, conseqüentemente, na prática da leitura. Além de ser um instrumento de lazer e poesia, também fornece discussões de cunho político e social.

A aprendizagem a partir do cordel nas escolas ainda não é explorada de forma merecida e a ideia de uma leitura simples, auxilia no desconhecimento de uma variedade cultural e linguística através da literatura e oportuniza conhecer e resgatar nossa origem cultural. Essa poesia popular conta histórias de forma dinâmica, criativa e ritmada, proporcionando a alunas e alunos o acesso a ludicidade, interação, ritmo e as diversas particularidades que esse gênero nos proporciona. Além do entretenimento e acessibilidade, o cordel incentiva jovens e adultos no desenvolvimento da leitura e possibilidade de conhecer nossa rica variação linguística, através de uma leitura prazerosa e divertida.

Oferecer a literatura de cordel nos ambientes de ensino é uma estratégia de motivar a leitura de estudantes, uma vez que a poesia popular retrata aspectos de um povo, além de debater temáticas como solidariedade, combate às drogas, sustentabilidades, humana e ambiental, religiosidade, valores e problemas sociais. É dar oportunidade de acesso e preservação de histórias de um povo através da sensibilidade do artista, estimular a criatividade, ritmo e musicalidade constantes nesse gênero textual e até mesmo instigar o alunado a produzir, confeccionar e divulgar as obras criadas.

Ao socializar o gênero que seria utilizado para o desenvolvimento das atividades, notei que uma boa parte dos alunos não deu a importância que eu esperava. A ideia de uma leitura simples, que não tinha muita coisa a oferecer foi exposta por algumas falas. Porém, essa concepção, aos poucos, foi mudando à medida que a classe teve acesso ao conteúdo das histórias retratadas e, no final, uma parcela relevante de estudantes se empolgou na leitura. Como consequência, as atividades respondidas alcançaram o esperado.

3 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA: PERCURSO METODOLÓGICO

Grande parte das instituições públicas de ensino, na prática, não consegue oferecer aos seus alunos a formação necessária para que ele desenvolva de forma autônoma a leitura, a compreensão leitora e a produção escrita. Percebemos o quanto as escolas são defasadas nesses aspectos e têm uma batalha constante com outras atividades consideradas por esse alunado mais atrativas e interessantes. Todavia, observamos experiências exitosas realizadas em salas de aula, além das experiências das propostas de intervenção, realizadas através do Mestrado Profissional em Letras que nos oferecem estratégias que possibilitam transformar esta realidade.

O colégio escolhido para o desenvolvimento dessa proposta prega valores pautados na escola como transformadora de vidas. E essa transformação deve desenvolver aspectos emocionais, formativos e reflexivos. Seu Projeto Político Pedagógico contempla essa ideia todavia, mesmo com esforço por parte das equipes pedagógica e docente, esses valores ainda não foram contemplados, de forma satisfatória, nas salas de aula, principalmente no que diz respeito à parte formativa, pois ainda temos um quantitativo de estudantes que está na distorção série/idade apesar do empenho na elaboração e execução de atividades voltadas para diminuir essa problemática.

A partir dessa realidade, fui instigada a desenvolver uma sequência didática que auxiliasse a aprendizagem das/dos estudantes de forma a explorar a literatura como valiosa formas de promoção para um educar de qualidade e da competência leitora de um modo geral.

3.1 A ATIVIDADE DIAGNÓSTICA

A atividade diagnóstica e os questionários socioeconômico e pedagógico, realizados em uma instituição pública de ensino na cidade de Cruz das Almas, tiveram como proposta analisar a leitura e a compreensão leitora de educandos do sétimo ano do ensino fundamental II, além de observar o perfil desse alunado inserido no contexto educacional. A proposta era que a turma realizasse a atividade em duas aulas, que não foram utilizadas em sua totalidade. Nesta seção, proponho averiguar os resultados obtidos através do diagnóstico dessa turma em relação à leitura e à compreensão textual no cordel intitulado *Discutindo a Lei 10.639 na sala de aula*, de autoria do cordelista baiano Antonio Carlos de Oliveira Barreto (Anexo A).

Na proposta de investigação, fiz uso de questões elaboradas a partir dos descritores contidos nos procedimentos de leitura com a proposta que as (os) discentes pudessem ler o texto e responder os questionamentos sugeridos. Divididos em cinco grupos principais, os descritores fundamentam-se na promoção da leitura e suas especificidades como possibilidade de oportunizar a leitura reflexiva do texto a ser explorado.

O Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA), desenvolvido pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), analisa se alunas e alunos com idade entre 14 e 15 anos conseguem, através de exames, reproduzir os conhecimentos adquiridos ao longo dos anos de estudo nas disciplinas Língua Portuguesa, Matemática e Ciências. No Brasil, esse diagnóstico é realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa (INEP) através da Prova Brasil em discentes do 9º ano das séries finais do ensino fundamental. Em relação à leitura, nosso principal foco, 50,99% do alunado está abaixo do nível 2 e 0,14% está no nível máximo e a Bahia encontra-se entre os 15 estados que ficaram abaixo do nível nacional. O nível 2 é o menor nível para a pessoa conseguir, através das habilidades da leitura, exercer a cidadania.⁶ Sob essa perspectiva, observarmos uma quantidade elevada de educandos que chega ao ensino fundamental II e somente decodifica as palavras sem construir o entendimento necessário para a promoção de seu conhecimento.

Ao objetivar desenvolver no ambiente escolar estudos acerca da história, da cultura afro-brasileira e indígena, bem como fomentar em estudantes reflexões relacionadas a esta temática, percebo que a Lei ainda não é cumprida, em sua totalidade, nas escolas brasileiras. Essa proposta poderá ser um instrumento contra situações preconceituosas e discriminatórias que acontecem nesse espaço. Ressignificar o sentido que educandas (os) têm acerca do entendimento e valorização da cultura afro-brasileira e indígena a partir da poesia popular que abordem esta temática é uma possibilidade de inserção de um aprendizado dinâmico e promissor.

Com o título **A MULHER NEGRA EM CORDÉIS DE JARID ARRAES: Uma proposta de compreensão leitora**, este material tem como intuito proporcionar à leitura crítica através das histórias de luta e resistência de mulheres negras ao longo de nossa história. A temática abordada é a valorização da mulher no processo de construção da identidade negra, através de cordéis da autora Jarid Arraes⁷. Esses cordéis possuem em média vinte e oito estrofes

⁶ Disponível em http://download.inep.gov.br/acoes_internacionais/pisa/resultados/2015/pisa2015_completo_final_baixa.pdf.

⁷ Jarid Arraes Batista nasceu em Juazeiro do Norte, na região do Cariri (CE), em 12 de Fevereiro de 1991. É escritora, cordelista e autora do livro “As Lendas de Dandara”. Atualmente vive em São Paulo (SP), onde criou

que relatam a vida dessas mulheres negras e a forma utilizada para sobreviver em uma sociedade escravocrata e discriminatória.

3.1.1 Caracterização da escola enquanto espaço de aprendizagem

O colégio escolhido para a aplicação da proposta está localizado no perímetro urbano da cidade cruzalmense. De fácil localização, acolhe alunas e alunos de seu entorno, além da clientela que mora na zona rural e/ou de bairros mais afastados. Desde o ano de 2015, também recebe um considerável número de estudantes oriundos de escolas particulares que são matriculados nas turmas que não possuem distorção série/idade e, cada vez mais, a quantidade de estudantes que são reprovados diminui. Todavia, ainda há um número expressivo, principalmente do sexo masculino, com idade destoante à série estudada.

Devido ao espaço físico, a instituição não consegue abarcar toda quantidade de solicitações de matrícula. A direção estipulou um teto de 36 a 38 alunas e alunos por sala, porém, os 6º e 7º anos possuem o maior quantitativo. Além disso, adotou a dinâmica de matricular turmas do 6º e 7º no turno matutino (exceto uma turma com alta distorção série/idade) e turmas do 8º e 9º no turno vespertino. No ano de 2016, a instituição atendeu a 533 discentes e em 2017, 560 estudantes foram matriculados.

A referida escola, ao visar auxiliar no desenvolvimento dos aspectos cognitivos e sociais de educandas e educandos, realiza projetos cujo principal objetivo é incentivar a leitura. Projetos como, Vencer lendo: cordelistas, encanto e riqueza do nosso Brasil, Mala de leitura, Consciência Negra e Encantamento infantil e juvenil através dos livros: a leitura na Biblioteca Municipal foram realizados em anos anteriores. Em 2017, Arte e xilogravura, visita ao centro histórico da cidade de Cachoeira - BA e um projeto literário foram inseridos no cronograma anual de atividades, além dos projetos das outras disciplinas. Além disso, o colégio instituiu o plantão pedagógico, que consiste em um dia inteiro, sem interrupção no horário do almoço, em que há o revezamento de professores no atendimento aos pais para que estes tenham ciência acerca do comportamento, notas e outros aspectos relacionados aos seus filhos. O resultado tem surtido efeito, pois os responsáveis tiram dúvidas diretamente com o professor. A adesão a essa

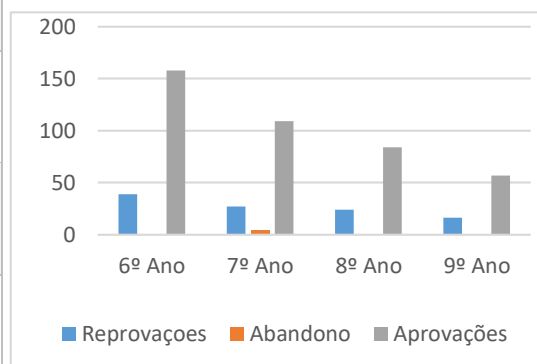
a Terapia Escrita, o Clube da Escrita Para Mulheres e o Clube Leitura Independente. Tem mais de 60 títulos publicados em Literatura de Cordel, incluindo a coleção Heroínas Negras na História do Brasil. Disponível em: <https://jaridarraes.com/sobre/>.

proposta é considerável e a sua relevância é reconhecida pelos participantes do processo de aprendizagem do alunado.

A estrutura física da instituição conta com oito salas de aula, biblioteca, refeitório, uma sala destinada à direção e vice-direção, sala de professores, secretaria escolar e, apesar de contar com cinco computadores, não possui sala de informática. A escola é de médio porte, tem internet banda larga, conta com uma quadra de esportes que está descoberta e precisa de reforma, possui área verde e pátio coberto, local onde acontecem diversas apresentações de projetos⁸

TABELA 1- Índices de aprovação, reprovação e evasão no ano de 2016

	Reprovação	Abandono	Aprovação
6º ano	39 20%	00 0,0%	158 80%
7º ano	27 19,0%	04 3,0%	109 78%
8º ano	24 22%	00 0,0%	84 78%
9º ano	16 22%	00 0,0%	57 78%



(JESUS, Rubiane, 2016).

Quanto ao percentual de aprovação, reprovação ou abandono, houve certa melhora, em relação ao ano anterior, quando atingiu o patamar de 29,3% de reprovação, 0,8% de abandono e 63,9% de aprovação⁹. Para o ano de 2016, a instituição teve 20% de reprovações, o que mostra um declínio nesse índice. Segundo o INEP, escolas que possuem acima de 15% de reprovações necessitam intervir no trabalho pedagógico, pois, além de aumentar a distorção série/idade, podem provocar abandono escolar. A escola considera um grande desafio reverter esse percentual e procura estratégias para diminuir, cada vez mais, essa problemática.

⁸ Disponível em: <http://www.qedu.org.br>. Dados do Ideb/Inep (2015). O QEdu.org.br é um portal cujo objetivo é permitir que a sociedade brasileira possa acompanhar a qualidade do aprendizado dos alunos nas escolas públicas das cidades brasileiras.

⁹ Disponível em: <http://www.qedu.org.br/>

Com a anuência da equipe pedagógica, obtive os planos de curso do ano vigente para melhor organizar a atividade diagnóstica. Observei que em cada unidade era recomendado a leitura de um livro e a proposta de uso dos gêneros textuais estava inserida nas quatro unidades letivas. A sala de aula solicitada possuía um espaço relativamente pequeno para comportar de forma satisfatória toda a turma, além de não possuir iluminação e ventilação adequadas. O calor era intenso, pois o ventilador encontrava-se com defeito. Desse modo, percebemos que o calor pode ter influenciado negativamente na concentração dos participantes, pois houve considerável dispersão no momento das atividades, sem contar com educandos que, oriundos de salas vizinhas, atrapalharam os que estavam no processo de desenvolvimento das atividades.

No período que antecedeu a aplicação da atividade, expliquei minha presença naquela sala, os objetivos do Profletras, as contribuições da proposta e seus benefícios. Logo após, a turma foi convidada a responder o questionário socioeconômico e da atividade diagnóstica.

3.1.2 Caracterização de alunas e alunos: as (os) participantes da proposta

No dia da aplicação do questionário socioeconômico e da atividade diagnóstica, a turma contava com trinta e dois presentes. Com comportamento típico da idade, observei que as adolescentes juntavam-se em grupos para tirar “*selfies*” e postar nas redes sociais, apesar da recomendação de não utilizar celulares na sala de aula. Já os jovens preferiam mais falar sobre futebol. A sala estava dividida de acordo com o gênero, apesar de poucos não fazerem essa distinção e sentarem no lugar que consideravam o mais adequado. As meninas estavam alojadas no fundo da sala, ao passo que os meninos ocupavam mais à frente e as laterais do ambiente. A turma estava participativa pois, antes da realização das atividades, a aula havia sido ministrada por estagiárias. Questionados sobre o motivo da agitação, responderam que a aula foi ótima, pois fugiu da rotina.

Inicialmente, expliquei aos discentes o intuito de minha presença naquele momento, o que era o Profletras e qual sua proposta. Esclareci a importância da qualificação profissional, além de explicitar o objetivo das atividades que eles iriam responder e qual seu destino. Informei ainda que eles eram livres para responder ou não a atividade e que a não produção dela não acarretaria prejuízo algum, mas que eu contava com a colaboração total. A primeira atividade entregue foi o questionário socioeconômico, cuja recomendação foi que a turma respondesse com a maior veracidade possível. A aplicação foi realizada de forma relativamente tranquila e, na sua execução, não houve indisciplina ou recusa em ouvir o que eu esclarecia.

Porém, devido ao fato de a aula anterior ter sido mais dinâmica, notei uma certa dispersão da turma e ansiedade em terminar as atividades propostas.

3.1.3 Questionário socioeconômico: análise do perfil do alunado

O questionário socioeconômico (Apêndice D) e a atividade diagnóstica (Apêndice E) foram aplicados no dia 17 de novembro de 2016 no referido colégio. Propositadamente, a atividade foi realizada nessa data por causa da intensificação de assuntos relacionados à história e cultura afro-brasileira, por conta do dia da Consciência Negra e as atividades internas realizadas pelo Colégio.

No que se refere à necessidade da aplicação do questionário socioeconômico e da atividade diagnóstica, percebo, nestes instrumentos, a possibilidade de estudar as condições pelas quais as (os) participantes estão inseridas (os) naquele contexto escolar e se eles são fatores que influenciam no seu desenvolvimento. Ao entender que a escola se organiza para desenvolver a habilidade da leitura como prática social, entendo-a contemplando todos os segmentos envolvidos no processo de aprendizagem, principalmente o alunado.

O primeiro material entregue aos estudantes foi o questionário socioeconômico. Nele, foram feitos dezessete questionamentos, relacionados aos perfis sociais, de leitura e etnicorraciais. No primeiro bloco de perguntas, que analisava prioritariamente o perfil social de educandos, 74% estavam na faixa etária adequada para a série, havendo 26% com distorção idade/série. Esse percentual demonstra que boa parte do alunado condiz com a idade recomendada para o 7º ano, mas mostra ainda um índice razoável de alunas e alunos que repetiram o ano¹⁰.

O número de educandas e educandos que são oriundos de zona urbana (55%) é um pouco maior em relação aos que residem na zona rural (45%). Os moradores da zona rural contam, segundo informações da equipe gestora, com o transporte oferecido pelos órgãos competentes. O tempo disponibilizado ao acesso ao estabelecimento de ensino bem como particularidades de quem mora em locais mais afastados do colégio podem ser fatores que comprometam o aprendizado.

¹⁰ O Ministério da Educação (MEC) considera a existência da distorção série/ idade quando o aluno apresenta defasagem entre elas. Esta distorção é um problema gravíssimo da educação brasileira, pois a sugestão desse órgão é que o aluno ingresse o Ensino Fundamental com seis e conclua, sem interrupção, aos catorze anos. Essas etapas educacionais levam, em média, de 10,2 anos para completar as oito séries do ensino fundamental. (BRASIL, 2001).

Em relação ao acompanhamento das atividades escolares, 81% deles sinalizaram que os pais ajudam ou procuram alternativas para auxiliar na sua execução, porém 19% disseram não ter assistência de ninguém e que fazem seus exercícios sem a presença ou correção dos responsáveis. Para Freire (2011), a família constitui-se como um essencial meio de direcionamento e construção identitária do sujeito. Estimular o hábito da leitura não é responsabilidade exclusiva da escola, e sim é preciso uma parceria entre ambas. Piaget (2007) complementa essa ideia ao afirmar a importância da parceria entre escola e família para auxiliar a competência leitora de alunas e alunos. Nesse sentido é necessária:

Uma ligação estreita e continuada entre os professores e os pais leva, pois a muita coisa que a uma informação mútua: este intercâmbio acaba resultando em ajuda recíproca e, frequentemente, em aperfeiçoamento real dos métodos. Ao aproximar a escola da vida ou das preocupações profissionais dos pais, e ao proporcionar, reciprocamente, aos pais um interesse pelas coisas da escola chega-se até mesmo a uma divisão de responsabilidades. (PIAGET, 2007, p.50).

Relacionado ao hábito de leitura, 69% da classe assinalaram gostar de ler e acham a prática da leitura algo bom, ao passo que 31% afirmaram que não gostam de ler e que tal prática é chata (28%). Acredito que as estratégias metodológicas utilizadas ainda não contemplam esse alunado, pois o estímulo torna-se um importante meio de auxílio nessa proficiência leitora. O próximo questionamento analisado diz respeito ao tipo de literatura que educandas e educandos leem. 87% da turma afirmaram ler os gêneros cordel, poesia e conto. Para os PCN (BRASIL, 2002), é necessário utilizar, em sala de aula, toda variedade de gênero textual que circula em nosso meio e criar possibilidades da interação a partir do próprio gênero.

O terceiro bloco do questionário foi elaborado para contemplar a aplicabilidade das Leis 10.639/07 e Lei 11645/08. Mais da metade da turma (59%) se intitulou de cor parda e outros 28% de cor preta, ao passo que o restante, 13%, afirmou-se de cor branca. Sobre a questão do racismo, 94% da turma disse saber o seu significado, e a maioria (56%) afirma não conhecer pessoas racistas. Na questão seguinte, foi feita a seguinte pergunta: Quem você conhece que é racista? Contraditoriamente, eles responderam que têm vizinhos (11%), amigos (20%), parentes (6%), colegas (6%) e outras pessoas (46%). Somente 11% não responderam, reafirmando sua posição do questionamento anterior.

Quando solicitamos a alunas e alunos que contassem a quantidades de colegas presentes e citassem quantos eles consideravam negros, brancos, pardos e indígenas, não houve entendimento do que era pedido. Após nova explicação, somente três alunos corresponderam ao esperado, pois os outros inseriram as ausências. A segunda parte da pergunta, que consistia

em analisar qual a raça do colega, foi a mais questionada pois, segundo eles, “como iriam falar sobre a cor do outro?” Assim, 75% deixaram a resposta em branco ou escreveram a expressão “não sei”. Dos 25% que responderam essa questão, a maioria via o colega enquanto pardo.

Na questão relacionada a brincadeiras e comentários maldosos na sala de aula relacionadas à cor, nariz, cabelo ou qualquer parte do corpo por algum colega, 94% disseram sofrer com tal ato. Uma considerável parcela do alunado, 81% deles, afirmou conhecer a cultura afro-brasileira e vê a escola como local que promove esse conhecimento (94%). Ao ser questionada sobre a forma como a instituição valoriza a cultura afro-brasileira, grande parte citou o projeto da Consciência Negra (48%). Para 17%, as aulas promovem esse reconhecimento, 4% são as danças realizadas e 31% disseram não saber ou preferiram não opinar. Apesar de a escola avançar em relação ao respeito e à valorização da cultura afro-brasileira, é possível notar a necessidade de estudantes terem pertencimento acerca de questões que envolvam a afro-brasilidade. O percentual que afirmou não saber ou preferiu não opinar acerca da responsabilidade da escola como meio social de promoção igualitária das raças mostra que é preciso avançar.

A escolha do texto foi feita, primeiramente, por analisar a Lei 10.639/03. Como não encontrei, em minhas pesquisas, um cordel que contemplasse a Lei 11.645/08, vi nessa obra uma interessante perspectiva de leitura. O cordelista Antonio Carlos de Oliveira Barreto, autor da obra, é um professor baiano que discute em suas obras questões relacionadas, dentre outras, à educação e problemas sociais. Ao pensar em desenvolver uma sequência baseada em cordéis com temática afro-brasileira, busquei, primeiramente, a acessibilidade sobre o entendimento destas leis.

3.1.4 Análise da compreensão leitora através do cordel

Após a entrega do questionário socioeconômico, foi distribuída a atividade diagnóstica. Ao detectar que todo alunado estava com o material em mãos, solicitei que lessem silenciosamente o título do texto e questionei o que o título sugeria a eles. As respostas concentraram-se sobre a discussão da Lei 10.639, que está explicitamente exposto no título. Posteriormente, perguntei se eles já tinham ouvido falar sobre ela e a resposta foi afirmativa.

A partir de suas respostas, indaguei sobre o que se tratava tal Lei. Alguns disseram não lembrar, mas que já tinham ouvido falar, todavia, a maioria alegou saber do que se tratava, pois as professoras constantemente a citam em suas aulas. Solicitei que eles me falassem um pouco sobre ela e as respostas condensaram-se sobre a Lei que falava sobre os negros e sua

importância para o desenvolvimento do Brasil. Ao término desse momento de conversa informal, solicitei que eles retornassem ao título e imaginassem para qual público-alvo e sua faixa etária. A resposta dada foi que seria para alunos do sexto ano em diante e que aquele texto poderia ser direcionado a eles mesmos. Recomendei uma olhada superficial no texto e como ele estava disposto. Para a maioria dos presentes, a esse olhar superficial causou desagrado, pois, segundo eles, o texto era muito extenso. Alguns protestaram e taxaram a leitura como desnecessária e que iriam só respondê-la. Reclamaram também da ausência de nota em uma atividade tão grande. É provável que, devido à falta de maturidade, ainda priorizem o valor quantitativo das atividades em detrimento ao aprendizado. Além disso, essa quantificação é prática frequentemente utilizada no sistema educacional.

Reforcei a ideia da atividade diagnóstica para a aplicação da proposta no ano seguinte e sugeri que, se possível, fizessem uma leitura de reconhecimento e, posteriormente, uma leitura pautada na compreensão leitora, ideia que foi refutada por toda turma. Expliquei, também, como o texto estava disposto, que eram em estrofes sem, contudo, apontar qual era o gênero textual. Apesar das queixas, todos realizaram a atividade diagnóstica, o que levou, em média, quarenta minutos. Um aluno veio me questionar sobre a diferença entre cordel e repente. Aleguei que não poderia responder a ele naquele momento mas que, após a entrega da atividade, explicaria a diferença, o que foi feito nos últimos minutos com eles depois da entrega da atividade. Deixei bem claro que era a dúvida de um aluno e o quanto é interessante a partilha de informações.

A análise dessa leitura consistiu na aplicação de sete questões, sendo uma objetiva e seis discursivas. Dessas discursivas, o educando foi desafiado a buscar informações contidas implícita ou explicitamente no texto. Os questionamentos foram elaborados com base nos descritores utilizados para a Avaliação Nacional do Rendimento Escolar (ANSREC)¹¹. Os descritores que compõem os procedimentos de leitura vêm com a proposta de avaliar as habilidades básicas do alunado, como inferir, localizar e perceber os sentidos de um texto. Essa competência leitora é preconizada pelos PCN, ao compreender que:

Formar um leitor competente supõe formar alguém que compreenda o que lê; que possa aprender a ler também o que não está escrito, identificando elementos implícitos; que estabeleça relações entre o texto que lê e outros textos já lidos; que saiba que vários sentidos podem ser atribuídos a um texto;

¹¹ Realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep), o exame é composto pela Avaliação Nacional do Rendimento Escolar (Anresc), nacionalmente conhecida como Prova Brasil, e pela Avaliação Nacional da Educação Básica (Aneb). Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/35241>.

que consiga justificar e validar a sua leitura a partir da localização de elementos discursivos. (BRASIL, 1998, p. 41).

Minha pretensão era observar a leitura de educandas (os) baseado nos descritores da SAEB e propor atividades que pudessem melhorar a relação existente entre o alunado e a leitura em sala de aula. Entendo a utilização desses descritores como um meio de favorecer o ensino nas instituições públicas e no desenvolvimento da competências e habilidades no que se refere à leitura proficiente. Apesar de tomar como base os descritores da prova Brasil, preferi modificar o formato das questões com o intuito de promover maior liberdade discursiva da turma. Compreendo que os descritores não contemplam, em sua totalidade, a leitura reflexiva, porém serviram como base para formularmos as questões e determinar os objetivos dos questionamentos propostos.

De acordo com as recomendações do SAEB, relacionamos alguns tópicos norteadores da análise da atividade diagnóstica realizada. Em referência aos documentos contidos na Matriz de Referência, o MEC instituiu a utilização da Letra D, seguida de um número arábico para diferenciar cada descritor. No tópico Procedimentos de Leitura, estão agrupados os seguintes descritores que aparecem em ordem crescente de acordo com o seu nível de aprofundamento de habilidades a serem alcançadas.

As questões respondidas foram baseadas nos seguintes descritores:

D1: Localizar as informações explícitas no texto (Questões 02, 04a, 05 e 07);

D3: Inferir o sentido de uma palavra ou expressão (Questão 03);

D4: Inferir uma informação implícita no texto (Questão 04b);

D6 Identificar o tema de um texto (Questão 01);

D11: Distinguir um fato da opinião relativa desse fato (Questão 06)

A atividade diagnóstica teve, em sua maioria, questões relacionadas ao descritor 01, com o intuito de analisar se o aluno consegue localizar uma informação explícita no texto com facilidade. No entendimento de Menegassi (1995), o texto é “o produto da codificação de um autor e é decodificado pelo leitor, a partir apenas do conhecimento do código utilizado” (MENEGASSI, 1995, p. 87). Dessa maneira, provavelmente, alunas e alunos não teriam dificuldades em responder as questões propostas.

Os gráficos, para melhor compreensão, foram organizados em blocos. Assim, esse material (gráficos I, II, III, IV, V e VI) contempla o descritor 01 e propõe a habilidade de

localização de informações explícitas em um texto. As respostas de educandas e educandos foram categorizadas de acordo com a seguinte legenda:

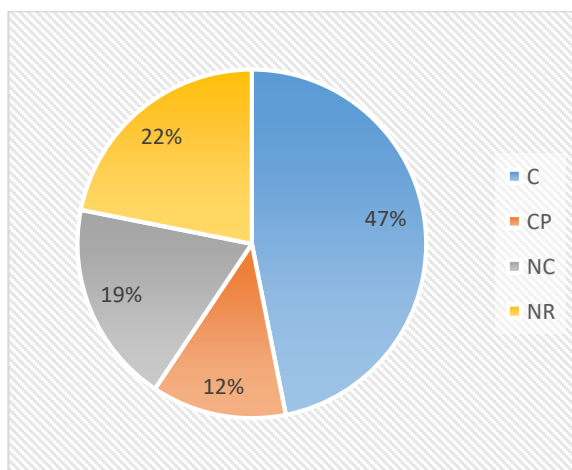
C- Correspondeu à resposta pretendida;

PC- Parcialmente correspondeu à resposta pretendida;

NC- Não correspondeu à resposta pretendida;

NR- Não respondeu ao questionamento. Enquadram-se, também, nesta categoria, as (os) estudantes que utilizaram a expressão “não sei”.

GRÁFICO I: O que diz a Lei 10.639/03?

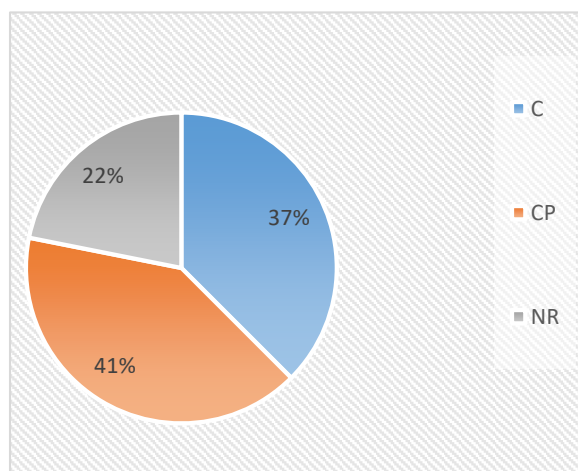


(JESUS, Rubiane, 2016)

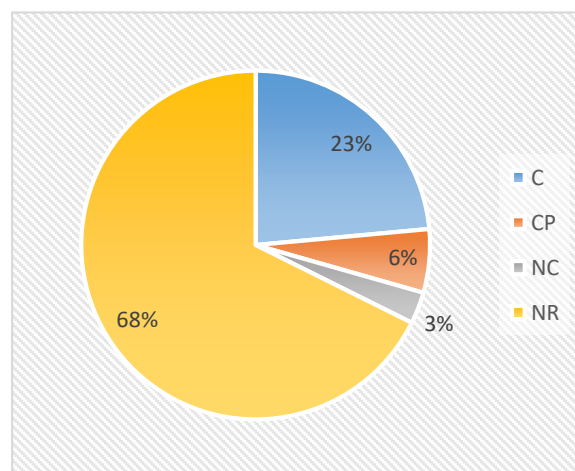
Essa questão analisada teve o intuito de observar se as (os) discentes teriam a habilidade de inferir uma informação explícita contida no texto. Nesse primeiro gráfico, solicitamos a educandos e educandas que, a partir da leitura textual, respondessem a seguinte indagação: O que diz a Lei 10.639/03? Apesar de só 47% da turma alcançarem satisfatoriamente o esperado, 22% deram respostas parcialmente corretas, o que mostra um certo entendimento acerca do assunto trabalhado. Porém, 19% deles não conseguiram identificar a ideia que estava explicitamente exposta no texto e deram as mais variadas respostas que fugiam da temática e 22%, ao não conseguirem compreender o enunciado, não responderam ou utilizaram a expressão “não sei”.

GRÁFICOS II E III: Quando foi sancionada a Lei 10.639/03? O que ela estabelece?

II- Sancionada a Lei



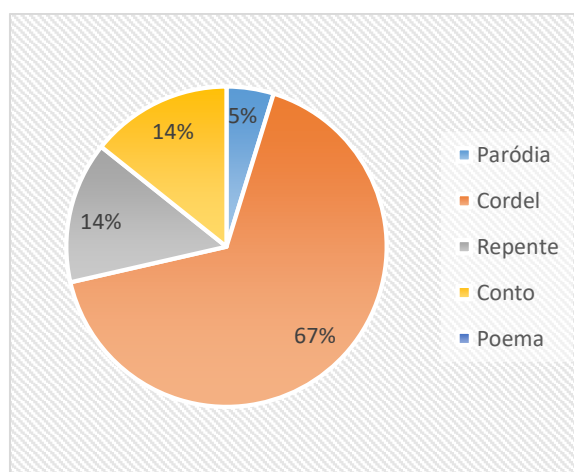
III- O que estabelece



(JESUS, Rubiane, 2016)

Ao analisar as respostas contidas no gráfico II, percebi que 37% do alunado conseguiu responder, satisfatoriamente, o que foi pedido, ao passo que 41% responderam de forma incompleta, porém, encontraram a informação. Apesar disso, 22% não compreenderam o solicitado e não responderam o quesito. Em relação à segunda etapa da indagação, contida no gráfico III, 68% deles deixaram em branco ou utilizaram a expressão “não sei”. Os 23% que responderam de acordo ao esperado não utilizaram suas próprias palavras ao replicar e tão somente retiraram as informações do texto de forma literal.

GRÁFICO IV: Qual o gênero apresentado?

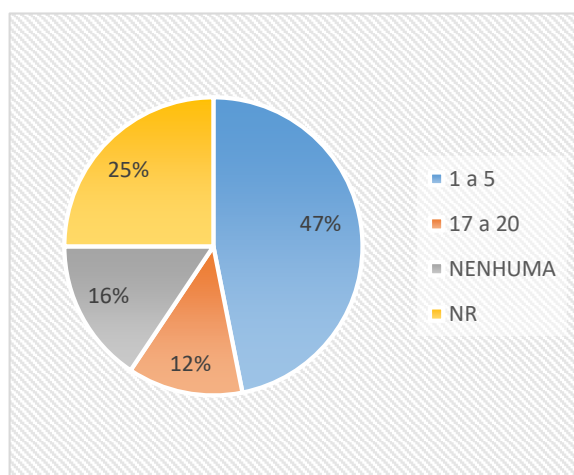


(JESUS, Rubiane, 2016)

A penúltima pergunta baseada neste descritor indaga sobre o gênero do texto. Nesse questionamento, discentes puderam analisar a resposta mais adequada, pois lhes foram oferecidas cinco alternativas. Ao rememorarmos o questionário socioeconômico, em que a maioria dos educandos afirmou não utilizar o cordel como forma de leitura percebo que, apesar disso, 41% conseguiram localizar essa informação. Contudo, os 59% restantes, mesmo o vocábulo cordel claramente exposto no texto, equivocaram-se na escolha exata.

Ao escolher a poesia popular como o gênero utilizado para a aplicação da atividade diagnóstica, tomei como base o que preconiza os PCN em relação à seleção de textos, ao afirmar que existe uma infinidade de gêneros e se a escola se propusesse a aplicar a todos, essa tarefa seria impossível. Com isso, é necessário compreender que “os textos a serem selecionados são aqueles que, por suas características e usos, podem favorecer à reflexão crítica, o exercício de formas de pensamento mais elaboradas e abstratas, bem como a fruição estética dos usos artísticos da linguagem, ou seja, os mais vitais para a plena participação numa sociedade letrada” (BRASIL, 1998, p. 24).

GRÁFICO V: Quantidade de personagens conhecidas

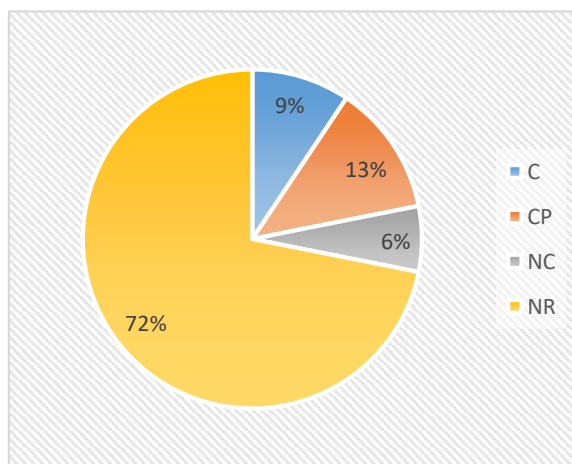


(JESUS, Rubiane, 2016)

Essa questão foi analisada em duas etapas que contemplaram habilidades concernentes à localização de informações explicitamente expostas e inferir uma informação implícita em um texto. A primeira etapa solicita que as (os) estudantes, a partir do seu conhecimento de mundo, enumerassem as personagens conhecidas do texto. A segunda etapa solicitava que respondessem o que elas tinham em comum.

Na primeira indagação, percebi que 25% não souberam responder ou não compreenderam o que foi solicitado e 16% dos discentes disseram não conhecer nenhuma, o que é praticamente impossível, visto que nos encontramos em uma avançada era tecnológica e vários nomes contidos no texto são de conhecimento de grande parte da população.

GRÁFICO VI: O que elas têm em comum?



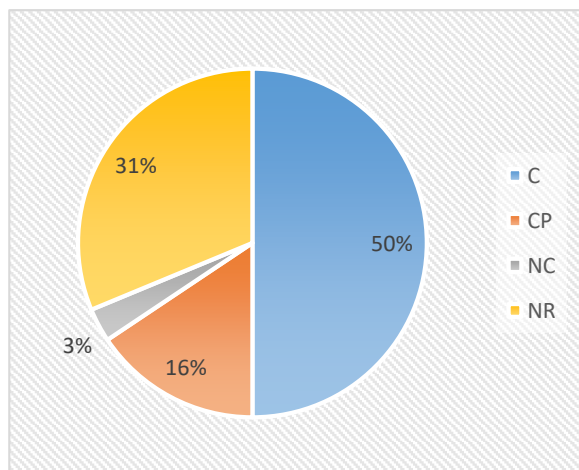
(JESUS, Rubiane, 2016).

A segunda parte do questionamento, baseado no descritor 4, não teve o seu objetivo alcançado, uma vez que maior parte do alunado, aparentemente, não conseguiu compreender o que foi pedido e não respondeu à questão (72%).

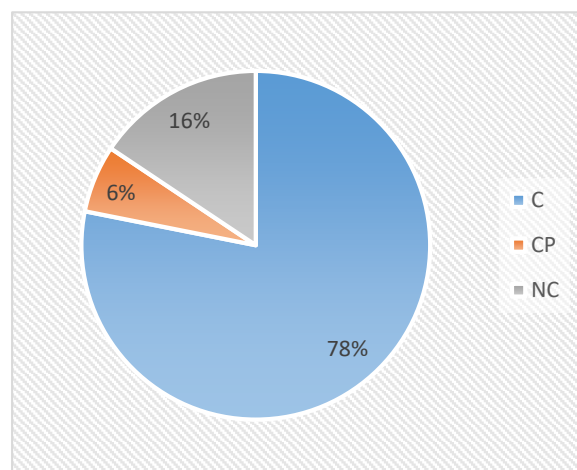
Os gráficos a seguir tomaram como base o descritor 3:

GRÁFICOS VII, VIII, IX E X: Para você, o que significam as expressões a seguir?

VII- Preconceito racial

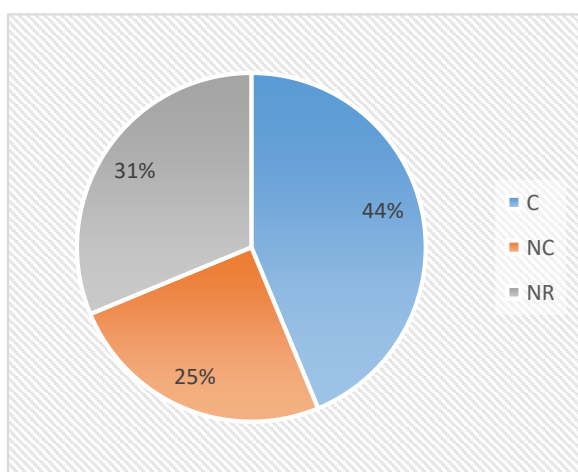


VIII- Racismo

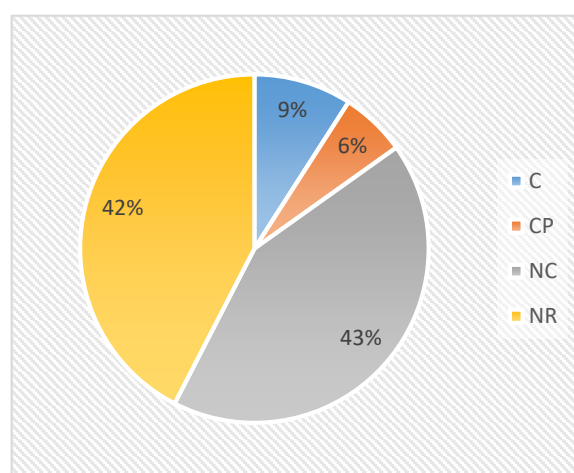


(JESUS, Rubiane, 2016).

IX- Afrodescendentes



X- Ebó



(JESUS, Rubiane, 2016).

A proposta deste descritor é que discentes cheguem a uma conclusão sobre o sentido de vocábulos ou expressões. A partir do questionamento feito, a ideia era que elas/eles respondessem o significado de quatro palavras contidas no texto: preconceito racial, racismo, afrodescendentes e ebó. Ao tomar conhecimento das atividades feitas em sala de aula e relacionadas à aplicabilidade das Leis, presumi que as (os) discentes tiveram acesso a esses

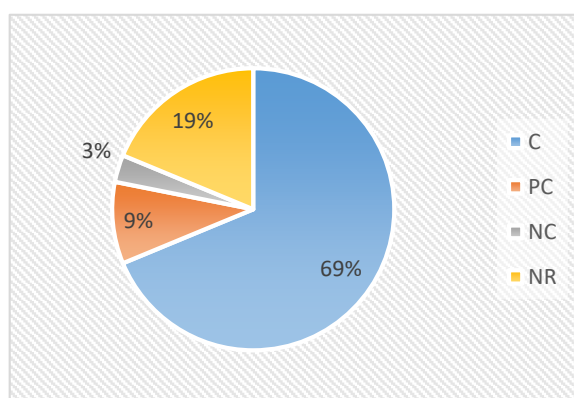
vocábulos. O conhecimento lexical é importante, pois possibilita apreender os possíveis sentidos que o texto pode não ter deixado explícito.

Em relação ao gráfico VII, metade da turma atingiu o esperado e 31% não responderam ao solicitado. Uma possibilidade para essa quantidade de discentes que deixou a pergunta sem resposta é que não houve apreensão de sentidos, condição necessária para que o leitor alcance êxito em relacionar a informação ao contexto. Já no gráfico seguinte, 78% contemplaram o que foi proposto por essa questão e utilizaram diversas formas de conceituar e exemplificar o racismo. No gráfico seguinte, as (os) participantes, a partir dos conhecimentos prévios, fizeram associação do vocábulo com situações que envolvem a negritude. Nessa perspectiva, a maior parte deles (44%) respondeu conforme o esperado, mas 31% das (dos) discentes não responderam a questão.

Na análise das respostas desse último item da questão, percebi, na leitura do gráfico X, que educandas e educandos geralmente fazem associações, todavia, não sabem o real significado dos vocábulo. Uma parcela desse alunado (43%) não soube responder, ao passo que 42% não correspondeu ao desejado. Essa porcentagem alta de equívocos e resposta em branco é entendida por mim como um desafio em possibilitar a alunas e alunos acesso a palavras e expressões afro-brasileiras que carreguem consigo pré-conceitos ainda arraigados.

O gráfico abaixo revela as respostas analisadas a partir do descritor 6:

GRÁFICO XI: Qual a temática do texto?



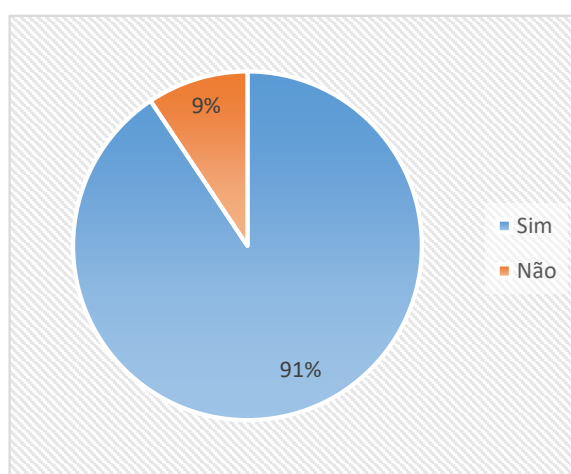
(JESUS, Rubiane, 2016)

Essa questão intencionou permitir a identificação do assunto abordado. A partir dos questionamentos realizados anteriormente, além de ser um assunto com ampla divulgação, assimilei a ideia de que esses discentes não teriam dificuldade em responder de acordo com o

solicitado. Mesmo ao retirar as expressões *ipsis litteris* do texto, grande parte do alunado correspondeu ao esperado ao responder que o texto se referia às discussões sobre a Lei 10.639/03. Dos 31% restantes, 12% deram respostas que faziam parte do contexto do assunto. Os 19% restantes não souberam responder o solicitado ou responderam de forma equivocada uma questão nítida no texto.

A última pergunta analisada teve com o base o descritor 11 e o propósito era que educandas e educandos respondessem a dois questionamentos. Na primeira parte, foi indagado se o alunado considerava o assunto polêmico e, posteriormente, justificasse sua resposta.

GRÁFICO XII: Você acha que o assunto é polêmico?



(JESUS, Rubiane, 2016)

Considerável parte dos educandos (91%) optou por responder afirmativamente à indagação. Para justificar, o educando teve maior liberdade em sua resposta, pois não precisou recorrer ao texto para opinar o porquê de o preconceito ser um tema polêmico. Assim, as mais variadas respostas foram redigidas pelos atores dessa atividade. Porém, 43% dos educandos, mesmo sendo uma resposta pessoal, não compreenderam o solicitado ou preferiram não responder.

Noto, a partir da análise das respostas dos discentes, que é interessante desenvolver um trabalho pautado na leitura reflexiva para a expansão das suas habilidades. Há alguns pontos que precisam ser trabalhados de forma pontual, a exemplo do descritor 1, que uma considerável parte do alunado teve dificuldade. Ressalto que a não compreensão de questionamentos, bem como o uso da expressão “*não sei*” foram aspectos que se destacaram nas respostas de alunas e alunos.

Considero que a abordagem do assunto foi feita de forma proveitosa e procurou, a partir de uma temática conhecida pelo alunado, propor uma discussão voltada aos conhecimentos que trazem e que, muitas vezes, não são aproveitados na introdução de temas. A partir dessa abordagem, é possível que a leitura e a compreensão tornem-se mais proveitosas para esses aprendizes.

3.1.5 Questionário pedagógico: leitura, literatura e novas tecnologias

Ao perceber a necessidade de conhecer ainda mais as (os) participantes da proposta, bem como tentar compreender o uso constante da expressão “*não sei*” ou não responder questões da atividade diagnóstica, solicitei à equipe pedagógica um segundo momento com a turma para a aplicação do questionário pedagógico (Anexo B), que se realizou no dia 02 de dezembro de 2016, dia da atividade avaliativa das disciplinas História e Geografia. Essa data foi propositadamente escolhida por ser um dia de avaliação final e a presença das (dos) participantes era garantida.

Por ser a última unidade do ano letivo, a dinâmica da aplicação das avaliações diferiu das unidades anteriores e, apesar da oportunidade de revisar os conhecimentos, essa forma de estudo não surtiu o efeito esperado pois o alunado alegou estar cansado de estudar e quis logo realizar a atividade. Com isso, aproveitei esse momento de dispersão da turma para aplicar esse último questionário pedagógico. Expliquei o motivo de meu retorno, a importância de sua aplicação e esclareci que a linguagem utilizada era bem clara, mas que eu estaria ali para sanar quaisquer dúvidas. Pontuei o significado do vocábulo “decisiva”, presente no questionário, bem como a diferença existente entre ele e a palavra “importante”. Não houve questionamentos acerca das questões propostas e estas foram rapidamente respondidas. As dezenove questões foram divididas em três linhas de informação: incentivo à leitura, literaturas popular e afro-brasileira como suportes de informação e o uso da tecnologia. A partir da compilação dessas informações, elaborei um quadro-síntese (Apêndice C), no qual pude observar melhor o perfil do alunado e comparar com as respostas contidas no questionário socioeconômico.

A maioria (68%) alega que seus responsáveis leem livros e que 86% promovem o incentivo à leitura. Em relação ao estímulo dado pela escola, para 86% deles a instituição incentiva a esse acesso. Ao comparar essas informações com as respostas dadas anteriormente no questionário socioeconômico e na atividade diagnóstica, pude perceber a importância dada a tal ato tanto pela escola, quanto pelos pais, não pude deixar, pois, de refletir sobre a problemática que envolve o fracasso escolar. Como a família é o primeiro local onde acontece

a troca de experiências, bem como os espaços escolares têm a proposta de auxiliar o alunado em sua aprendizagem, como transformar a leitura e a compreensão leitora em algo prioritário e eficaz? Acredito que ambos os espaços de formação de leitores enquanto sujeitos podem estimulá-los a pensar com criticidade. A mediação entre docentes, família, escola e discentes é o elo existente entre o leitor e a prática da leitura.

Ao serem questionados sobre a importância da leitura para o futuro, 80% entendem que tal prática é importante mas, apesar disso, 60% deles sentem dificuldade na compreensão leitora. Mas não é somente a leitura. É também o diálogo com o texto, é ler o mundo e compreender seu contexto.

Do alunado em análise, 53% possuem entre vinte e trinta livros no local onde residem e 63% utilizam a biblioteca para leitura ou a consultam de vez em quando. Ao reconhecer a importância da leitura através da tecnologia como estratégia, acredito que isso seja mais uma possibilidade de atrair o interesse do alunado. Porém, é necessário oportunizar a leitura através dos livros, pois é preciso “[...] deixar que toquem o livro, virem a página para ver a ilustração seguinte, sintam a textura do papel e a harmonia das letras. Vale até atizar a curiosidade e sua vontade de ver a história escrita” (KRIEGL, 2002, p. 10). A leitura feita em bibliotecas ou locais que possibilitem o manuseio de livros nos reporta à ideia de que:

As situações de leitura mais motivadoras também são as mais reais: isto é, aquelas em que a criança lê para se libertar, para sentir o prazer de ler, quando se aproxima do cantinho de biblioteca ou recorre a ela. Ou aquelas outras em que, com um objetivo claro de resolver uma dúvida, um problema ou adquirir a informação necessária para determinado projeto, aborda um texto e pode manejá-lo à vontade, sem a pressão de uma audiência. (SOLE, 1998, p. 91).

Com a democratização tecnológica, o encantamento em folhear um livro pode ter perdido espaço. Assim, como os recursos tecnológicos exercem grande influência na sociedade moderna, parte dos alunos não vê funcionalidade na utilização da biblioteca. Ao participar de uma proposta de acesso e valorização da leitura, com a ida de alunas e alunos à biblioteca municipal da cidade, através do projeto “Encantamento infantil e juvenil através dos livros: a leitura na Biblioteca Municipal”, percebi o entusiasmo e as curiosidades desses estudantes em conhecer aquele espaço, o cantinho da leitura, uma sala espaçosa e reservada com a finalidade de ler revistas e livros que os jovens, em dias atuais, gostam. Talvez o que falte sejam oportunidades de acesso a esses espaços e aproveitar esse avanço digital para promover estratégias que contemplem a utilização dos livros e o uso da tecnologia como forma de interação. Nesse sentido, concordo com a afirmação de Léa Fagundes ao compreender que “É

o grande desafio da educação: estudar e reorientar o uso dos recursos tecnológicos para servir não à guerra, mas para aumentar a tomada da consciência, ampliar a consciência social (FAGUNDES, 1997, p.20).

Em relação à média de horas disponibilizadas, a soma do percentual de alunas e alunos que não reservam ou só reservam o tempo em sala de aula para a leitura chega a quase metade da turma. Do total de alunos, 49% não adquiriram o hábito de disponibilizar horas para a prática da leitura. E para 79% do alunado, essa disponibilidade é considerada suficiente.

O questionamento acerca de leitura de textos religiosos foi elaborado devido ao fato de uma parte da população brasileira desconhecer ou ter uma visão distorcida a respeito da religião de matriz africana. Do total de alunas e alunos que responderam a este questionamento, 43% alegam a realização de tais leituras. Nesse contexto, a utilização de cordéis que façam parte da cultura afro-brasileira tem o intuito de tentar arrefecer possíveis preconceitos e estereótipos sobre as religiões de matrizes africanas que possam surgir no desenvolvimento da proposta.

Nas questões direcionadas aos cordéis e textos da cultura afro-brasileira, respectivamente, 48% e 51% admitem sua leitura de forma ocasional. E a análise de textos que mostram mulheres negras como personagens principais não está presente nas leituras de 94% desse alunado.

No que concerne ao uso das tecnologias da informação e comunicação, o uso do computador ou outros meios tecnológicos confirmam a necessidade de utilização dessas tecnologias no processo de ensino-aprendizagem. Para 94% da turma, o uso do computador com acesso à internet é feito de forma constante no local onde moram e 100% fazem uso das redes sociais. Porém, somente 47% deles utilizam efetivamente a internet para os estudos, apesar de ela ser o suporte para outros tipos de informação para 70% desse alunado.

Nas aulas de Língua Portuguesa, os materiais didáticos mais utilizados em análise são o livro didático (49%), seguido de textos impressos (29%). Apesar de sua inegável importância, o livro didático não contempla esse novo alunado cada vez mais conectado com o que acontece ao seu redor através das redes sociais e as tecnologias. A literatura afro-brasileira, por exemplo, não é discutida como se deveria nesses materiais pedagógicos com a devida importância e o professor pode promover estratégias baseadas em outros materiais para uma maior acessibilidade de temas voltados a esta temática. Bem adaptado, o livro didático cumpre seu papel de auxílio ao entendimento de textos e poderá ser usado como estratégia de motivação do senso crítico.

3.1.6 Mulheres quilombolas analisadas em uma sequência didática: a proposta de intervenção pedagógica

Esta sequência corresponde à leitura e à compreensão reflexiva de quatro cordéis escolhidos em sala de aula, com questões baseadas nos procedimentos de leitura dos descritores da prova Brasil. Sua elaboração foi idealizada a partir da análise de textos do teórico Marcuschi (2005), no que se refere à importância do uso dos gêneros em sala de aula, de forma que criem possibilidades para que o leitor adquira habilidade de domínio linguístico nas variadas situações presentes em seu cotidiano, e Solé (1988), que afirma que as estratégias de leitura precisam ser planejadas e seguidas durante o processo de desenvolvimento da compreensão leitora. Nessa perspectiva, a escolha da poesia popular como método de auxílio para a promoção da leitura nestes estudantes é uma forma interessante de seu aprimoramento.

Os gêneros textuais auxiliam o sujeito para que ele construa, a partir da prática de leitura e situações de comunicação, formas de compreensão. Ao entendê-los como ocorrências ligadas à vida social e cultural humana, e a escola, enquanto espaço social que contribui para o desenvolvimento e aprendizagem. Nesse contexto, nunca é demais lembrar que a sala de aula deve ser uma oficina em que as pessoas trabalham fazendo, refazendo, melhorando” (CAGLIARI, 2002. p. 14).

Essa proposta tem como ideia prioritária auxiliar educandas e educandos a desenvolverem a competência leitora a partir do cordel que discute a temática da valorização da cultura negra em nosso meio social e prevê o desenvolvimento da leitura reflexiva pautada na socialização de pontos de vista a partir dos gêneros textuais utilizados em sala de aula, interpretação de textos e organicidade de ideias.

A abordagem aqui realizada foi a utilização do método qualiquantitativo, por entender que essa forma me permitiu analisar melhor os resultados obtidos. A pesquisa qualitativa é relevante por auxiliar, através da motivação, a compreender certas atitudes e expectativas. Além disso, essa abordagem oferece subsídios nos conhecimentos de educandas e educandos para que se sintam mais à vontade em fornecer suas respostas. Já o método quantitativo aponta, numericamente, o amadurecimento da proficiência leitora.

A escolha de cordéis, cujo conteúdo fala de mulheres negras, é uma alternativa para promover a leitura, a aprendizagem de alunas e alunos, a fim de que conheçam elementos da cultura afro-brasileira e dispam-se de preconceitos ou discriminação sobre nossa ancestralidade. Dessa maneira, a proposta de intervenção pedagógica intitulada **A MULHER NEGRA EM**

CORDÉIS DE JARID ARRAES: uma proposta de compreensão leitora foi elaborada com o propósito de contribuir no desenvolvimento reflexivo de educandas e educandos.

No dia 22 de fevereiro de 2017, na jornada pedagógica municipal, as ideias iniciais da proposta foram apresentadas aos docentes da instituição, que tiveram ciência e contribuíram com sugestões para melhor elaboração de atividades. Essa proposta, desenvolvida no segundo semestre do ano de 2017, teve como temática História de mulheres quilombolas, a partir dos seguintes conteúdos: leitura e procedimentos de leitura, história e cultura afro-brasileira, a mulher negra e a sua importância, cordéis e suas características. Os outros gêneros deram suporte à aplicação da sequência foram música, imagens, palestra, vídeos, textos biográficos e entrevista. Como materiais, utilizei cordéis, varal de leitura, figuras, caixa de leitura, data show, cartazes, notebook, celulares, redes sociais (whatsapp), dicionários, livros, slides, documentários, cadernos, lápis de cor, canetas, papel A4.

3.1.6.1 Leitura que transforma

No dia 06 de julho, iniciei a aplicação da proposta de intervenção pedagógica e essa etapa contou com a presença de 30 alunos. A primeira parte da sequência teve como objetivo o levantamento de hipóteses, desenvolvimento da postura leitor/ouvinte e ampliação do vocabulário a partir do aquecimento da prática da leitura e compartilhamento de saberes. Com a duração de duas horas/aula, utilizamos os seguintes materiais: varal de leitura, figuras, textos biográficos aparelho sonoro, música, pen drive, cartaz, caneta, papel sulfite, data show, lousa e piloto.

Antes da minha participação em sala, a professora da disciplina Língua Portuguesa conversou com as (os) estudantes sobre a importância das atividades que seriam realizadas por mim. Após os cumprimentos iniciais, notei um cartaz intitulado *Minha história*, e percebi que este possuía, predominantemente, a imagem de pessoas negras. Ao questionar sobre a produção de tal material, soube que a turma da manhã havia confeccionado. Solicitei que eles olhassem aquele cartaz e pontuei a diversidade de pessoas negras existentes em nosso cotidiano, fossem elas conhecidas ou não. Após esse momento, realizamos a primeira atividade do dia, que teve a duração de 25 minutos e o alunado foi convidado, após a explicação da dinâmica, a se dirigir ao coreto da instituição para participar do varal de leitura, que consistia na apreciação das figuras e leitura da biografia de personalidades negras (Anexo C). A música utilizada para descontrair o momento foi *Por debaixo da cordinha*, (Anexo D) quando alunas e alunos, passavam sob o varal e, ao perceberem que a música havia sido interrompida, procuraram o (a)

colega mais próximo (a) para ler as informações contidas no lado escolhido do varal. A música começava e eles procuravam outra imagem para fazer a leitura, e assim sucessivamente, até terem uma leitura variada acerca de personalidades negras ali retratadas. No início dessa dinâmica, uma quantidade mínima de discentes demonstraram interesse em cooperar para a sua realização. Expliquei a importância daquele momento e consegui a adesão de mais alguns, porém esperava um pouco mais. Houve a recusa de uma parte do alunado, que ficou somente observando. O segundo momento, com duração de 30 minutos, foi realizado dentro da sala de aula. As (os) discentes socializaram, oralmente, as leituras realizadas, a partir das seguintes perguntas norteadoras:

- O que acharam das leituras contidas no varal?
- O que notaram em relação aos textos lidos?
- Perceberam alguma semelhança ou diferença em relação aos textos que leram?
- Perceberam alguma palavra desconhecida que prejudicou o entendimento do texto?
- Alguma dessas histórias as (os) surpreenderam? Cite-a (s)
- Vocês perceberam algo de diferente na forma que foram expostas as biografias lidas?
- A atividade realizada lhe ajudou a compreender qual a temática que iremos trabalhar nessa sequência? Levante ideias.

Das (dos) participantes, obtive uma resposta afirmativa nessa atividade, apesar de reclamarem do tamanho das biografias expostas. Notei que somente alguns não respondiam aos questionamentos e tentei incentivá-los. Àquelas (es) que respondiam, acharam interessante e, apesar de sentir um pouco de dificuldade neste momento, por causa da dispersão causada pela saída da sala de aula, as respostas foram positivas. Esse foi um ponto negativo no segundo momento de aplicação, pois tive que intervir sobre a necessidade do silêncio para ouvir a resposta da (o) colega e a conversa paralela atrapalhou. As (os) alunas (os) citaram que os textos abordados falavam sobre mulheres negras e pontuaram que a maioria era brasileira e escritora. Disseram, ainda, que os textos retratavam a literatura afro-brasileira e de mulheres que venceram na vida. Segundo as (os) discentes, o vocábulo desconhecido foi *Gantois*, no nome da Yalorixá Mãe Menininha do Gantois. Ao explicar o seu contexto, não houve mais nenhum questionamento sobre palavras ou expressões.

Citaram as histórias de Glória Maria, Taís Araújo e Ruby Bridges como os textos que mais chamaram atenção. Questionei o que perceberam de interessante na história de Ruby Bridges e elas (eles) se atentaram aos problemas que a norte-americana teve que enfrentar para estudar. Aproveitei para sinalizar sobre a importância dos estudos e da força de vontade dela e de seus pais em vencerem aquele grande obstáculo. Uma discente disse que agora estava mais fácil estudar, pois a escola era para todos mas que, naquela época de Ruby, “*a situação era feia mesmo!*”. Refletimos um pouco mais sobre as situações sofridas pela personalidade e passei para a indagação seguinte.

Ao questionar se eles haviam notado como as biografias estavam expostas, dois alunos disseram que os relatos estavam pregados em cordas, como se fosse um varal. Inqueri se eles já haviam visto alguma obra disposta em cordas e alguns citaram o nome cordel. Aproveitei o momento para perguntar se eles já haviam lido e interpretado algum cordel e a resposta foi positiva. Continuei os questionamentos ao perguntar se a atividade realizada dava alguma noção da temática que seria estudada, surgiram as seguintes hipóteses: literatura, literatura negra, mulheres que tiveram sucesso, mulheres negras, preconceito, racismo e discriminação. Solicitei que eles escrevessem as informações no caderno, para que depois confrontássemos as hipóteses levantadas com os textos a serem estudados em outro momento.

No terceiro momento, em uma duração de 20 minutos, foram apresentados, através do data show, as capas dos cordéis que seriam escolhidos e estudados ao longo da sequência e, após a visualização dessas capas, fiz questionamentos para que eles respondessem oralmente. As indagações foram as seguintes:

- O que vocês percebem que essas figuras tem em comum?
- Já ouviram falar sobre alguma dessas personagens? Qual (is)?
- O que vocês acham que tem nas obras?
- O livreto dá ideia sobre qual gênero iremos trabalhar?
- O que vocês acham da leitura de cordéis?

A resposta de que todas eram mulheres negras foi unânime. Na segunda indagação, pediram que fossem expostas novamente a figura das personagens e disseram não conhecer nenhuma delas. Alegaram que, provavelmente, era retratado nas obras algo relacionado ao preconceito e ao racismo. Perguntei se eles achavam que aquelas mulheres ali analisadas realmente existiram e a maioria respondeu que, pelos nomes esquisitos, certamente não. Uma

estudante alegou que já tinha ouvido falar em Carolina Maria de Jesus e Dandara, porém, tive a resposta negativa ao perguntar se ela lembrava quando teve acesso a esses nomes. Sugeri uma pesquisa sobre aqueles nomes na internet para saberem se aquelas mulheres eram reais ou fictícias.

Ao questionar sobre o gênero que iríamos trabalhar, alguns indagaram o significado de tal palavra. Após uma breve explicação e exemplificação, perguntei qual tipo de texto seria estudado e, depois de vários gêneros, surgiu o nome cordel. E, ao perguntar o que achavam da leitura de cordéis, os que responderam disseram que era muito fácil, mas os textos eram enormes. Após as respostas, fiz uma retrospectiva com a turma pontuando que trabalharíamos, ao longo da sequência, as literaturas afro-brasileira e popular, com algumas das personagens vistas naquela aula.

Optei por finalizar cada etapa desenvolvida, com uma avaliação, oral ou escrita, das atividades realizadas. Esta opção, a princípio, causou desagrado, porém, expliquei a importância do momento para que eu pudesse rever minhas estratégias em sala de aula e, após a leitura e produção, devolveram o material proposto. Sempre nos minutos finais, intitulado de *Leitura doce* (Anexo E), entregava um cartãozinho colado em um bombom, que falava sobre a importância da leitura e agradecia a colaboração. Ao analisar as respostas da avaliação, percebi que muitos não responderam a atividade e aqueles que se propuseram a fazê-la, gostaram da realização das atividades propostas no dia, mas que a conversa paralela incomodou o entendimento mais profundo do que ali era estudado.

FOTO 1 - Desenvolvimento da 1ª etapa da proposta



FONTE: Arquivo pessoal

3.1.6.2 O conhecimento através da afrobrasilidade: hora de falar de negritude

No dia 10 de julho, realizei a segunda etapa da sequência, que teve como objetivos promover a aplicabilidade das Leis 10.639/03 e 11.645/08 na sala de aula e discutir o preconceito, o racismo e a intolerância religiosa na sociedade contemporânea. Essa etapa tinha como intenção ser realizada em uma carga - horária de duas aulas, porém, teve que ser dividida em dois momentos devido às discussões realizadas. Contou com os seguintes recursos: slides, *data-show*, papel, caneta, imagens e aparelho celular.

Fiz uma recapitulação das atividades feitas anteriormente. Logo após, no primeiro momento, expus a foto de MC Soffia (Anexo F) e lancei as seguintes perguntas disparadoras:

- Vocês conhecem esta cantora? Qual o tipo de música cantada por ela?
- Qual a principal temática de suas músicas?
- Quais as hipóteses podemos levantar para a escolha dela em falar sobre negras em suas obras?

Ao questionar se alguém conhecia a cantora e seu estilo musical, recebi a resposta negativa e, ao ouvirem o termo MC, imediatamente identificaram o tipo de música cantada. Apesar de não esperar aquela resposta, construí com eles a discussão sobre a cantora. Fiz um breve relato, expus o nome de três canções cantadas por MC Soffia e questionei, a partir da leitura dos títulos, qual seria a temática abordada. Quando uma aluna disse que ela, provavelmente, falava sobre meninas negras, aproveitei a resposta para elencar, junto com a turma, hipóteses em relação à escolha da cantora em falar sobre essa temática. As hipóteses levantadas pela turma foram:

- Ela deve ter sofrido preconceito;
- A cantora deve ter nascido na favela;
- Ela fala de mulheres;
- Mulheres são discriminadas e ela conta isso na música.

A partir dessas colocações, notei que o planejamento sofreria uma alteração pois, nesse momento, foram pontuadas, não só por mim como também por grande parte de alunas e alunos e fluíu a discussão sobre cidadania, preconceito, racismo, religiões de matrizes africanas, a

associação do candomblé com o demônio, o respeito às diferenças. Um aluno relatou a experiência da sua família com o candomblé como muitos veem essa religião de forma preconceituosa. Observei que a turma agiu com naturalidade ao ouvir a explanação do aluno e não houve nenhuma colocação pejorativa em relação ao que estava sendo ali relatado.

Cerca de 35 minutos foram utilizados para essa discussão. A opinião exposta pela turma, bem como a necessidade de discutir os problemas que os negros passam na sociedade foi o diferencial nessa aula. A discussão também pontuou a questão de pessoas que não têm oportunidade de crescimento e como desanimam quando veem as diversas portas fechadas, além da diferença existente entre homens e mulheres negros em relação aos brancos, na hora da procura por emprego, a expressão “boa aparência” e seu significado.

Após esse momento, apresentei, através do *data show*, parte do slide que contemplava toda aquela discussão: a leitura e a sua importância, anatomia de um leitor, leitura imagética e de palavras e expressões. Esta última parte também gerou uma interessante discussão, pois as expressões utilizadas eram faladas pela grande maioria do alunado, sem que tivessem noção da carga negativa apresentada por elas. Em trinta e cinco minutos, essas ideias foram analisadas em sala de aula e, apesar do tema, não tinha como fugir da conversa paralela. Foi entregue a cópia da música *Menina Pretinha*, da cantora (Anexo D), sob orientação de ser guardada para ser utilizada na aula seguinte. Além disso, a turma respondeu ao questionário proposto (Apêndice G). Esse material foi composto de 08 perguntas objetivas e contou com a participação das (os) estudantes presentes em sua totalidade. O uso dos descritores, nesse momento, não se fez necessário, pois a ideia principal foi promover a fixação das ideias ali discutidas.

A primeira indagação feita pedia que a (o) estudante escolhesse, entre as alternativas, a melhor definição para analisar o que significava o preconceito. Para 34%, a melhor definição do vocábulo é o indivíduo considerar-se melhor do que o outro, ao passo que 63% o entende como um juízo preconcebido que, geralmente, manifesta-se através de atitude discriminatória e 3% entendem que o preconceito é considerar a igualdade entre todos perante a lei. A segunda indagação foi voltada para o preconceito racial na sociedade. 25% das (os) estudantes alegam que existe, porém não é discutido; para 56%, há uma considerável discussão sobre essa prática; já 15% acreditam que acontece de forma velada; 4% afirmaram que o preconceito racial não existe em nosso convívio social.

A terceira reflexão feita foi relacionada a existência de igualdade entre os povos. Para 19% do alunado, existe, no Brasil; 56% entendem que queremos, mas na prática essa igualdade não existe e 25% não souberam responder. Na quarta questão, a prioridade foi analisar os fatores

que contribuem para uma quantidade pequena de mulheres nos espaços de poder. Para 53%, isso se dá devido à falta de oportunidade, 34% acreditam na dificuldade de acesso à educação e 13%, ao preconceito e discriminação.

O quinto quesito indagava sobre a importância de discussões envolvendo preconceito e estereotipia em sala de aula. 6% da turma não vê relevância nas discussões, 13% acreditam que vivemos em um país democrático e sem discriminação e estereótipos, ao passo que 81% entendem a necessidade de debate sobre a temática, pois questões como essas afetam a nossa sociedade e a construção da identidade de um povo. Na sexta pergunta, solicitava que alunas e alunos analisassem as respostas elaboradas sobre o que ela (ele) entendia por racismo. A maioria, 97%, respondeu que era uma forma de discriminar pessoas baseadas em motivos raciais, ao passo que 3% entendeu o racismo como uma prática com finalidade de não diminuir ou anular os direitos humanos do indivíduo.

Ao questionar sobre a existência do racismo, 12% acreditam que essa discriminação diminuiu drasticamente em nossa sociedade, de tal forma que quase não acontece, e 88% percebem que conflitos raciais e étnicos acontecem por todo mundo. Quanto aos comportamentos racistas, para 81% devemos conviver com as diferenças e 6% veem o desrespeito como algo normal. Propositadamente, a expressão *denegrir* foi utilizada nessa questão, como forma de analisar a percepção da turma ao que foi discutido no momento anterior. Nesse sentido, 6% alegam que, para defender uma identidade, podemos “denegrir” a outra e ainda temos 4% que acreditam que nossa sociedade não é racista.

Grande parte da turma atingiu o objetivo dessa aplicação, que era alicerçar as reflexões realizadas ao longo da etapa. Em relação à parcela que não atingiu o esperado, acredito que a dispersão e a conversa paralela podem ter influenciado negativamente e agiram de forma prejudicial na realização da atividade proposta, entendendo que a atenção seja fator importante para a aprendizagem. Logo após, a turma respondeu a avaliação oral da etapa da proposta didática. As respostas foram satisfatórias e grande parte da turma gostou das atividades desenvolvidas no dia.

FOTO 2 - Desenvolvimento da atividade e avaliação da 2ª etapa



FONTE: Arquivo pessoal

3.1.6.3 Negras cruzalmenses nos espaços de poder

A terceira etapa ocorreu no dia 18 de julho, objetivando promover a reflexão sobre mulheres negras que se sobressaem nas diversas áreas sociais, com duração de 100 minutos. Para esse momento, foi convidada a professora Ilza Francisca da Cruz, que é, atualmente, vereadora e recebeu destaque no município por ser a primeira negra a ocupar uma cadeira no poder legislativo cruzalmense, além de ser vice - presidente da mesa diretora da Câmara de Vereadores. Para ilustrar os diversos espaços sociais, foram fixadas, antes do início da aula para apreciação da classe, a figura de nove mulheres que ocupam papel de destaque no município (Anexo G).

Nos trinta minutos destinados a essa roda de conversa, a palestrante traçou um breve panorama a respeito do lugar que o negro ocupa na sociedade, além de discorrer sobre as ideias equivocadas em relação à figura negra, o processo de invisibilidade que a sociedade tende a manter o negro, a necessidade de nos apropriarmos dos locais também a nós destinados, através do estudo e também negras que contribuíram para a formação de nossa história. Citou personagens, como Maria Felipa e Dandara dos Palmares, além de explicar sobre a Lei Áurea e a Abolição da Escravatura. Para finalizar, fez um relato de sua trajetória de vida e perseverança até os dias atuais, no poder legislativo.

FOTO 3 - Atividade desenvolvida na 3ª etapa



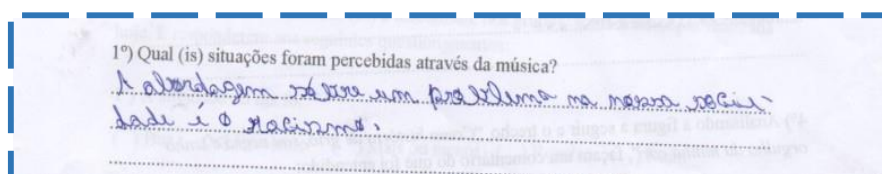
FONTE: Arquivo pessoal

No segundo momento, com duração de vinte minutos, houve a discussão acerca da palestra e se eles conheciam aquelas mulheres expostas na lousa. Antes da realização dessa atividade, fiz uma retrospectiva da aula anterior, bem como questionei a respeito do que eles conseguiram absorver do relato ali exposto. Perguntei se viram algo interessante nas leituras expostas e se conheciam alguma delas, mas a maioria alegou desconhecê-las.

Logo após, a turma recebeu uma atividade (Apêndice H) para que pudessem analisar e responder de acordo o que foi visto na aula. Com duração de quinze minutos, a interpretação da música *Menina Pretinha* (Anexo H), realizada em grupos de cinco estudantes. A seguir, os questionamentos:

1º) Qual (is) situações foram percebidas através da música?

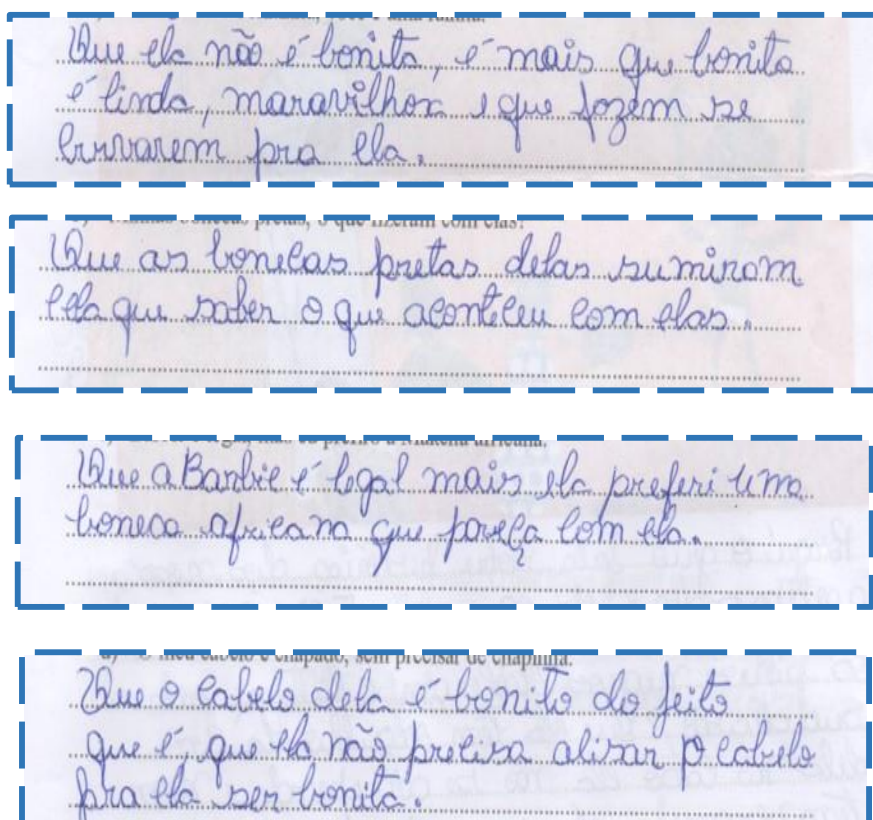
FIGURA 1 - Resposta do grupo 1 ao 1º questionamento



2º) Para você, qual o significado das seguintes frases:

- Você não é bonitinha, você é uma rainha.
- Minhas bonecas pretas, o que fizeram com elas?
- Barbie é legal, mas eu prefiro a Makena africana.
- O meu cabelo é chapado, sem precisar de chapinha.

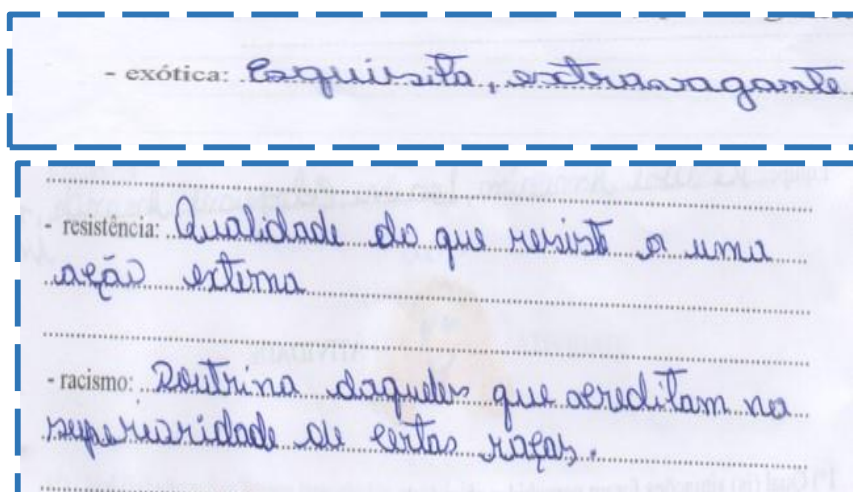
FIGURA 2 - Respostas do grupo 2 ao 2º questionamento



3º) Para você, qual o significado das palavras a seguir:

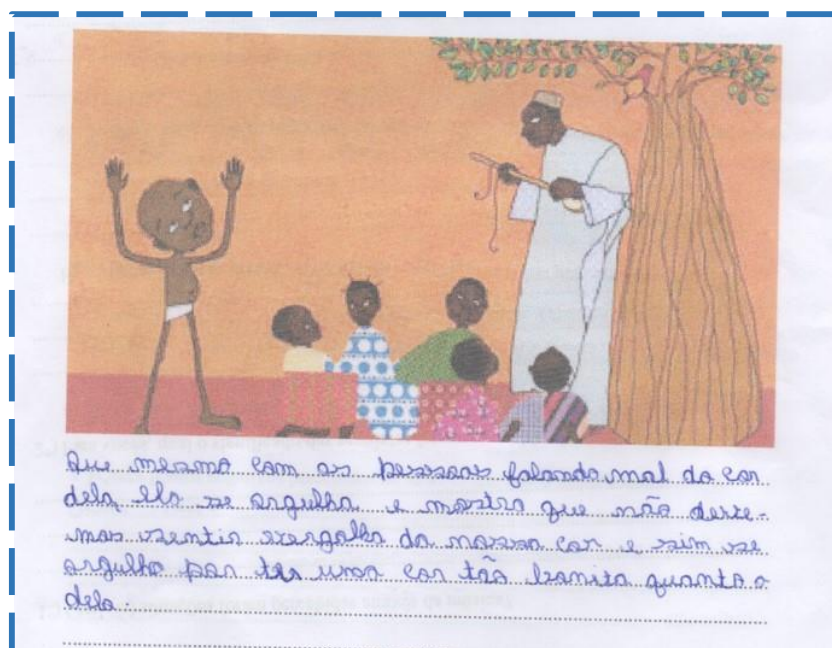
- exótica
- resistência
- racismo

FIGURA 3 - Respostas do grupo 3 ao 3º questionamento



4º) Analisando a figura a seguir e o trecho “Como história de griô, sou negra e tenho orgulho da minha cor”, façam um comentário do que foi entendido:

FIGURA 4 - Resposta do grupo 4 ao 4º questionamento



O terceiro momento enfocou a pesquisa através da tecnologia. Antes da entrega do cartãozinho ressaltando a importância da leitura, questionei se todos os presentes tinham acesso a redes sociais e internet e, após resposta afirmativa, solicitei a criação de um grupo de *whatsapp*, com fins educacionais, que foi intitulado por eles de *Cordel 8V2*. No grupo, haveria

orientações acerca das atividades seguintes, além de ser um espaço de interação e socialização de saberes. Após sua criação, pedi que a turma pesquisasse nome de cordelistas do sexo feminino que trabalhasse com a temática mulher negra e suas principais características. Nos minutos finais, responderam, oralmente, às seguintes perguntas:

- O que achou da atividade de hoje? Qual momento você achou mais interessante?

Justifique sua resposta.

- Você acha que essas discussões realmente precisam acontecer? Por quê?
- Quais pontos positivos foram percebidos por você? E quais pontos negativos?
- Esta atividade a (o) ajudou a compreender algo?

Apesar da dispersão por conta da aproximação do horário do intervalo, as respostas foram positivas. Para os (as) que responderam, as atividades realizadas foram interessantes e queriam mais aulas como aquelas. Os principais pontos positivos foram conhecer a história de mulheres da cidade que se destacam e o acesso à história de vida da palestrante. Como ponto negativo, alguns reclamaram da conversa que atrapalhou o segundo momento.

3.1.6.4 Cordéis: a literatura popular contada em versos

No dia 20 de julho ocorreu a quarta etapa da proposta, com duração de 02 aulas e objetivou a apropriação da poesia popular através dos cordéis e suas principais características. No primeiro momento, com duração de 10 minutos, levantamos os conhecimentos prévios a partir das seguintes perguntas, que foram respondidas oralmente:

- Você já ouviu falar em cordéis?
- Se já ouviu falar, o que sabe sobre o assunto?
- O que você achou da leitura?

Em relação ao primeiro questionamento, a turma disse que o colégio utiliza cordéis nas leituras. Uma aluna comentou que a professora da disciplina Língua Portuguesa também é cordelista. Disseram que o cordel é um tipo de literatura exposta em cordas, possui rimas, é muito popular, e encontram muitos deles nas bancas de revista. A leitura, segundo a maioria, é boa pelo fato de ser de fácil entendimento, apesar de considerarem seu tamanho extenso.

Para trabalharmos com o cordel utilizei, inicialmente, a obra intitulada *A história da literatura de cordel*, do autor Abdias Campos (Anexo I), em uma duração de 25 minutos. Primeiramente, foi feita pela turma a leitura silenciosa e, logo após, a coletiva. A turma recebeu uma atividade relacionada ao texto lido (Anexo J).

No segundo momento, cuja duração foi de 25 minutos, alunas e alunos foram convidadas (os) a ouvirem uma poesia cantada pelo cordelista Bráulio Bessa, apresentada no quadro Poesia com Rapadura, do Programa Encontro com Fátima Bernardes (Anexo D), sobre a importância da Consciência Negra. A música transcrita (Anexo K) foi entregue à classe para que fizéssemos a leitura compartilhada e, logo após houve a exposição do vídeo. Posteriormente, educandas e educandos, através de sorteio, responderam oralmente as seguintes questões¹²:

- O que você achou do cordel?

E1: *Eu gostei, professora. Gostei do nome Poesia com Rapadura.*

E2: *Eu achei legal!*

E3: *Gostei também.*

- Cite algumas personagens que o cordelista utilizou para compor sua obra. O que a maioria delas tem em comum?

E4: *Michael Jackson e Gonzagão.*

E5: *Rei Charles.*

E6: *Bob Marley.*

- Quais sentimentos o autor explicita em sua obra?

E7: *Ele tem esperança.*

E8: *Amor pela cor negra.*

E9: *Esperança de um dia todos serem iguais.*

- Qual o conselho dado pelo autor em relação ao preconceito?

E10: *Pra a gente tomar cuidado com o preconceito.*

E11: *É preciso respeitar os outros.*

¹² Educandas e educandos sempre serão identificados pela letra E, que significa estudante, seguida de numeral que apenas distingue uns dos outros, não correspondendo a nenhuma ordem ou hierarquia.

E12: *Sei não, professora!*

No quarto momento dessa etapa, apresentei para a turma a autora cujos cordéis seriam analisados e solicitei que quatro discentes, voluntariamente e em nome da turma, escolhessem quatro obras que seriam analisadas nas próximas aulas. A preferência pelas obras se deu, provavelmente, pela provocação feita no dia da palestra realizada na terceira etapa. Desse modo, as selecionadas foram Carolina Maria de Jesus, Dandara dos Palmares, Maria Felipa e Tia Ciata. Solicitei que as (os) discentes se reunissem em grupos e fizessem, cada equipe, uma pesquisa sobre uma das personagens escolhidas. Após esse momento, as (os) estudantes fizeram a avaliação da aula e pontuaram que essas aulas estavam mais participativas.

FOTO 4 - Escolha dos cordéis para análise



FONTE: Arquivo pessoal)

3.1.6.5 Compreensão leitora de cordéis que retratam vida e resistência de mulheres negras

Essa etapa teve a duração de oito aulas, com objetivo de promover possibilidades de leitura e compreensão leitora, através das literaturas afro-brasileira e popular ao acesso à história de mulheres negras. Para seu desenvolvimento, foram utilizados documentários, data show, dicionários, textos impressos, lápis e caneta. Nas primeiras aulas, realizadas no dia 01 de

agosto, desenvolvemos nossas atividades com a personagem Carolina Maria de Jesus. Conforme solicitado, cada grupo de alunos ficou responsável pela pesquisa de informações sobre a personagem. No primeiro momento, cuja duração foi de 20 minutos, a primeira equipe leu as informações pesquisadas, em forma de texto, e fui elencando, através do *data-show*, os seguintes tópicos:

- Nasceu em Sacramento, em 14 de março de 1914;
- Considerada uma das primeiras e mais importantes escritoras negras existentes no Brasil;
- Filha de um homem casado, foi muito maltratada na infância;
- Sua mãe foi expulsa da Igreja Católica, por ter filhos ilegítimos;
- Saiu de Sacramento, por ter sido presa injustamente;
- Construiu sua própria casa, usando madeira, lata, papelão e tudo o que encontrava. Saía todas as noites para coletar papel e conseguir dinheiro para sustentar a família;
- Começou a escrever sobre seu dia-a-dia e como era morar na favela;
- Escreveu a obra *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada*;
- Em seu diário, ela detalhou o cotidiano dos moradores da favela, fatos políticos e sociais e como a pobreza e o desespero podem levar pessoas boas a trair seus princípios simplesmente para assim conseguir comida para si e suas famílias;
- Escreveu poemas, contos e diários breves, embora estes nunca tenham sido publicados;
- Escreveu também as obras *Casa de Alvenaria* e *Pedaços de Fome*;
- Morreu em 13 de fevereiro de 1977, na pobreza;
- Obras como *Diário de Bitita* e *Meu Estranho Diário* foram publicados após a sua morte

No segundo momento, com duração de 10 minutos, foi exposto à turma o documentário intitulado *Carolina Maria de Jesus: filha fala sobre vida e obra da escritora* (Anexo T), para melhor absorção das informações elencadas. Logo após, fizemos uma breve discussão dos conteúdos explorados e, em seguida, foram dadas as instruções para a realização da atividade pretendida.

FIGURA 5 - Cena do vídeo *Carolina Maria de Jesus: filha fala sobre vida e obra da escritora*



Fonte: <<https://www.youtube.com/watch?v=qRjDmmWAFEO>>

A leitura coletiva do cordel nomeado *Carolina Maria de Jesus* (Anexo L) contou com a participação de discentes e, voluntariamente, cada uma (um) lia uma estrofe, discutindo palavras que não eram do conhecimento das (dos) presentes. Posteriormente, houve a leitura silenciosa e, depois, o andamento da atividade (Apêndice I). Para este momento, foram disponibilizados 65 minutos, que não foram utilizados em sua totalidade. O restante do tempo avaliamos a atividade realizada. As próximas aulas contemplaram Dandara dos Palmares e foram realizadas no dia 03 de agosto. O primeiro momento totalizou 40 minutos, distribuídos em socialização de informações, análise do documentário e debate. O texto onde continha as informações foi exposto de forma oral e assim, por mim, elencado:

- Esposa de Zumbi dos Palmares;
- É incerto o local onde nasceu: no Brasil ou na África;
- Teve três filhos;
- Dominava técnicas de luta e capoeira;
- Combatia os ataques ao quilombo dos Palmares;
- Não se sabe se ela realmente existiu;
- Suicidou-se (jogou-se de uma pedra ao abismo) depois de presa, em 6 de fevereiro de 1694, para não retornar à condição de escravizada.

Após o levantamento dessas informações, a turma foi convidada a assistir ao vídeo denominado *Dandara - Mulher na Roda* (Anexo D) e iniciamos uma discussão a respeito do que já havia sido exposto. A informação sobre a forma que a personagem morreu causou uma

série de debates pois a maioria não aceitou tal ato. Posteriormente, fizemos a leitura compartilhada e a silenciosa do cordel *Dandara dos Palmares* (Anexo M), quando a classe foi convidada a realizar a atividade escrita (Apêndice J), que aconteceu em cinquenta minutos. O tempo restante foi disponibilizado para avaliarmos, oralmente, a atividade. Segundo grande parte da turma, o texto era interessante e explicou toda trajetória da personagem e as questões eram de fácil resposta.

FIGURA 6 - Cena do vídeo *Dandara - Mulher na Roda*



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=DaP1_EDSQN4>

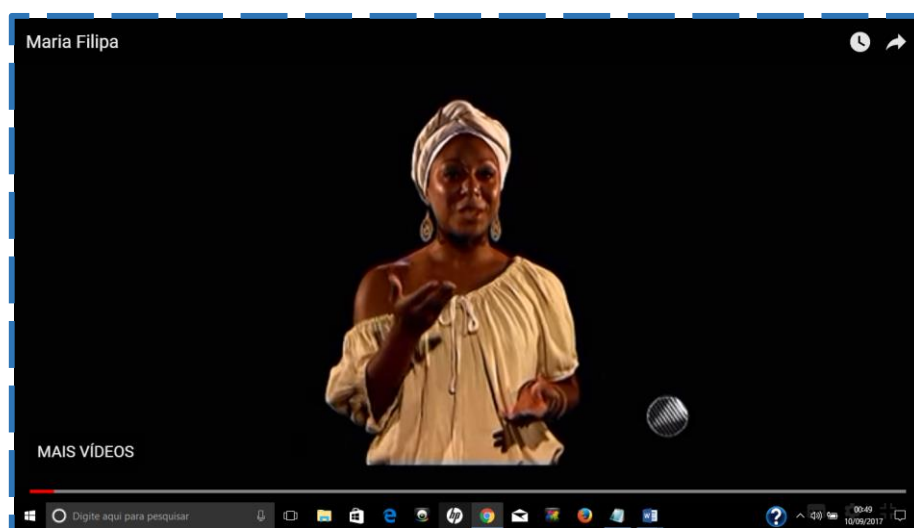
As aulas posteriores, realizadas no dia 08 de agosto, foram reservadas ao estudo sobre a trajetória de vida da personagem Maria Felipa. Nos trinta minutos disponibilizados para esse momento, a terceira equipe teve a oportunidade de socializar as informações pesquisadas, assistir a um documentário que falava sobre ela e debater sobre o que já tinha sido exposto. As principais informações foram:

- Nasceu na Ilha de Itaparica, na Bahia;
- Não há registro da sua data de nascimento e falecimento;
- Era marisqueira e pescadora;
- Liderou aproximadamente 200 pessoas, entre mulheres negras e índios;
- Responsável por queimar, aproximadamente, 40 barcos portugueses;
- Era corajosa, bela e tinha um porte físico que se destacava;

- Capoeirista e guerreira que, juntamente com quarenta mulheres, seduziram os portugueses e quando eles estavam completamente envolvidos, e sem roupa, deram-lhes uma surra de cansação;

Para essa aula, levei a informação sobre uma obra intitulada *Maria Felipa: uma heroína baiana que a história esqueceu*, do cordelista Antonio Carlos de Oliveira Barreto e fiz comentários sobre o seu conteúdo. Educandas (os) foram convidadas (os) a assistirem ao vídeo denominado *Maria Felipa* (Anexo D) e, posteriormente, discutimos sobre o que já havia sido ali exposto e as estratégias de luta de Maria Felipa foram alvo de interesse de parte da classe. Como estratégia de realização da atividade, e nos minutos seguintes, foram realizadas as leituras coletiva e silenciosa do cordel *Maria Felipa* (Anexo N), além da discussão sobre vocábulos contidos no texto e realização das atividades propostas (Apêndice K). A avaliação da etapa foi feita de forma oral.

FIGURA 7 - Cena do vídeo *Maria Felipa*



Fonte: <https://youtu.be/i5mbV5_D-HY>

Na última atividade desta etapa, realizada no dia 10 de agosto e em 02 aulas, começamos o momento com a exposição do vídeo *Tia Ciata, Hilária Batista de Almeida (1854-1924) - Heróis de Todo Mundo* (ANEXO D).

FIGURA 8 - Cena do vídeo *Tia Ciata, Hilária Batista de Almeida (1854-1924)*



Fonte: <<https://youtu.be/1c0mymCjQkM>>

Logo após, foram elencadas as informações pesquisadas pela última equipe:

- Nasceu em Santo Amaro da Purificação (BA), em 1854;
- Mudou-se para o Rio de Janeiro, por causa das perseguições policiais relacionadas à sua religiosidade;
- Era quituteira e trabalhava sempre vestida de baiana;
- Seu tabuleiro era famoso, farto e repleto de bolos que faziam a alegria dos compradores;
- Era do candomblé;
- Teve, no total, 15 filhos;
- Recebia, em sua casa, inúmeras festas dançantes, regadas à música e quitutes da melhor qualidade;
- Era respeitada na cidade, diferente de muitos negros de sua época;
- Morreu em 1924, mas até hoje é muito importante para a história do samba.

A intolerância religiosa foi o principal ponto de discussão nesse momento. Algumas falas tiveram destaque:

E1: “*Se na Bahia discrimina o negro, como os outros não vão discriminar?*”

E2: “*Isso já faz muito tempo! O pior já passou. Agora a gente pode falar.*”

E3: *“Mas essa questão ainda é muito forte e muita gente não aceita quem é do candomblé!”*

E4: *“Aceita a gente porque não tem outro jeito, já que têm muitos negros no mundo, mas já a religião é mais difícil!”*

E5: *“Mas muitas pessoas do candomblé agora já andam na rua sem medo. Eu mesmo não tenho vergonha de dizer que sou do candomblé!”*

A história da menina que levou pedradas de religiosos por ser candomblecista também foi lembrada nesse momento. Logo após esse espaço destinado a explicações orais, demos início às leituras compartilhada e silenciosa do cordel *Tia Ciata* (Anexo O), além da parte escrita da atividade (Apêndice L).

Quando toda turma entregou a atividade, solicitei que abrissem o caderno, na disciplina Língua Portuguesa, no dia 06 de julho, quando algumas hipóteses foram levantadas a respeito da temática que seria estudada e elas se confirmaram. Para finalizar a etapa, escolhemos quatro estudantes que fariam as perguntas para a autora das obras estudadas. Para grande parte da turma, que respondeu oralmente, as atividades realizadas ao longo da proposta foram interessantes e a metodologia aplicada foi boa, apesar da grande quantidade de leitura.

4.1.6.6 Seleção das indagações e realização da entrevista

A penúltima etapa da proposta foi cumprida nos dias 14, 21 e 29 de agosto e contou com a presença de quatro estudantes, por escolha da turma. O objetivo dessa etapa foi produzir, na modalidade escrita, questionamentos relacionando a temática às suas especificidades. Nesse momento, analisamos as indagações feitas através do whatsapp e também aquelas entregues nas aulas. Foram aceitas as mudanças solicitadas pelo quarteto, cujas opiniões foram muito importantes. O último momento da etapa foi realizado nos dias 29 de agosto, com o objetivo levantar informações acerca das particularidades da produção dos cordéis analisados e socializar aos demais.

FOTO 5 - Momento da gravação da entrevista



FONTE: Arquivo pessoal

4.1.6.7 Culminância da proposta de intervenção pedagógica

A última etapa da intervenção desenvolvida aconteceu em 27 de setembro, com a duração de uma aula. No momento de confraternização, agradei a participação das (dos) envolvidas (os) e expus uma síntese das respostas da cordelista Jarid Arraes que foram pesquisadas em sites. Por razões particulares, não obtive sua resposta em tempo hábil, apesar de se manter disposta em atender-nos.

Logo após, perguntei o que eles acharam das atividades de forma geral e algumas respostas foram:

- E1: *No início não tava muito animada não. Mas, com o passar do tempo, fui até gostando das atividades. O cordel que eu mais gostei foi o de Maria Felipa por causa da surra que ela deu nos portugueses...(risos).*
- E2: *Eu também gostei. Os cordéis eram grandes, mas contava toda a história delas. Pelo menos a gente lia e sabia logo o final.*
- E3: *A parte da cordinha também foi legal, véi! Mas a professora parava a música e a gente tinha de ler! (risos). A MC também foi legal. A música dela é massa, véi!*

- E4: *A senhora não volta mais não, pró? E os cordéis que a gente não leu, não vamos ler?*

Agradei a participação e a socialização das opiniões e respondi para a aluna que outras oportunidades de leitura seriam oferecidas no projeto do terceiro trimestre, sem minha presença em sala de aula, mas prometi estar na culminância após esse momento, agradei a colaboração da turma, fizemos um lanche e entreguei uma lembrança para o alunado.

4 ANÁLISE DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

A análise das respostas foi feita com 20 dos 36 estudantes que responderam as atividades, pois participaram da atividade diagnóstica aplicada anteriormente. A ideia foi averiguar se o desenvolvimento da proposta de intervenção alcançou o pretendido. Ao utilizar os descritores achei melhor descartar a ideia de questões com múltiplas escolhas, pois o propósito era oferecer aos estudantes a possibilidade da procura de informações e análise textual, além de não induzi-los aos equívocos com as famosas “pegadinhas”. A seguir, a análise da sequência disposta por descritor.

4.1 LOCALIZAÇÃO DAS INFORMAÇÕES EXPLÍCITAS EM UM TEXTO

As questões abordadas a seguir exploram o descritor 1, que solicitou que educandas e educandos localizassem as informações encontradas claramente no texto. Esse descritor objetiva verificar a habilidade de localização de informações tomando como base o texto, ao responder questionamentos do tipo: Por quê? Como? Onde? O quê? Qual?

Além disso, permite avaliar se estudantes adquiriram a capacidade de localizar informações sem necessidade de obter informações concorrente no texto e para chegar ao êxito, é necessária a utilização da paráfrase de informações, com a finalidade de realizar um trabalho que vai além da decodificação. (INEP/ MEC, 2001).

Para contemplar esse descritor, foram elaboradas as seguintes questões:

- A partir da leitura do cordel Carolina Maria de Jesus, responda:

- a) Onde ela nasceu:
- b) O ano em que ela nasceu:
- c) O que ela mais gostava de fazer:
- d) Qual sua ocupação antes da fama:
- e) Quais as obras escritas por ela.

- A partir da leitura do cordel, responda às seguintes indagações a respeito de Dandara dos Palmares:

- a) De quem ela era esposa:
- b) Onde nasceu:
- c) Onde se estabeleceu:
- d) Teve quantos filhos:
- e) Como morreu:

- Sobre a personagem Maria Felipa, responda:

- a) Onde nasceu:
- b) Sua profissão:
- c) Quantidade de mulheres lideradas por ela:
- d) Lugar onde morava:

- Leia atentamente o cordel e, a respeito de Tia Ciata, informe o que lhe é solicitado:

- a) Seu local de nascimento:
- b) A religião a qual ela pertencia:
- c) Sua profissão:
- d) O nome de sua primeira filha:

A seguir, os gráficos com as respostas obtidas:

GRÁFICO I: Carolina Maria

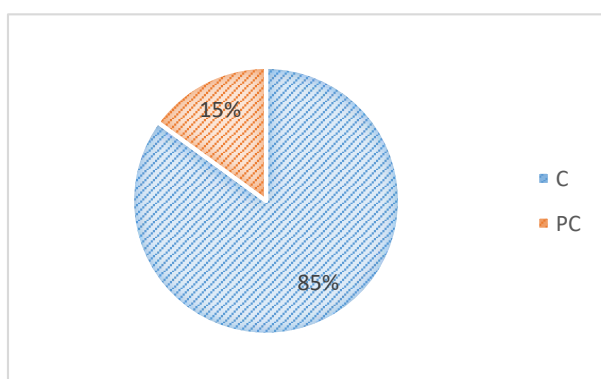


GRÁFICO II: Dandara

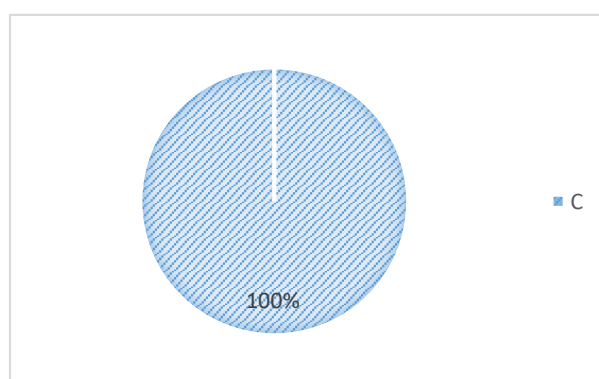


GRÁFICO III: Maria Felipa

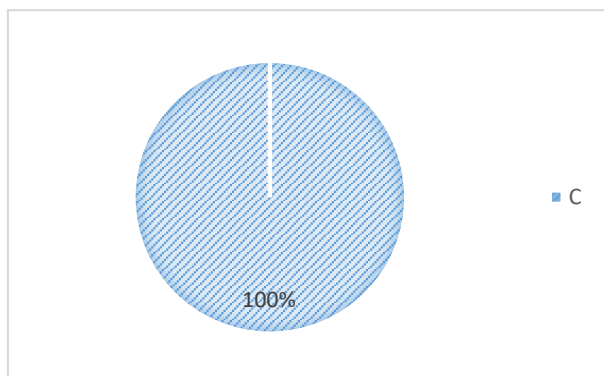
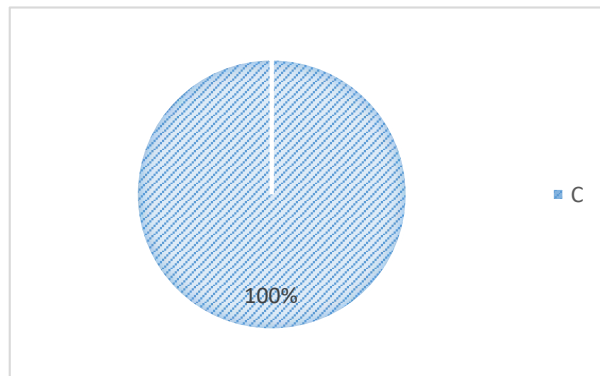


GRÁFICO IV: Tia Ciata



(JESUS, Rubiane, 2017)

A linguagem utilizada nessas obras possui traços específicos. Uma dessas peculiaridades dessa literatura é a poesia ritmada, cuja rima e ritmo interferem diretamente na sonoridade destes escritos. Notei que grande parte das respostas analisadas, ao questionar o ano que a personagem Carolina Maria de Jesus nasceu, retirou a informação da mesma forma que estava contida no texto. Todavia, o intuito da utilização deste descritor foi satisfatoriamente realizado. Além disso, 15% da turma não conseguiu localizar os três livros escritos pela personagem.

Observo que quase a totalidade do alunado observado, atingiu o esperado e encontrou as informações contidas explicitamente no texto. Nesse ponto, discordo da ideia de Menegassi (1995), pois entendo que o texto é uma forma de codificação do autor e decodificação que é realizada pelo leitor quando há discussão e socialização de saberes. Ou seja, o alunado teve acesso a discussões, o que tornou sua compreensão mais exitosa e, em consequência, respondeu as questões de forma satisfatória.

FIGURA 9 - Resposta do educando ao questionamento baseado no descritor 1

2º) A partir da leitura do texto, informe:

Onde a personagem nasceu: sacramento / Nino curau

O ano em que nasceu: 1914

O que a personagem mais gostava de fazer: ler e escrever

Qual a sua ocupação antes da fama: colocador de papel

As obras escritas por ela: caso de alumnario, Diário de Bilião, quarto de deopys.

4.2 INFERÊNCIA NO SENTIDO DE UMA PALAVRA OU EXPRESSÃO

Essa habilidade contemplou o conhecimento do significado de palavras ou expressões para que as (os) discentes obtivessem êxito no que era pretendido, a habilidade de perceber as sutilezas que auxiliam na construção de sentidos. Com base nas diversas informações que os textos trazem, o leitor competente percebe o sentido das escolhas lexicais realizadas pelo autor.

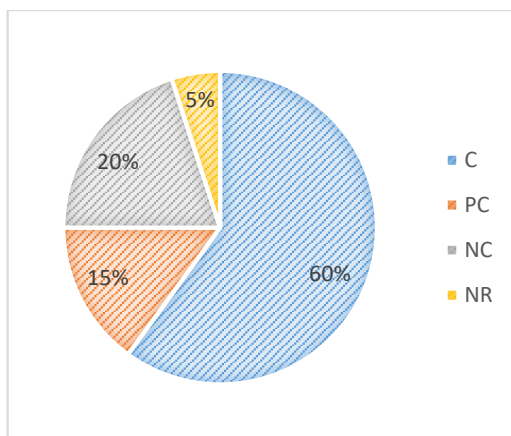
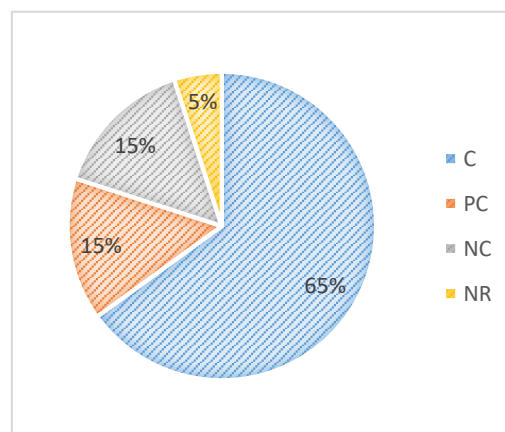
Kleiman (2013) concebe a ideia de que o repertório linguístico é de suma importância para o entendimento vocabular. O sujeito leitor compreende o sentido da palavra a partir da sua contextualização. Nessa perspectiva, os questionamentos sempre, no enunciado, solicitavam que as inferências fossem feitas a partir do contexto e, para atender a esse descritor, foram elaboradas as seguintes indagações¹³:

- Provavelmente, você já escutou as palavras *racismo* e *elitismo*. Qual o significado delas na história?
- O que você entende do trecho “*Que machismo é violento de matar*”?
- Após nossas discussões, explique a expressão: “*Que dela jamais esquece por sua resiliência*”.
- A partir do seu entendimento do texto, explique o trecho “*Pois o racismo perverso era um fato endurecido.*”

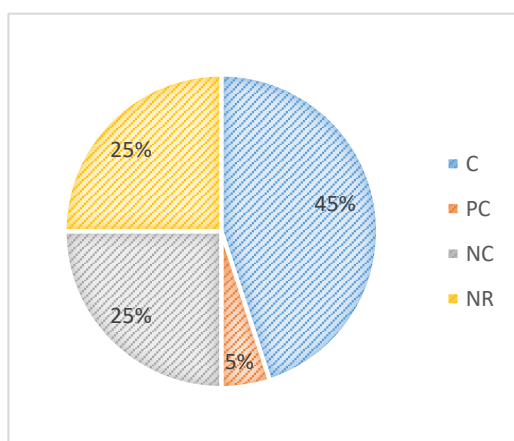
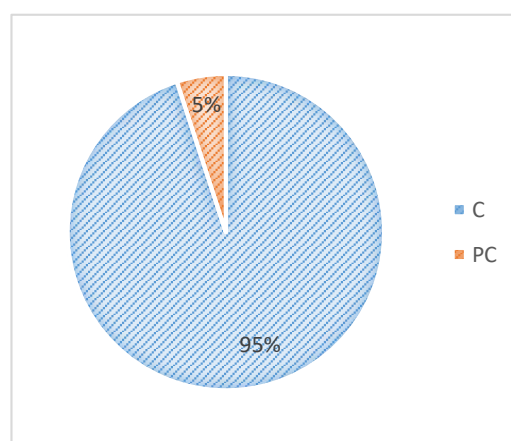
O propósito deste descritor é que alunas e alunos busquem informações ultrapassando as que estão expostas nos textos e, após a leitura, atribuam sentido e façam suas inferências. A partir das discussões realizadas antes do desenvolvimento das atividades, a ideia era que as (os) discentes alcançassem a competência pretendida. Para Leffa (1996), uma das principais características existentes no processo de interação é a relação entre os conhecimentos prévios e os dados fornecidos pelo autor. O recuo, a retomada e nova tentativa são passos que auxiliam o leitor que, juntamente com a exploração de suas vivências, possibilita o êxito da compreensão leitora.

A seguir, os gráficos que vislumbram as respostas dadas.

¹³ Os questionamentos sempre serão descritos a partir da seguinte ordem: Carolina Maria de Jesus, Dandara dos Palmares, Maria Felipa e Tia Ciata.

GRÁFICO V: Racismo e elitismo**GRÁFICO VI: Machismo**

(JESUS, Rubiane, 2017)

GRÁFICO VII: Resiliência**GRÁFICO VIII: Racismo**

(JESUS, Rubiane, 2017)

Uma das principais condições para que o processo de leitura seja contemplado na produção de sentidos é a ativação dos conhecimentos prévios que as (os) discentes possuem. Na perspectiva interacionista, essa leitura se processa na interação existente entre autor-texto-leitor, no momento em que [...] O leitor, usando seu conhecimento prévio, interage com a informação básica do texto para estruturar um determinado padrão silábico [...] usa esse conhecimento para negociar e renegociar as informações obtidas do texto (LEFFA, 1996, p.19).

No primeiro gráfico, a ativação dos conhecimentos prévios auxiliou na postura reflexiva da turma. As concepções de racismo e elitismo contidas no texto foram abordadas de forma satisfatória e, mesmo àquelas (es) que parcialmente corresponderam ao esperado, analisaram

de forma correta o conceito de racismo a partir do entendimento do texto. As discussões realizadas em sala de aula e despertaram a curiosidade na utilização do vocábulo elitismo, bem como o uso do dicionário foram fatores que influenciaram no desenvolvimento da atividade e, no resultado percebi que parte considerável da turma analisada (60%) deu resposta satisfatória.

Os resultados obtidos e expostos no segundo gráfico mostram que 65% alcançou o esperado. As discussões envolvendo o machismo, o feminismo e o racismo, particularmente, foram bem produtivas e, conseqüentemente, grande parte das questões contemplou o pretendido. Essa prática dialógica coaduna com as ideias de Freire ao entender que:

O diálogo é o encontro entre os homens, mediatizados pelo mundo, para designá-lo. Se ao dizer suas palavras, ao chamar ao mundo, os homens o transformam, o diálogo impõe-se como o caminho pelo qual os homens encontram seu significado enquanto homens; o diálogo é, pois, uma necessidade existencial (FREIRE, 2009, p.42).

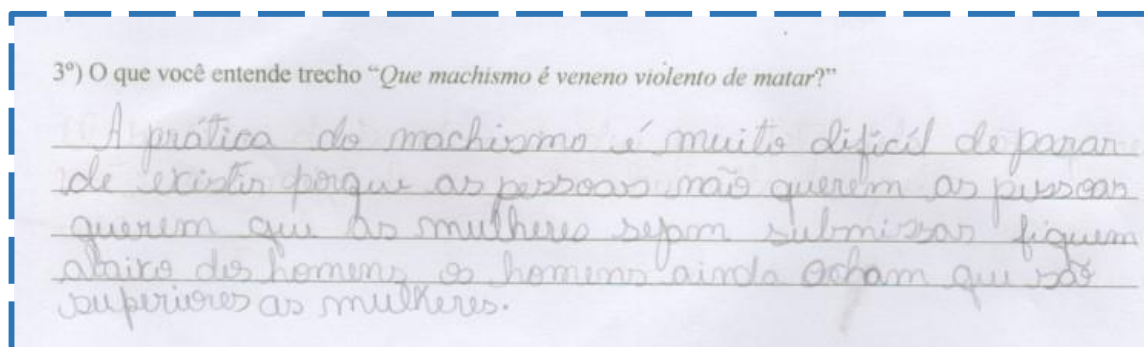
As respostas contidas no gráfico III mostram que, apesar do entendimento de parte do alunado em relação ao vocábulo resiliência nesse contexto, a questão não ficou muito clara para a maioria, de modo que a quantidade de sujeitos que cometeu equívoco ou não respondeu superou o esperado. Nessa perspectiva, ao analisar a possibilidade das (os) discentes se equivocarem ou preferirem não responder, foi necessário analisar o momento de discussão em sala de aula e se a forma conduzida proporcionou à turma o efetivo entendimento. Assim, essa questão apontou para a necessidade de refletir sobre as respostas aparentemente “equivocadas” que foram dadas, uma vez que, responder acertadamente, não é garantia que realmente houve aprendizado. Para Cury (2008),

Na análise das respostas dos alunos, o importante não é o acerto ou o erro em si – que são pontuados em uma prova de avaliação da aprendizagem –, mas as formas de se apropriar de um determinado conhecimento, que emergem na produção escrita e que podem evidenciar dificuldades de aprendizagem (Cury, 2008, p. 63).

Dessa forma, é importante repensar nas estratégias de ensino e enfocar, primeiramente, na forma que possa auxiliar as (os) discentes a se apropriarem do que está sendo apreendido e facilitar o processo ensino-aprendizagem.

No gráfico IV, as respostas também contemplaram o esperado, uma vez que o vocábulo faz parte das discussões cotidianas da turma. A análise reflexiva feita pela turma reforça a ideia que essas discussões são necessárias em espaços escolares de forma a auxiliar na proficiência do alunado.

FIGURA 10 - Resposta da educanda ao questionamento baseado no descritor 3



5.3 INFERÊNCIA DE UMA INFORMAÇÃO IMPLÍCITA EM UM TEXTO

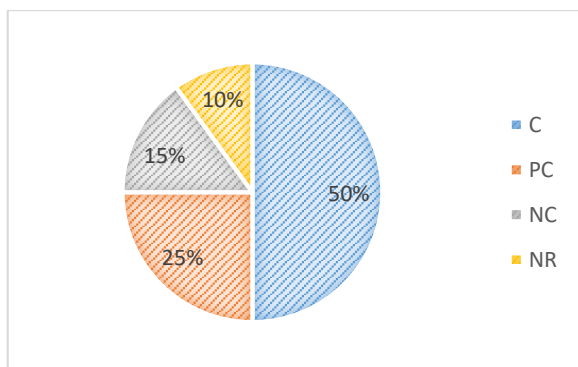
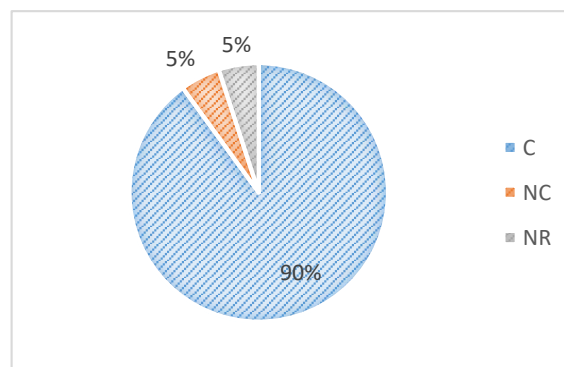
Esse descritor contempla o objetivo de avaliar se educandas e educandos são capazes de reconhecer ideias implicitamente contidas no texto. Para que seja alcançado o que se pretende, o alunado precisa ler o que está explícito no texto, atribuir-lhe sentidos e construir suas conclusões, a corroborar com a ideias de Leffa (1996), que entende a leitura como um processo relacionado aos conhecimentos trazidos e as informações disponibilizadas através do texto. Nesse sentido, os questionamentos realizados foram:

- O que você entende do trecho “*A mulher negra que despeja o coração?*”
- Porque Dandara dos Palmares preferiu o suicídio ao retorno à servidão?
- Você acredita que as mulheres realmente sofrem um processo de invisibilidade?

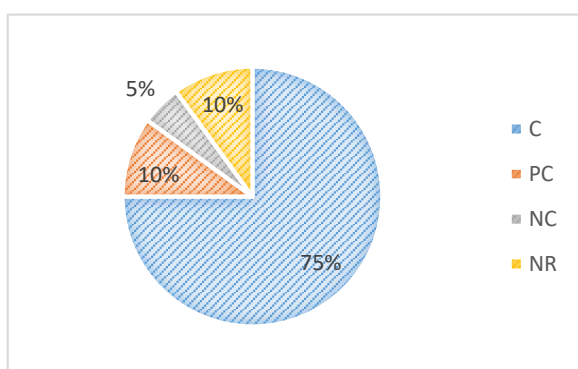
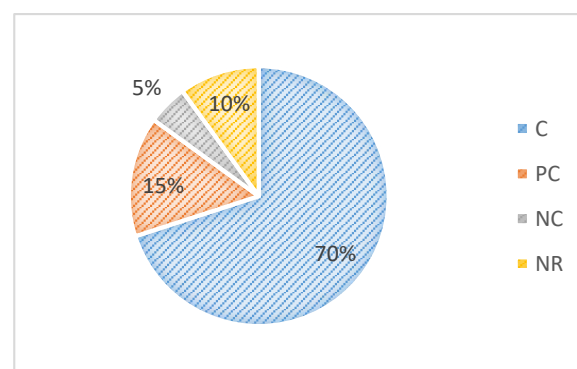
Justifique sua resposta:

- Tia Ciata era uma personagem famosa no meio social onde vivia. Ainda assim, sofria perseguição da polícia. Para você, qual (quais) motivo (s) era (m) causador (es) de tal prática?

Mediar o aprendizado do sujeito leitor é, antes de tudo ajudá-lo na prática do refletir, deduzir, do senso crítico e, acima de tudo, de extrapolar as ideias contidas no texto. A interpretação de textos e enunciados são habilidades do leitor proficiente. A compilação das resposta é exposta nos gráficos a seguir:

GRÁFICO IX: Despeja o coração**GRÁFICO X: Suicídio**

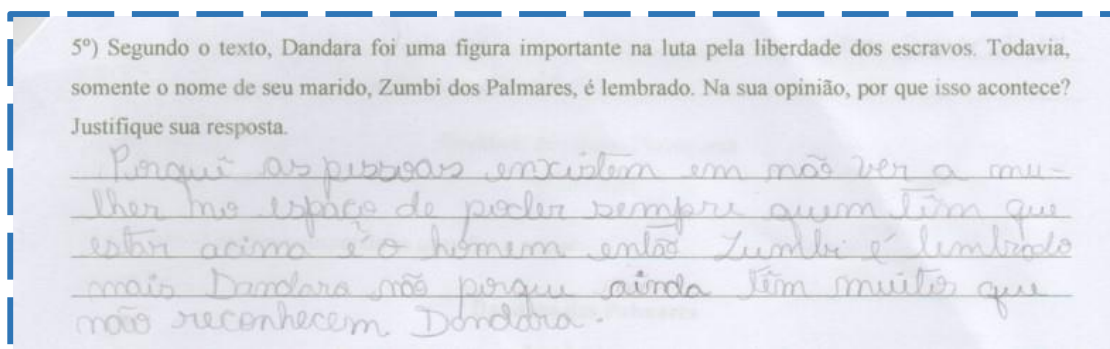
(JESUS, Rubiane, 2017)

GRÁFICO XI: Invisibilidade**GRÁFICO XII: Perseguição**

(JESUS, Rubiane, 2017)

Ao questionar o subentendido na frase “A mulher negra despeja o coração”, metade da turma analisada atingiu o objetivo proposto, apesar de surgirem dúvidas. A leitura de ideias implícitas pode não ser uma prática comum nos espaços escolares, de modo que é necessário proporcionar aos leitores tal habilidade. Além do mais, há uma possibilidade da pergunta não ter colaborado para alcançar o pretendido.

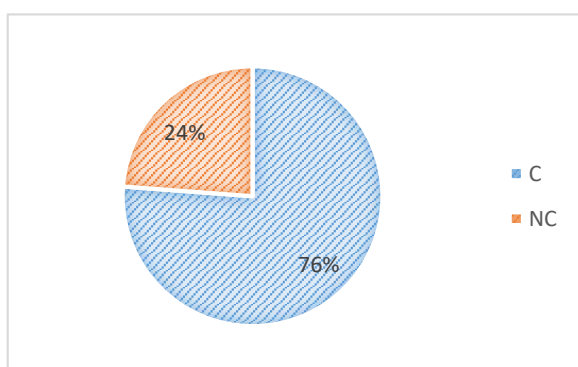
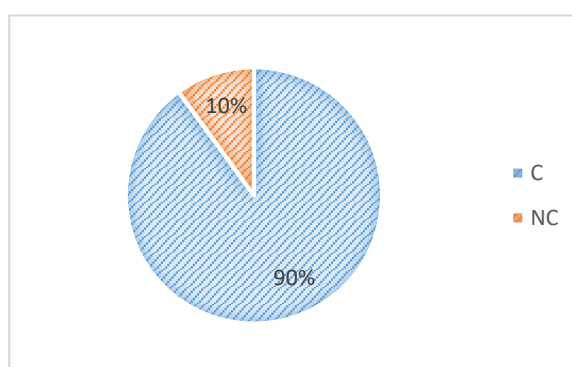
No gráfico VI, VII e VIII, as respostas foram notoriamente superiores ao questionamento anterior deste descritor. Alvo de significativos debates antes do desenvolvimento da atividade proposta, as ideias relacionadas a gênero, intolerância religiosa e suicídio ganharam destaque e, como consequência, provocaram a necessidade de discussão sobre a discriminação que mulheres e candomblecistas sofrem. Não raro, nos momentos de discussão, as ideias voltavam - se para a necessidade de valorizar a mulher que sofre o processo de invisibilidade em relação ao homem, bem como respeitar a religião que a pessoa escolheu seguir.

FIGURA 11 - Resposta da educanda ao questionamento baseado no descritor 4

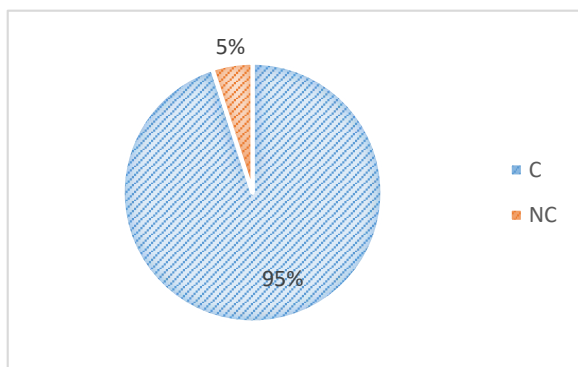
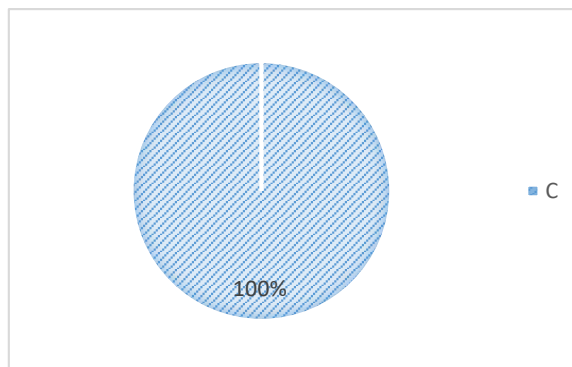
4.4 IDENTIFICAÇÃO DO TEMA DE UM TEXTO

Este descritor objetiva a identificação do conceito principal contido no texto. Para Solé (1998) trabalhar com atividades que proporcionem meios de identificação da principal ideia é de grande valia, pois auxilia discentes a estabelecerem uma relação com a leitura e análise de elementos que compõem um texto e sua organização. Utilizar as expressões temática ou tema nas atividades causaram, primeiramente, em alguns, desconforto. Porém, ao compreenderem o significado, através de sinônimos, o enunciado ficou mais claro. A seguir, os questionamentos realizados nesse descritor e a análise destes:

- Qual a principal temática abordada no texto?
- A que se refere o tema principal abordado no texto?
- Sobre o que fala o texto?
- A história se desenvolve em torno de que fato?

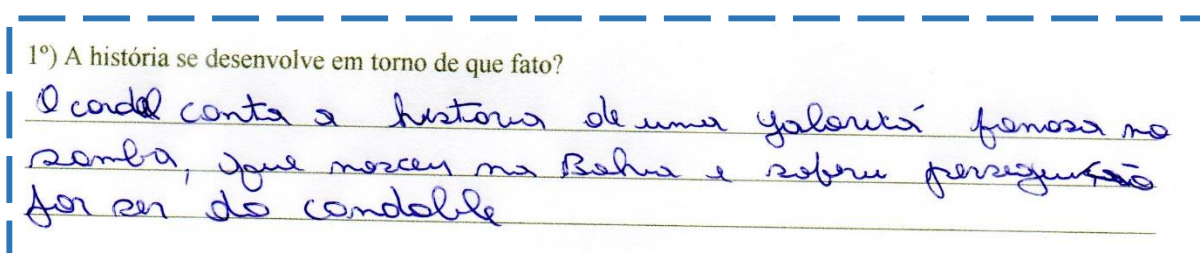
GRÁFICO XIII: Carolina**GRÁFICO XIV: Dandara**

(JESUS, Rubiane, 2017)

GRÁFICO XV: Maria Felipa**GRÁFICO XVI: Tia Ciata**

(JESUS, Rubiane, 2017)

Observei que a progressiva melhora do primeiro ao último gráfico foi devido ao fato das discussões realizadas. A classe não sabia como seriam os questionamentos realizados, de tal modo que, ao perguntar sobre a temática abordada, tive como resposta de alguns que era sobre a vida da cordelista Jarid Arraes. Como essa pergunta foi feita nos quatro textos estudados, a diminuição da ideia equivocada foi acontecendo gradativamente, até a totalidade do alunado obter êxito.

FIGURA 12 - Resposta do educando ao questionamento baseado no descritor 6

4.5 DISTINÇÃO DE UM FATO DA OPINIÃO RELATIVA A ESSE FATO

Esse descritor objetiva proporcionar a habilidade de reconhecimento de um fato e diferenciá-lo de uma opinião sobre esse fato. Para esta habilidade, duas questões são importantes: o fato e a opinião relacionada a este fato. No primeiro, relacionamos algo que está diretamente ligado a fatos que acontecem em nossa realidade. Posteriormente, a opinião (ideia subjetiva) que necessita, de um posicionamento do autor do texto. Nessa questão aqui priorizada, o posicionamento do leitor do texto. Esta habilidade requisita do alunado maior maturidade nas

respostas, que é construída baseada nos descritores anteriores. Foram elaborados os seguintes questionamentos:

- Explique por que os problemas pelos quais Carolina Maria de Jesus passou ainda acontecem na nossa atualidade.
- Segundo o texto, Dandara foi uma figura importante na luta pela liberdade dos escravos. Todavia, somente o nome de seu marido, Zumbi dos Palmares, é lembrado. Na sua opinião, por que isso acontece?
- O texto retrata a importância de Maria Felipa na nossa história. Para você, qual foi a importância dela para a Bahia?
- A partir da leitura, percebemos que Tia Ciata sofreu preconceito por causa de sua religião. O que você acha da intolerância religiosa existente em nossa sociedade? Justifique sua resposta.

GRÁFICO XVII: Carolina

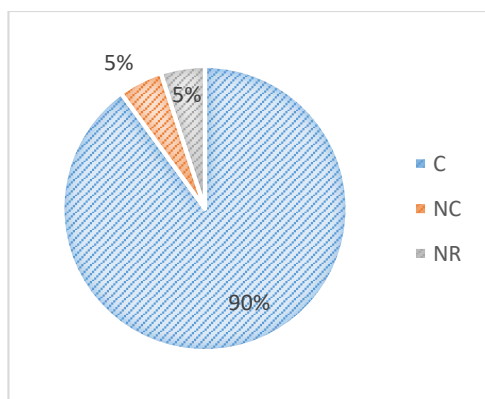
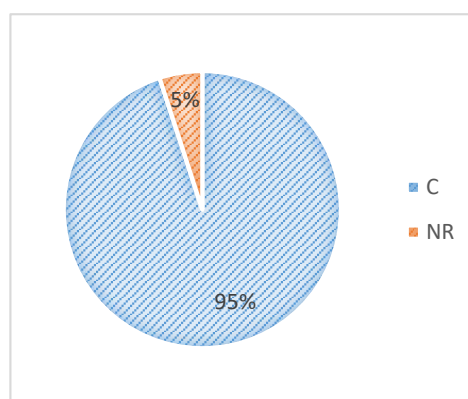
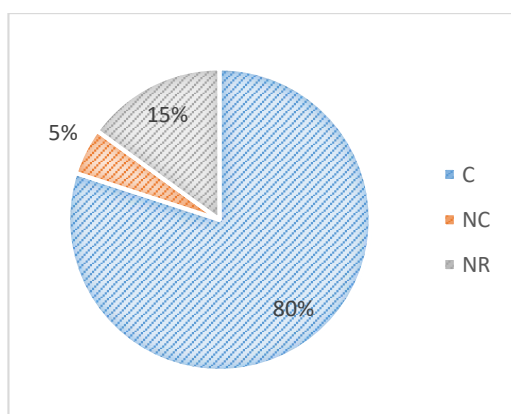
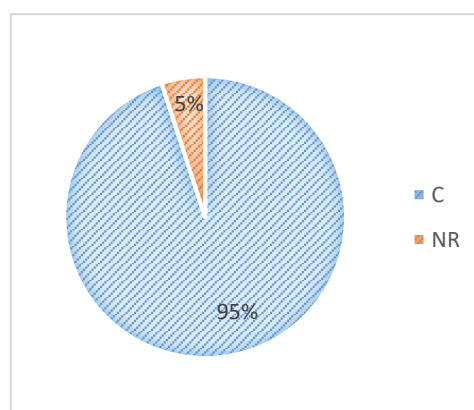


GRÁFICO XVIII: Dandara



(JESUS, Rubiane, 2017)

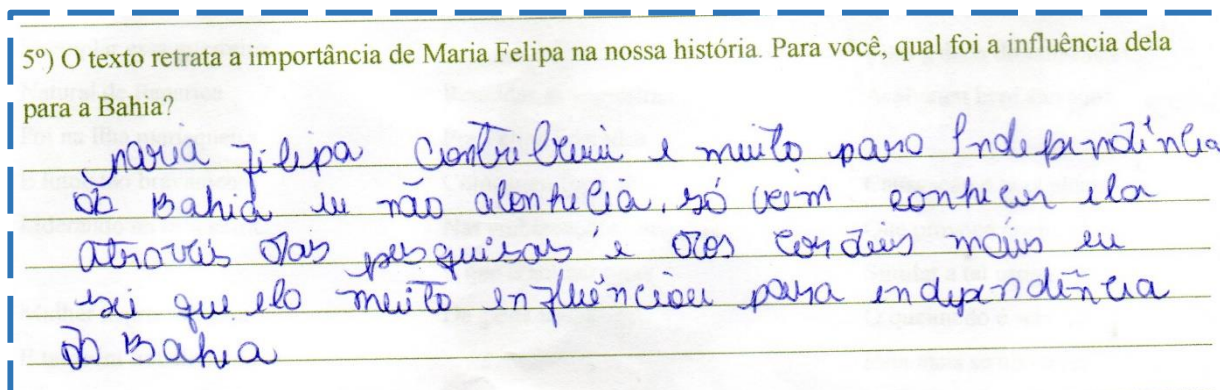
GRÁFICO XIX: Maria Felipa**GRÁFICO XX: Tia Ciata**

(JESUS, Rubiane, 2017)

É parte da compreensão textual a análise do texto por meio dos pensamentos da autora, do entendimento dos explícitos e subentendidos. Devido às discussões realizadas, percebi que a maior parte das (os) educandas (os) em análise corresponderam ao esperado. Ao compreender que o desenvolvimento da leitura pode ser feito através do trabalho ativo de construção do significado, a estratégia do levantamento dos conhecimentos prévios, antecipação de informações contidas no texto que seria analisado, a realização de inferências e as discussões realizadas foram estratégias que auxiliaram a compreensão leitora. O trabalho em grupos para que trouxessem informações sobre as personagens da obra também foi um grande diferencial para o êxito das atividades propostas. Solé (1998) entende as atividades que podem ser desenvolvidas antes da leitura são as que se relacionam aos objetivos da leitura, à motivação, a busca das principais ideias contidas no texto, a realização de previsões e o avivamento dos conhecimentos prévios. Esses procedimentos são formas de despertar o interesse pela leitura de um texto e auxiliar na compreensão do assunto a ser tratado.

Além disso, a leitura compartilhada do texto de forma a desenvolver a habilidade da escuta, da atenção, ao reconhecimento de vocábulos colaborou para a compreensão do assunto contido no texto. Ao compreender a leitura como um processo de interação entre o autor, o leitor e o texto, percebi que essa interação, aliada com os conhecimentos trazidos pela (o) aluna (o) é uma possibilidade de auxílio da proficiência.

FIGURA 13 - Resposta do educando ao questionamento baseado no descritor 11



4.6 COMPARATIVO ENTRE AS ATIVIDADES INICIAL E FINAL

Após a aplicação da proposta de intervenção, analisei comparativamente as atividades diagnóstica e as relativas aos quatro cordéis utilizados nas aulas. Neste estudo, tomo como base os cinco descritores utilizados. Para efeito de estudo, utilizo somente 1 descritor por questão e as questões escolhidas foram da personagem Tia Ciata, último cordel analisado em sala de aula. Além disso, também faço uso somente das (dos) estudantes que estavam presentes em ambas as atividades. De acordo com o quadro, considero as seguintes legendas:

AD - Atividade diagnóstica.

AF - Atividade final.

C - Correspondeu à resposta pretendida.

PC - Parcialmente correspondeu à resposta pretendida.

NC - Não correspondeu à resposta pretendida.

NR - Não respondeu ao questionamento. Enquadram-se também, nesta categoria, a utilização da expressão “não sei”.

TABELA 2- Comparativo entre as atividades diagnóstica e final

Descritores	AD AF	C	PC	NC	NR
D1	AD	52%	16%	26%	6%
	AF	100%	0%	0%	0%
D3	AD	65%	15%	20%	0%
	AF	95%	5%	0%	0%
D4	AD	10%	16%	11%	63%
	AF	70%	15%	5%	10%
D6	AD	65%	15%	5%	15%
	AF	100%	0%	0%	0%
D11	AD	56%	22%	5%	17%
	AF	95%	5%	0%	0%

(JESUS, Rubiane, 2017)

Ao comparar a atividade diagnóstica com a sequência didática desenvolvida, percebo que houve significativa melhora em relação à competência leitora, baseada nos descritores:

- D1: no que diz respeito a esse descritor, noto que o ganho foi considerável, uma vez que o grupo analisado, em sua totalidade, correspondeu ao que era esperado;
- D3: ao analisar, propositadamente, o mesmo vocábulo que foi utilizado tanto na diagnóstica quanto na atividade final (racismo), noto que a melhora foi significativa;
- D4: nesse descritor, apesar da visível melhora, considero que ainda há dificuldade para estudantes inferirem uma informação contida, implicitamente, no texto, mesmo com as estratégias realizadas em sala. Apesar disso, é notável a melhora no grupo analisado, a tal ponto de uma pequena parcela não ter respondido ou correspondido o que lhe foi proposto. Uma possibilidade de melhoria nesse aspecto seria a utilização constante de textos onde estudantes fossem desafiadas (os) a analisar nas entrelinhas, contextualizar e, como consequência, encontrar a informação solicitada.
- D6: esse descritor também correspondeu ao esperado. Vale ressaltar a ausência da confusão existente entre o tema e o título. Acredito que a possibilidade de discussões tenham auxiliado nessa melhora;

- D11: também houve melhora perceptível. Vale aqui ressaltar que o questionamento analisado para este último descritor foi a segunda parte da pergunta, quando a turma tinha que justificar o seu posicionamento. As atividades voltadas para o debate e ativação dos conhecimentos prévios são estratégias para auxiliar o desenvolvimento da competência leitora do alunado.

De maneira geral, considero que as leitura realizadas no ambiente escolar auxiliaram a desenvolver a competência leitora das (os) discentes e a troca de conhecimentos foi fator preponderante para esse aprendizado. Reconheço que os resultados poderiam ser outros, se analisasse outros participantes, cuja cooperação e interesse no desenvolvimento das atividades não contaram com o esforço desejado. Todavia, ao compreender que o aprendizado é um processo contínuo que não se esgota no desenvolvimento de uma proposta pedagógica, e sim uma construção de concepções, observo e desejo a possibilidade da leitura reflexiva tornar-se uma prática exitosa com o passar do tempo.

5 RELATOS DE UMA PROFESSORA EM CONSTANTE APRENDIZAGEM

“Ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra. O professor, assim, não morre jamais...”
Rubem Alves

Através do Profletras, percebi o quanto precisava de capacitação profissional para proporcionar ao alunado uma educação que os ajudasse a superar esse grande obstáculo que é a leitura crítica. Ao conseguir essa oportunidade, pude estudar e conhecer novas estratégias para levar para a sala de aula, compartilhar saberes com meus colegas e, principalmente, utilizar o que foi aprendido e apreendido nas discussões no Mestrado Profissional para proporcionar ao estudante a construção de uma visão crítica do que está sendo lido. Apesar de compreender minha incompletude, algumas discussões me fizeram perceber o quando precisava mudar, se realmente quisesse auxiliar meu alunado em seu aprendizado. Comecei a perceber o quanto deveria me esforçar na prática, quando precisei formular os questionamentos da atividade diagnóstica. Acostumada a pesquisar perguntas já prontas e adaptá-las para a minha realidade, confesso que senti muita dificuldade e, claro, cometi alguns deslizes.

Após a qualificação, onde pude ajustar a proposta de intervenção pedagógica, criei uma grande expectativa sobre as (os) estudantes que, a partir dessa aplicação, perceberiam a importância do ato de ler e tracei ideias que, ao meu entender, contemplariam os anseios de toda classe. Mas sabemos a nossa realidade e, ao propor a primeira etapa, tive que contar com o desinteresse e com a conversa paralela entre alguns participantes, principalmente no segundo momento desenvolvido. Fiquei desanimada e comecei a me questionar se a proposta pretendida teria significância para aquela parcela do alunado, que não via a sala de aula como local de discussão, interação, troca de conhecimentos e o professor como mediador. Muitas indagações feitas eram respondidas com silêncio ou desinteresse.

Ao ser interpelada por educandas de outra turma do 8º ano, estas me perguntavam o motivo da classe delas não ter sido a escolhida. Eu me questionei se não seria mais fácil aplicar aquelas atividades nessa turma que parecia, aparentemente, mais interessada. Saí da instituição com a ideia de que não conseguiria realizar atividade alguma a contento e que a proposta, tão almejada, não teria o resultado pretendido. Pensei na aluna que havia sido ridicularizada pelo colega. Esta se encontrava na sala onde seria desenvolvida a proposta e que foi uma das

primeiras a não demonstrar interesse no que estava sendo realizado. Também refleti sobre as discussões realizadas em um ano e meio nas salas do PROFLETRAS, bem como nos conselhos dados naquele ambiente de aprendizagem e percebi que precisava pôr em prática os saberes ali compartilhados. Todos os que ministraram aula para os mestrandos trouxeram, para nós, suas experiências e nos mostraram a possibilidade de mudança no ensino público brasileiro. Uma observação foi feita por um desses docentes que levarei como um conselho que ajudou no meu entendimento sobre como seria minha prática no ambiente escolar. Segundo ele, as discussões ali realizadas não me ajudariam a mudar a concepção de toda turma sobre a importância da leitura, produção, ortografia ou oralidade. E que, por melhor que fosse minha sequência, ela poderia não dar o resultado esperado, mas que, se eu conseguisse modificar a ideia de um ou dois estudantes sobre a relevância das atividades aplicadas, já teria valido a pena. Vindos também da docência no ensino fundamental e em escolas públicas, todos os professores doutores que passaram por aquelas salas destinadas ao Mestrado Profissional, sabiam da nossa realidade e a dificuldade em promovermos tal mediação para o aprendizado. Todavia, não tinham dúvidas do nosso potencial e força para proporcionar a educandas (os) o nosso melhor.

Naquele momento, percebi a importância do meu papel como mediadora na construção de sentidos e, a partir das discussões realizadas nas dez disciplinas cursadas, revi minhas estratégias, mudei, parti da realidade do alunado, ousei sair de minha zona de conforto e analisar a aula sob a ótica da (o) estudante. Entendi que aquela prática utilizada não o atraía e resolvi readaptar as atividades ainda não aplicadas. Novo ânimo, enfrentei a sala de aula e percebi que, por aquele viés, eu conseguia atrair a atenção de grande parte da turma. Animada, preferi não atropelar atividades e promover a discussão. Confesso que foi melhor do que eu esperava e pensei que, naquele momento, deveria estar fomentando sentidos, a partir das discussões realizadas. A segunda etapa ficou pela metade, mas o conteúdo foi explorado de uma forma satisfatória pois a temática é algo próximo à realidade daquelas (es) adolescentes. Ânimo renovado e a sensação de que estava no caminho certo, realizei a terceira etapa quando, mais uma vez, me surpreendi com o potencial de grande parte dos presentes. Não posso negar que alguns não se sentiram atraídos pela nova dinâmica. Talvez, o desinteresse poderia ser pela escola como um todo: conversas paralelas, atividades de outras disciplinas, tentativas constantes de sair da sala foram dificuldades enfrentadas ao longo da proposta.

O ponto chave da terceira etapa foi a presença da informação sobre mulheres cruzalenses conhecidas por nós (algumas não conhecidas pelos discentes) em diversas esferas do município. Ao solicitar autorização delas para expor um pouco de suas vidas e suas imagens, as respostas foram positivas e a escola, ao saber dessa exposição, achou interessante difundir

para todas as turmas. Todavia, essa ideia ficou para ser aplicada em outro momento, para não atrapalhar a dinâmica escolar.

Ilza Francisca da Cruz, a palestrante convidada, é funcionária pública, atuando como coordenadora pedagógica em dois municípios e continua exercendo sua profissão, apesar de estar no mandato legislativo. Figura conhecida por grande parte das pessoas devido a sua trajetória de luta e persistência, não recusa atividades relacionadas à discussão sobre educação. Mesmo com um compromisso agendado em outro município, ela fez questão de comparecer ao colégio pois, segundo ela, *“Eu vou, Rubiane ...toda vez que me chamarem para falar sobre educação, mulher negra e militância, estarei presente. Ainda mais, é importante que os alunos saibam que cheguei onde estou através de muito esforço, muito estudo. É bom que saibam que fui aluna de escola pública, tive muita dificuldade para estudar, sentei no chão, andei muito a pé, mas venci. E eles podem vencer também!”*

Nos minutos iniciais da palestra, senti que a classe estava meio dispersa. Porém, a partir momento que a professora começou a fazer a explanação sobre a sua trajetória de vida e luta política, percebi a mudança no comportamento de grande parte de discentes. Vez ou outra, alguns alunos se distraíam, o que é normal. Mas grande parte da turma correspondeu ao esperado, inclusive a aluna que havia sido discriminada pelo colega. Ao olhar para a lousa, que continha a sua foto na hora da diplomação, a professora não escondeu a alegria. A foto foi tirada quando foi convidada ao subir no púlpito, como a primeira negra na Câmara Legislativa nos 119 anos de emancipação política do município.

Apesar de sentir falta das perguntas feitas pelas (os) discentes à palestrante, fui contemplada com as palmas entusiasmadas destinadas à professora Ilza. Ao agradecer, confesso que me empolguei mais do que os alunos, o que gerou palmas para mim também. Acho que, naquele momento consegui me aproximar mais da classe, já que eu não havia sido professora de alguns deles, mas minha trajetória de crescimento se assemelhava à da vereadora, só que eu estava mais próxima a eles, era professora da instituição. Após esse momento, as atividades propostas fluíram de forma satisfatória e atingi o objetivo proposto, pois a aula surtiu o efeito desejado.

FOTO 6 – Atividade realizada na 2ª etapa da sequência

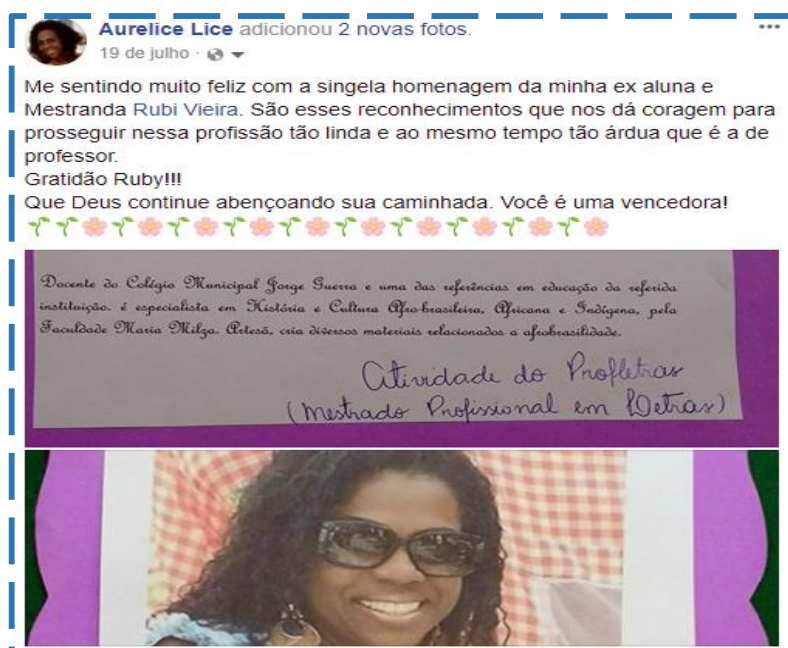
FONTE: Arquivo pessoal

Foi necessário mudar, atentar para as necessidades das (os) discentes, percebê-los como construtores do seu aprendizado, unir a teoria com a prática. A classe notou como as aulas ficaram mais próximas da realidade de grande parte e percebi que o objetivo de auxiliar a proficiência desse alunado estava sendo alcançado. A interação nas aulas melhorou e as discussões aconteciam de forma mais prazerosa. É claro que alguns estudantes aproveitavam esse momento de discussão para realizar atividades outras, até porque o assunto poderia não ser de grande importância naquele momento. Todavia, interessantes considerações foram socializadas naquela sala de aula.

Ao solicitar permissão dessas cruzalmenses, recebi elogios pela iniciativa. Destaco aqui as considerações feitas por três delas:

Aurelice Oliveira (professora da instituição): *“Agradeço a homenagem, Rubi. Realmente, esses alunos precisam conhecer a história de nós mulheres da cidade. Acostumados a conhecerem a história de vida de artistas bem distantes da realidade deles, acabam não conhecendo as pratas da casa!”*

FIGURA 14 –Depoimento da professora Aurelice, docente da escola de aplicação da proposta



Fonte: <https://www.facebook.com/aurelice.lice>

Analice Teixeira de Sena (coordenadora do Centro de Referência da Mulher):
“Obrigada pela lembrança, querida! Sinto-me honrada e, em nome da família Sena, fique à vontade de usar nossas biografias para difundir o empoderamento feminino. Apareça lá no Centro de Referência... estamos de portas abertas para receber a comunidade!”

Mary Ventura (em seu programa em uma rádio comunitária cruzalmense): A Rubiane, que mora aí no Miradouro e é professora no Colégio Jorge Guerra e também no Colégio Landulfo Alves...ela que fez um trabalho lindo com seus alunos no Jorge Guerra onde ela homenageou negras cruzalmenses nos espaços de poder...Eu fui uma das homenageadas pela Rubiane e, dentre as homenageadas, estava a professora Deuma, do Colégio Landulfo Alves de Almeida, a Analice Sena, Alana Sena, a vereadora Ilza Francisca, que foi a palestrante de hoje no Colégio Jorge Guerra... Então, agradecer a Rubiane pela homenagem e nos colocar à disposição pra o que for solicitado e também, é claro, para seus alunos que é muito bom, né, a gente que vem de uma escola pública mostrar aos estudantes de escola pública que ele pode ir aonde ele quiser, né? Basta você lutar, você acreditar naquilo que você quer. Você não pode desistir... e você deve acreditar naquilo que você quer... e você consegue vencer seus obstáculos(..)”

Na realização da quarta etapa eu estava mais tranquila, pois a sequência parecia ser significativa para os alunos. Com isso, me senti mais disposta a auxiliá-los nesse processo de construção do saber a partir da leitura. Fiquei mais próxima ainda do ao trazer para a sala de aula assuntos ligados ao seu cotidiano, aproveitar os conhecimentos trazidos por eles, a mediar o diálogo e respeitar suas opiniões. Consegui a atenção da maioria com a leitura compartilhada, com o trabalho e discussões em equipe. Usar a tecnologia também foi de grande valia, pois, a partir de uma solicitação minha, a turma logo se mobilizou para criar, colocar a foto de cordéis no perfil, incentivar as (os) participantes a socializar suas pesquisas e os que não estavam usando o whatsapp levavam as atividades solicitadas de forma escrita. As tarefas estavam sendo realizadas apesar de, vez ou outra, ouvir uma reclamação sobre estar “*passando muita atividade!*”

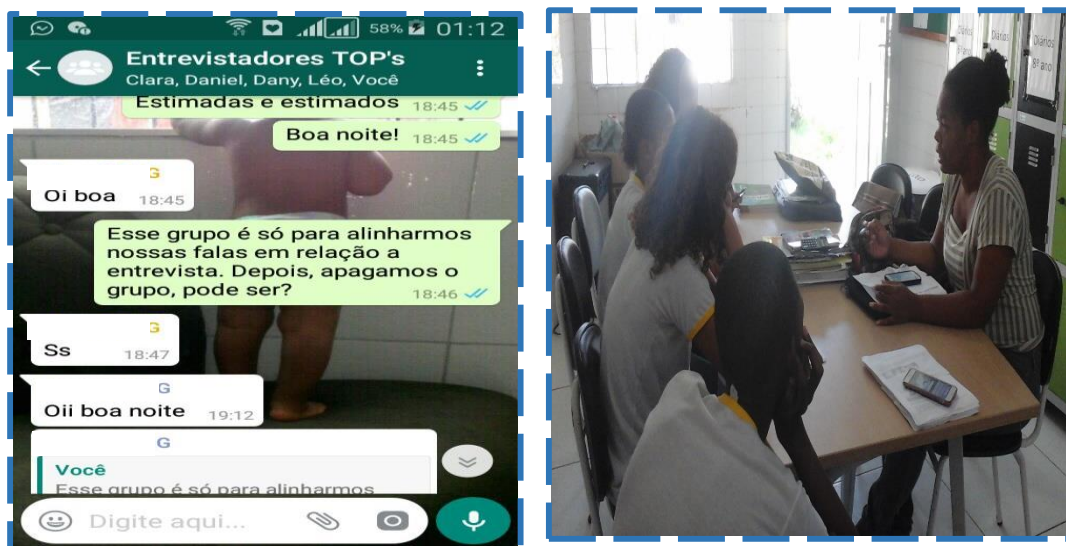
Para a quinta etapa, percebi que o levantamento de informações e as discussões realizadas auxiliaram, de forma significativa, a compreensão leitora. Senti o entusiasmo de parte da turma em conhecer aquelas personagens que já não eram mais fictícias. O acesso a informações sobre a trajetória de luta de cada uma delas, ouvir histórias, depoimentos, músicas muito ajudaram no processo de entendimento do que, infelizmente, não atingiu toda a turma. Aqueles que não se mostraram tão entusiasmados com as histórias ali relatadas tiveram certa dificuldade na compreensão do que era lido.

O quarteto escolhido para representar a turma me surpreendeu. Em uma reunião, no dia 14 de agosto, disseram que seria interessante a reformulação das questões direcionadas à autora. Segundo eles, era importante obterem informações mais direcionadas aos cordéis estudados, pois ficaram curiosos sobre questões que a leitura não contemplou. Não houve oposição por minha parte pois eles, involuntariamente, me fizeram perceber que a ideia inicial não havia sido tão interessante. Particularmente, fiquei surpresa e feliz com a autonomia demonstrada pelo quarteto. Discutimos alguns aspectos da autora e resolvemos socializar aquela ideia com os demais.

A proposta foi levada para a turma, mas não surtiu o efeito desejado, pois entenderam que as atividades acabaram após a leitura e análise do último cordel. Além disso, tinham atividades de outras disciplinas. Para contemplar os propositores da ideia, bem como liberar a turma para realizar as outras atividades, ficou acordado que as (os) que propuseram as mudanças se responsabilizariam pela etapa que, posteriormente, seria compartilhada à turma. Não houve resistência e foi criado, a partir da sugestão do quarteto, o grupo no *whatsapp* intitulado *Entrevistadores TOP's* e combinamos que os questionamentos seriam socializados e discutidos até o dia 21 de agosto, o que aconteceu. As questões surgiram e minha função,

naquele momento, foi somente organizar seus pensamentos, esquematizá-los e estruturá-los em forma de entrevista, gênero textual ainda não estudado no 8º ano.

FOTOS 7 e 8 – Atividades realizadas na sexta etapa da sequência



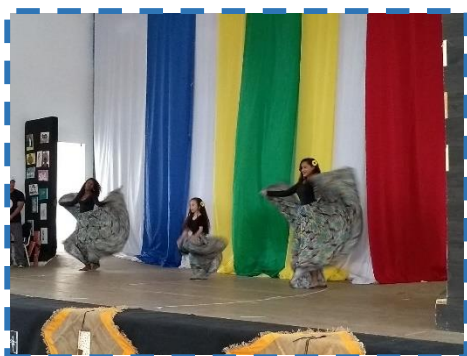
(JESUS, Rubiane, 2017)

No dia marcado, aconteceu a penúltima etapa da proposta e gravamos a entrevista. Como a instituição escolar não tem estrutura para a produção de uma filmagem ao vivo, bem como o propósito da entrevista foi somente esclarecer pontos que despertaram a curiosidade das (os) discentes, após as orientações iniciais, o quarteto filmou os questionamentos que foram enviados para a cordelista e ela retornasse com as respostas e, após edição, que esse material fosse socializado com os demais, na última etapa da sequência. A ideia da culminância da proposta era fazer uma análise do que foi desenvolvido na proposta, disponibilizar as informações realizadas com a autora das obras e confraternizar com a turma.

Com a demora no retorno da autora das obras, começaram os questionamentos e as cobranças. Expliquei que tive acesso ao relato da cordelista explicando as dificuldades de atender todas as demandas que lhes foram apresentadas, mas já estava se organizando para tal e se comprometeu a responder aos questionamentos. Alguns cobraram minha presença no colégio e pediram meu retorno nas atividades. Além disso, o reconhecimento da equipe pedagógica e gestora da instituição surpreendeu-me. Para que outras turmas tivessem acesso a uma proposta semelhante, foi desenvolvido o projeto intitulado *A representação do negro na literatura através do olhar de autoras negras*, cuja culminância aconteceu concomitante com outro projeto, intitulado *Novembro Negritante*. A equipe escolar entendeu que houve a necessidade de socializar as atividades que foram realizadas em sala de aula. Dessa forma,

aconteceram, no dia 01 de novembro, com a presença de escritoras negras conhecidas a partir do projeto, declamações, apresentação de poesias, danças e outras atividades artísticas. A ideia foi o envolvimento de todo corpo estudantil e os cordéis não escolhidos pela turma de aplicação da proposta de intervenção, fossem analisados por estudantes de outras séries. Além desses cordéis, *As Lendas de Dandara* e poesias de uma estudante do PROFLETRAS da segunda turma UNEB- *Campus V* também foram escolhidas para fazerem parte do projeto.

FOTOS 9 e 10 – Atividades do projeto realizado pela instituição de aplicação da proposta



FONTE: Arquivo do Colégio

Ao não obter resposta aos questionamentos feitos pelo quarteto, bem como a necessidade de terminar a proposta, expliquei a situação à turma e me comprometi a realizar pesquisas que a autora respondesse perguntas semelhantes às formuladas para a entrevista. Não era o que esperávamos, principalmente depois do empenho desses quatro estudantes, mas o objetivo final da proposta tinha sido alcançado. A entrevista seria uma complementação do que foi exposto ao longo das aulas e não influenciaria de tal forma que a leitura e as discussões realizadas influenciaram. Assim, expliquei a situação à turma, expus suas respostas através do *data show*, juntamente com o vídeo produzido na etapa anterior:

Educanda M.C: *Olá, Jarid! Tudo bem? Meu nome é M.C!*¹⁴

Educando L: *Eu sou L!*

Educanda D: *D!*

Educando D: *E eu, D*!.*

M.C: *Somos estudantes do Colégio Municipal Jorge Guerra e estamos aqui para conversarmos um pouco com a autora dos cordéis que estudamos em sala de aula.*

¹⁴ Uso de suas iniciais para identificar cada estudante.

L: *Isso mesmo, M.C! Filha e neta de cordelistas, Jarid Arraes é a autora da série Heroínas Negras do Brasil.*

D*: *Além disso, é autora de grandes cordéis infantis, a exemplo de A bailarina gorda, A boneca preta de Juju e Os cachinhos encantados da princesa.*

D: *Produziu também “As lendas de Dandara”, obra de grande sucesso. Foi muito proveitosa a leitura de quatro dos seus cordéis e surgiram questionamentos que nada melhor que a própria autora para esclarecer, não é?*

D*: *Isso mesmo!*

L: *Pois é!*

M.C: *Então, vamos lá!*

D: *Jarid, como surgiu a vontade de produzir cordéis voltados para mulheres negras? Foi influenciada por alguém?*

Na entrevista concedida à Revista Carta Capital (2016), Jarid conta que, por ser filha e neta de cordelista, desde cedo lia cordéis e ouvia seu pai declamá-los. Não tem muito tempo que ela começou a escrever também, pois sentiu a necessidade de continuar tal ofício.

Em relação a produzir cordéis sobre esta temática, ela assim retruca: *“Quero contar a história dessas pessoas que não puderam contar a história delas. Como os personagens que escrevo hoje são pessoas que tiveram a humanidade roubada delas, contar essas histórias é uma forma de torná-las humanas de novo”*.

L: *Como se deu a escolha por essas personagens? Pensa em produzir sobre mais alguma mulher? Qual?*

A cordelista, em entrevista ao Jornal Diário de Pernambuco (2017), entende que *“O machismo e o racismo são influências fortes. Na escola, não ouvi falar sequer de uma mulher negra que tenha feito algo de positivo na história. [...]Um exemplo é a forma como estudamos a escravidão e como enxergamos esse período até hoje: aprendi que os índios não aceitavam a escravidão e, por isso, foram dizimados. Por outro lado, meus professores repetiam que os negros se conformavam, ficavam passivos e, por isso, a escravidão era algo que aceitavam. Só adulta descobri que isso é uma mentira terrível. A luta contra a escravidão foi muito além de Zumbi e do Quilombo dos Palmares. Existiram muitas líderes, mulheres negras, que encabeçaram batalhas contra os escravocratas e levaram centenas de milhares de pessoas à liberdade nos quilombos. Por que não aprendemos sobre elas?*

M.C: *Em nossas pesquisas, percebemos que acredita-se que algumas dessas personagens não existiram. E figuras como Zumbi e Maria Quitéria aparecem como herói e heroína, mas Dandara e Maria Felipa não. Para você, qual o motivo desse esquecimento?*

Em entrevista à Revista Capitolina (2015) cordelista responde: *“Em 2014 escrevi um texto para minha coluna na Revista Fórum, perguntando aos leitores se eles sabiam quem era Dandara dos Palmares. O texto teve uma excelente repercussão nas redes, mas muitas pessoas comentaram coisas agressivas. No meio dos comentários, vi gente falando que Dandara não era nada mais do que uma lenda. E isso mexeu comigo por muitos dias. Eu pensei que se era uma questão de lenda, então eu tinha que escrever essas lendas, espalhar pelo mundo as lendas de Dandara, porque, quer seja realidade, folclore ou fantasia, a memória dessa guerreira, a simples menção de sua existência, já é um grande fortalecimento para as mulheres negras brasileiras e suas lutas. Precisamos falar sobre Dandara e o que ela representa também enquanto símbolo e resistência.”*

D*: Você já recebeu propostas para trabalhar com heróis negros? Pensa em fazer cordéis com esse tema?

Nesta pergunta, ousei responder que haveria uma possibilidade muito remota disso acontecer, uma vez que eu tive acesso a várias entrevistas da autora e, pela sua fala, a prioridade é falar sobre mulheres.

D: **Você tem ajuda de mais alguém para escolher sobre o que e quem escrever?**

No blog Azmina dão a letra (2017), Jarid Arraes assim responde: *“Tive ajuda do meu pai para aprender a diagramar e montar, me ‘autopubliquei’, compartilhei a novidade no Facebook e o retorno foi bem rápido. [...] Escrevo, diagramo, publico e anuncio nas minhas páginas e redes sociais”.*

L: **Como você se sente em trabalhar com pessoas que sofreram tanto preconceito e racismo, se eles são graves problemas da sociedade?**

Na revista eletrônica Ovelha (2016), ela responde que: *“ [...] Eu simplesmente cresci pensando que mulheres negras nunca fizeram nada pelo Brasil e pelo mundo, cresci achando que as pessoas negras não lutavam contra a escravidão, e isso se enraizou na minha mente de*

uma forma que nem sempre era explícita, eu apenas sentia que pessoas negras não tinham o mesmo valor que as brancas. [...] Foi adulta que descobri essas mulheres negras que fizeram grandes coisas, mas só porque fui pesquisar sozinha. Então achei que era minha obrigação criar um material que pudesse ser usado em escolas, que fosse acessível, que provocasse transformação. Eu esperava que meus cordéis fizessem a diferença, mas o que aconteceu está muito além dos meus sonhos. [...] É lindo demais receber fotos e depoimentos das experiências em sala de aula. Muitas vezes me emociono, choro, imagino como teria sido se eu fosse uma dessas crianças e tivesse ouvido falar de Tereza de Benguela ou de Maria Firmina dos Reis. Sou grata porque hoje posso contribuir para que isso seja realidade pra outras crianças e adultos”.

D*: *Como você conseguiu materiais para produzir cordéis sobre Dandara e Maria Felipa, se não tem muito material falando sobre elas?*

No Suplemento Cultural de Pernambuco (2016) ela fala sobre a invisibilidade de negras e conta como consegue materiais para produzir cordéis sobre elas: “Muitas eu ouvi falar em eventos que discutiam racismo, então passei a pesquisá-las por conta própria, tanto em sites do movimento negro quanto em trabalhos acadêmicos. Depois que publiquei as primeiras, os próprios leitores passaram a me sugerir novas heroínas. Muitas são conhecidas apenas em determinado estado ou cidade, e aí se torna bem mais difícil reunir material, mas tenho conseguido conversar com pesquisadores e pessoas de cada estado que me ajudam a levantar as informações. Uso muito as ferramentas de pesquisa acadêmica online, mas às vezes peço para amigos de universidades específicas me indicarem trabalhos, me enviarem pelo correio. Eu acho essa etapa bem gostosa, porque acabo conhecendo todo o contexto histórico de cada uma dessas heroínas; tenho estudado e aprendido muito”.

M.C: *As leituras e as discussões são muito importantes para compreender as histórias dos cordéis. Deixe um recado para a turma do 8º ano 2 sobre a importância da leitura para a compreensão do que está sendo lido.*

D: *Bom... algumas dúvidas sanadas. Agradecemos, Jarid! Esse material será divulgado em sala, para que toda turma tenha acesso ao que você nos falou. Em nome da turma, do Colégio Municipal Jorge Guerra e da professora Rubiane, agradecemos sua disponibilidade e esperamos que você continue a escrever cordéis! Parabéns e muito obrigada!*

Pensei que essa proposta não daria certo e contaria com a dispersão de grande parte da turma. Acredito que a curiosidade em assistir ao desenvolvimento das (os) colegas auxiliou no silêncio da maioria da turma para ouvir as perguntas realizadas. Alguns não prestaram atenção, mas grande parte se manteve atenta ao que estava sendo exposto. Após o término desse momento, toda turma recebeu uma mensagem que, após a leitura e reflexão, cada um colou em seu caderno e uma lembrancinha. Além disso, foram sorteadas caixas de bombons, em agradecimento a interação da turma.

FOTOS 11, 12, 13 e 14 – Culminância da proposta



Fonte: Arquivo pessoal

Confraternizamos e a classe avaliou a proposta apresentada. O aluno que provocou toda essa reflexão ao utilizar expressões pejorativas para prejudicar sua colega, infelizmente, perdeu de ano. Por isso, não pode acompanhar nossas discussões. E a aluna, anteriormente chorosa, tornou-se uma adolescente empoderada e segura de si. Claro que essas qualidades ela foi adquirindo ao longo do tempo, mas acredito que ela ainda se lembre daquele episódio.

Confesso que estou feliz e a ideia de trocá-la por outra considerada “mais interessada” naquele momento, hoje me parece absurda. Sigo acreditando cada vez mais no potencial de alunas e alunos e na mediação docente. Sigo acreditando que a educação realmente transforma vidas e que nós docentes contribuimos para essa transformação.

Ao apresentar a proposta nas diversas comunicações das quais participei, recebi, com alegria, muitos elogios. E percebi que *A mulher negra nos cordéis de Jarid Arraes: uma proposta de compreensão leitora* é uma ideia interessante. Mas o que, realmente, me deixa mais

feliz é que, lembrando a fala do professor, não consegui provocar um ou dois alunos acerca da necessidade da leitura reflexiva, mas sim uma quantidade relevante.

CONSIDERAÇÕES MOMENTÂNEAS

A intervenção pedagógica *A mulher negra nos cordéis de Jarid Arraes: uma proposta de compreensão* leitora teve como ideia principal a promoção da leitura reflexiva, pautada nas possibilidades de aproximar educandas e educandos a esse processo. O progresso da presente proposta possibilitou uma análise de estratégias que auxiliem na promoção da competência leitora de alunas e alunos. Além disso, permitiu o acesso à situação socioeconômica da turma e o que ela sente a respeito da prática da leitura. Acredito que o questionamento principal dessa proposta, de que maneira as literaturas popular e afro-brasileira contribuiriam para a proficiência leitora de estudantes foi respondida ao longo do desenvolvimento de cada atividade realizada em sala de aula e do retorno não só nesses momentos, como a interação através das redes sociais, as discussões realizadas em cada etapa da sequência e a sugestão de aprimoramento de uma das atividades.

As hipóteses elencadas acerca da importância do estímulo da prática da leitura crítica de textos que nos ofereçam histórias de resiliência de mulheres negras, bem como a ideia de promover respeito a sua identidade e cultura através do cordel e sua riqueza linguística e cultural também favoreceram a construção do conhecimento das (os) estudantes que participaram da proposta.

Entre a etapa inicial e a etapa final, analiso que houve avanços. No que diz respeito a aspectos da leitura reflexiva, percebi que os objetivos foram alcançados por parte considerável da turma. Gradativamente, poderemos ter êxito nesse aspecto, principalmente se utilizarmos estratégias que aproximem o alunado à prática da leitura. Ao trabalhar aspectos que são próximos da realidade da turma, compreendi que esse procedimento ajudou a obter sucesso no que era pretendido. Certamente, nem sempre poderemos fazer isso, mas é necessário selecionarmos materiais que auxiliem alunas e alunos na promoção da compreensão leitora. Instigadas e instigados por uma problemática comum em nosso meio social, bem como a possibilidade de relatos a partir do conhecimento de mundo, as aulas tornaram-se mais discursivas e participativas. Tenho certeza que minha prática pedagógica, em constante evolução, ajudará a tornar as aulas de Língua Portuguesa mais significativas. É um caminho para a promoção da leitura crítico-participativa que tanto almejamos.

O principal objetivo dessa proposta foi alcançado. Percebo que a competência leitora foi aprimorada, à medida que desenvolvemos atividades para auxiliar tal aspecto. A utilização de uma prática voltada para o desenvolvimento do alunado demonstra que, a partir da utilização

de estratégias, podemos auxiliar na construção de sua proficiência. Com o objetivo principal alcançado, os específicos complementaram o que a proposta sugeria como forma de desenvolver a competência no que diz respeito à leitura. Dessa forma, a leitura de ideias implícitas e/ou explícitas contidas no texto, a consciência acerca da identidade e cultura do alunado, as relações que foram estabelecidas através de uma leitura contextualizada, bem como a valorização de personagens que fizeram partes de nossa história foram percebidas através do desenvolvimento das atividades, proporcionando considerável melhora, a partir da observação entre as atividades preliminar e final.

A acolhida da equipe escolar, bem como a iniciativa de fazer atividades semelhantes em outras salas mostram que propostas como essa são necessárias para o desenvolvimento do alunado. Que intervenções como essa sejam subsídios para auxiliar docentes e outras instituições a promoverem estratégias para transformar nossa realidade no que se refere à falta de estímulo que as turmas têm em relação a prática da leitura. Esta proposta me proporcionou crescimento pessoal, acadêmico e profissional, principalmente ao me possibilitar oportunidade de leituras voltadas para melhorar meu desempenho no que diz respeito a aliar a teoria estudada nas disciplinas do mestrado com a prática em sala de aula.

Nesse sentido, dada a relevância do assunto, bem como a aplicabilidade da afroliteratura através do cordel, acredito em novas possibilidades de evolução dessa proposta, a partir de outros gêneros textuais e outras temáticas, mas com o intuito de promover a leitura proficiente em alunas e alunos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética**. São Paulo: Hucitec, 1988

BARRETO, Antonio Carlos de Oliveira. **Discutindo a lei 10.639 na sala de aula**. Salvador BA: Ed. Akadidikum, 2007. Disponível em: <http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=cordel&pagfis=90381> Acesso: 25 out. 2015.

BRASIL. **Diretrizes curriculares nacionais** para a educação das relações Etnicorraciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. Brasília, DF: MEC, 2013. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=17212-diretrizes-curriculares-nacionais-para-educacao-basica-diversidade-e-inclusao-2013&category_slug=marco-2015-pdf&Itemid=30192 Acesso: 08 ago. 2015

_____. **Lei nº 11645/08**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Brasília, DF, 10 mar. 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11645.htm. Acesso: 08 ago. 2015

_____. **Programa Ética e Cidadania**: construindo valores na escola e na sociedade; relações étnico-raciais e de gênero / organização FAFE – Fundação de Apoio à Faculdade de Educação (USP), equipe de elaboração Ulisses F. Araújo [et al.]. –Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007. 4 v. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2009-pdf/2182-4-inclusao-relacoes-pdf/file> Acesso: 10 set. 2015

_____. **Parecer nº CNE/ CP 003/2004 de Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: MEC, 2004. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/DCN-s-Educacao-das-Relacoes-Etnico-Raciais.pdf> Acesso: 15 set. 2015.

_____. **Lei nº 10639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 9 jan. 2003. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10639.htm > Acesso: 31 ago.2015

_____. **Orientações Educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais.** Linguagens, códigos e suas tecnologias. / Secretaria de Educação Média e Tecnologia. – Brasília: MEC; SEMTEC, 2002. (A). Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/linguagens02.pdf> Acesso: 30 mai. 2017

_____. **Plano de Desenvolvimento da Educação:** Prova Brasil: ensino fundamental: matrizes de referência, tópicos e descritores. Brasília: MEC, SEB; Inep, 2001. Disponível em: http://download.inep.gov.br/download/saeb/2001/Miolo_Novas_Perspectivas2001.pdf Acesso: 02 jun. 2015.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa. Brasília/DF: MEC/SEF, 1998.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais de Educação para temas transversais:** pluralidade cultural. Brasília/DF: MEC/SEF, 1997.

_____. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 20 dez. 1996. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf Acesso: 03 mar. 2015.

_____. **Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961.** Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário do Congresso Nacional. Brasília, DF, 20 de dezembro de 1961. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4024-20-dezembro-1961-353722-publicacaooriginal-1-pl.html> Acesso: 03 mar.2015.

CAFIERO, Delane. Letramento e leitura: formando leitores críticos. In: RANGEL, Egon de Oliveira; ROJO, Roxane Helena (Coord.). **Língua Portuguesa:** ensino fundamental. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010, v. 19. (Coleção Explorando o Ensino).

Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=7840-2011-lingua-portuguesa-capa-pdf&category_slug=abril-2011-pdf&Itemid=30192 Acesso: 29 mai. 2017.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e ortografia.** Educar em Revista, Curitiba, Paraná, v.18, n.20, 2002. Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/educar/article/view/2097/1749> Acesso: 20 set. 2017.

COSSON, Rildo. **Letramento literário:** teoria e prática. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

CURY, Helena Noronha. **Análise de erros:** o que podemos aprender com as respostas dos alunos. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

FAGUNDES, Léa. Revista Nova Escola, 2005. Disponível em:

<https://novaescola.org.br/conteudo/987/entrevista-com-lea-fagundes-sobre-a-inclusao-digital>. Acesso: 21.fev. 2017.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. Editora Cortez, São Paulo, 2011.

_____. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 39. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005, 42.^a edição.

KLEIMAN, A. **Oficina de leitura**: teoria & prática. 10. ed. Campinas: Pontes, 2004.

_____. **Texto e leitor**: aspectos cognitivos da leitura, Campinas: Pontes, 2013.

KOCH, Ingedore Villaça e ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender**: os sentidos do texto. 3^a ed., 11^a reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015

KRIEGL, Maria de Lourdes de Souza. **Leitura**: um desafio sempre atual. Revista PEC, Curitiba. 2002. Disponível em: <http://pec.ispgaya.pt/index.php/13-publicacoes/volume-ii-n-1?start=24> Acesso: 08 ago.2017.

LAJOLO, Marisa e ZILBERMANN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira**: História e Histórias. São Paulo: Ática, 2002

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 2000.

_____. **Linguagem e letramento em foco**: meus alunos não gostam de ler, o que eu faço? Campinas: Cefiel/IEL/Unicamp, 2005.

LEFFA, V. J. **Aspectos da leitura**: uma perspectiva psicolinguística. Porto Alegre: Sagra/Luzzato, 1996.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna R.; BEZERRA, Maria A. **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 19-36.

MENEGASSI, Renilson José. **Compreensão e interpretação no processo de leitura**: noções básicas ao professor. Revista UNIMAR, 17: 85-94, 1995.
Disponível em: <https://biblat.unam.mx/en/revista/revista-unimar-ciencias-humanas-e-sociais/3>
Acesso: 21 mai. 2015

PIAGET, Jean. **Para onde vai à educação**. Rio de Janeiro. José Olímpio, 2007.

SANTOS, Idelette Muzart-Fonseca dos. **Memória das Vozes**: cantoria, romanceiro e cordel. Prefácio de Armindo Bião – Tradução de Márcia Pinheiro. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2006.

SAVIOLI, Francisco Platão e FIORIN, José Luiz. **Para entender o texto**: leitura e redação. 16.ed. São Paulo: Ática, 2006.

_____, Ana Célia. A Desconstrução da Discriminação no Livro Didático. In: MUNANGA, Kabengele. **Superando o racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD), 2007.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura**. 6.ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

SOUZA, Ana L. S.SOUSA, Andréia Lisboa de e PIRES, Rosane. Afro-Literatura Brasileira: O que é? Para que Serve? Como Trabalhar? Subsídio – uma idéia para o dirigente municipal de ensino. São Paulo: Gruhbas – Projetos Educacionais e Culturais, 2005

REVISTAS ELETRÔNICAS

ESCALEIRA, Bruna. Jarid Arraes: cordel que empodera mulheres. Revista Azmina dão a letra. [online] Fevereiro de 2017. Disponível em: <http://azmina.com.br/2017/01/jarid-arraes-cordel-que-empodera-mulheres/> Acesso: 18 set. 2017

GOMES, Igor. A mulher negra no centro do cordel. Revista Pernambuco: Suplemento Cultural do Diário Oficial do Estado. [Revista online] Novembro de 2016. Disponível em: <http://www.suplementopernambuco.com.br/entrevistas/1734-jarid-arraes-e-a-mulher-negra-no-centro-do-cordel.html> Acesso: 18 set.2017

PAES, Bárbara. Quero ser: Jarid Arraes. Revista Ovelha [online] Setembro de 2016. Disponível em: <http://ovelhamag.com/quero-ser-jarid-arraes/> Acesso: 18 set. 2017

RIBEIRO, Maíra Carvalho Branco. A Lenda de Jarid, Dandara e das guerreiras de nossa terra. Revista Capitolina [online]. Julho de 2015. Disponível em: <http://www.revistacapitolina.com.br/lenda-de-jarid-dandara-e-das-guerreiras-de-nossa-terra/> Acesso: 18 set.2017

TORRES, Felipe. Para não esquecer. Jomal Diário de Pernambuco [online]. Maio de 2017. Disponível em: http://www.impresso.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/cadernos/viver/2017/05/22/interna_viver,168701/para-nao-esquecer.shtml Acesso: 18 set. 2017

TINOCO, Dandara Tinoco. Descrita como heroína, Dandara, mulher de Zumbi, tem biografia cercada de incertezas. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/historia/descrita-como-heroína-dandara-mulher-de-zumbi-tem-biografia-cercada-de-incertezas-14567996> Acesso: 18 nov. 2015.

VALECK, Aline. Jarid Arraes: “Escrevo para honrar minha ancestralidade. Revista Carta Capital [online]. Março de 2003. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/cultura/jarid-arraes-201cescrevo-para-honrar-minha-ancestralidade201d> Acesso: 18 set. 2017

APÊNDICES

APÊNDICE A- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

Departamento de Ciências Humanas – Campus V



MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS- PROFLETRAS

Santo Antônio de Jesus - BA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) MENORES DE 16 ANOS

Prezado pai/ mãe/ responsável:

Seu filho está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da proposta de intervenção pedagógica intitulada **A MULHER NEGRA EM CORDÉIS DE JARID ARRAES: Uma proposta de compreensão leitora** que tem como objetivo principal estimular o hábito da leitura e análise de cordéis voltados para a valorização da identidade da mulher negra. Acreditamos que ela seja importante porque poderá ajudar futuramente seu filho a desenvolver habilidades necessárias para leitura e, conseqüentemente, o sucesso escolar.

Para participar do estudo, seu (sua) filho (a) deverá responder, na própria escola onde estuda e nos horários normais de aula, com o acompanhamento de seu professor, algumas atividades envolvendo leitura e compreensão leitora que serão realizadas em oficinas. São atividades que ele (a) costuma fazer em dias normais de aula da matéria de Língua Portuguesa e como essas atividades serão aplicadas nos horários de aula da referida disciplina, não será necessário que seu (sua) filho (a) se desloque para qualquer outro lugar. Além disso, seu (sua) filho (a) prestará algumas informações contidas em questionários pedagógico e socioeconômico sobre o papel da família na sua vida escolar e seus hábitos de leitura e estudo. Ao final das oficinas, os (as) estudantes serão convidados (as) a fazerem atividades que mostrem o avanço em relação as etapas realizadas.

As atividades ocorrerão exclusivamente em sala de aula e o nome do (da) seu (sua) filho (a) ou qualquer outro dado que poderá servir como identificação será mantido em sigilo.

A participação do (a) seu (sua) filho (a) é voluntária e ele (a) terá liberdade de interromper a participação a qualquer momento. Em relação aos riscos apresentados, é possível que ele (a) sinta certo desconforto nas atividades que serão aplicadas através de questões orais e escritas, devido à resistência em responder as atividades, principalmente as que necessitam de respostas orais, pois algum discente pode se sentir constrangido em realizá-las na frente dos colegas. Caso essa problemática aconteça procuraremos, através do diálogo, superar esse entrave. E se mesmo assim o (a) educando (a) não se sentir à vontade, a prioridade será a realização de atividades escritas. Assim, não acontecerão possíveis danos de ordem física, psíquica, moral, intelectual, social ou cultural no alunado, bem como não haverá nenhum tipo de prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição. Será assegurada ao (a) aluno (a) toda assistência durante a pesquisa, bem como o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo, suas consequências e tudo o que eu queira saber antes e durante a minha participação.

Em relação aos benefícios, é possível que o (a) aluno (a) aprimore sua capacidade leitora e crítico-reflexiva e que ele (a) possa discutir sobre a importância de mulheres negras através dos cordéis estudados.

A participação no estudo é gratuita e não envolve nenhuma despesa com material escolar, transporte ou alimentação.

A privacidade de seu representado será respeitada, ou seja, seu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, identificá-lo, será mantido em sigilo. A pesquisadora se responsabiliza pela guarda e confidencialidade dos dados, bem como a não exposição dos dados de pesquisa.

É assegurada a assistência durante toda proposta, bem como lhe é garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências; enfim, tudo o que queira saber antes, durante e depois da participação. Você também pode recusar a participação do seu representado no estudo, ou retirar o consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar.

A professora envolvida com a referida atividade é a Mestranda Rubiane Vieira de Jesus, da Universidade do Estado da Bahia – Campus V, Santo Antônio de Jesus, e com ela poderá manter contato pelos telefones: (75)98105 1969/ (75) 98807 3789.

AUTORIZAÇÃO

Autorizo o uso da produção escrita do meu (minha) filho (a) para fins da proposta em questão, sendo seu uso restrito a análise e publicação dos resultados referentes às leitura e compreensão textual.

Declaro que li e entendi todas as informações presentes neste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e tive a oportunidade de discutir as informações deste termo. Todas as minhas perguntas foram respondidas e eu estou satisfeito (a) com as respostas. Entendo que receberei uma via assinada e datada deste documento e que outra via assinada e datada será arquivada pela pesquisadora responsável do estudo.

Enfim, tendo sido orientado quanto ao teor de tudo aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo da já referida atividade, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, pela participação do meu (minha) filho (a).

Dados do participante da pesquisa (aluno)	
Nome:	
Idade:	

Dados do responsável pelo participante da pesquisa	
Nome:	
Rg:	

Cruz das Almas, ____ de _____ de 2017.

Assinatura do responsável pelo participante da pesquisa

Assinatura da pesquisadora

APÊNDICE B- TERMO DE ASSENTIMENTO AO MENOR



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

Departamento de Ciências Humanas – Campus V



MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS- PROFLETRAS

Santo Antônio de Jesus - BA

TERMO DE ASSENTIMENTO DO MENOR

Esta pesquisa seguirá os Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução nº 196/ 96 do Conselho Nacional de Saúde.

I DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:

Nome do (a) participante: _____ Documento de
Identidade nº: _____ Sexo: () M () F Data de Nascimento:
____/____/____ Endereço: _____ Bairro: _____ Cidade:
____ CEP: _____ Telefone: () _____

II- REGISTRO DAS EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO PARTICIPANTE OU SEU REPRESENTANTE LEGAL SOBRE A PROPOSTA, CONSIGNANDO:

Eu _____ estou sendo convidado
(a) para participar da proposta de intervenção pedagógica do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) intitulada **A MULHER NEGRA EM CORDÉIS DE JARID ARRAES: Uma proposta de compreensão leitora**, de responsabilidade da pesquisadora Rubiane Vieira de Jesus. O presente estudo objetiva desenvolver a leitura e compreensão textual e baseia-se nos conhecimentos prévios do (a) educando (a), bem como promover o aprendizado através da leitura e compreensão do que está sendo lido. Esta proposta quer saber como a prática de leitura através dos cordéis pode contribuir para a sua postura crítico-reflexiva. Ao final da atividade, discutiremos sobre o protagonismo das mulheres negras e relacionaremos com a nossa conjuntura atual. Fui alertado (a) de que é possível esperar benefícios por meio da participação na pesquisa, a exemplo do aprimoramento da capacidade leitora e crítico-reflexiva, a partir da

leitura desses cordéis. UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO- PPG Departamento de Ciências Humanas – Campus V MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS- PROFLETRAS. Recebi esclarecimentos necessários sobre as atividades que ocorrerão exclusivamente em sala de aula, bem como estou ciente de que meu nome ou qualquer outro dado que poderá servir como identificação será mantido em sigilo. Fui informado (a) que a minha participação nesta proposta de intervenção é voluntária e que tenho liberdade de interromper minha participação a qualquer momento. É possível também sentir certo desconforto nas atividades que serão aplicadas através de questões orais e escritas, devido à resistência em responder as atividades, principalmente àquelas que deverão ser feitas oralmente, pois posso me sentir constrangido em realizá-las na frente dos colegas. Caso essa problemática aconteça a ideia é dialogar e tentar superar esse entrave. E se mesmo assim eu não me sentir à vontade em responder, a prioridade serão as atividades escritas. Assim, não acontecerão possíveis danos de ordem física, psíquica, moral, intelectual, social ou cultural, bem como não haverá nenhum tipo de prejuízo em minha relação com o pesquisador ou com a instituição. Será assegurada a mim toda assistência durante a pesquisa, bem como me é garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo, suas consequências e tudo o que eu queira saber antes e durante a minha participação. A docente responsável pela referida atividade é a professora Rubiane Vieira de Jesus e com ela poderei manter contato pelos telefones (75) 98807-3789 ou (75) 98105 1969 ou e-mail: r_literata@yahoo.com.br . Posso também manter contato com o Comitê de Ética em Pesquisa- CEP/UNEB, através do telefone (71) 3117-2445e- e/ou e-mail: cepuneb@uneb.br , além da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP, através do e-mail: conep.cep@saude.gov.br . Após esclarecimento de todas as dúvidas, aceito participar do projeto de intervenção intitulado “Leitura e compreensão leitora de cordéis que retratam o protagonismo da mulher negra: uma proposta de intervenção para alunos do 8º ano do ensino fundamental II”. Entendi os objetivos, as os aspectos positivos e negativos que podem acontecer, bem como que também que posso participar da proposta, mas que, a qualquer momento, posso desistir. Recebi uma cópia deste termo de assentimento, li e concordo em participar da proposta de intervenção pedagógica.

Cruz das Almas-BA, _____ de _____ de 2017

Assinatura do participante da pesquisa

APÊNDICE C- TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGENS E
DEPOIMENTOS



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
Departamento de Ciências Humanas – Campus V
**MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS-
PROFLETRAS**



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu _____, RG _____, responsável legal pelo(a) menor _____, portador(a) de cédula de identidade nº _____, **autorizo**, através do presente termo, a pesquisadora Rubiane Vieira de Jesus, sob orientação do Prof. Dr. João Evangelista do Nascimento Neto no projeto de pesquisa intitulado “ **A MULHER NEGRA EM CORDÉIS DE JARID ARRAES: Uma proposta de compreensão leitora.**”, com última etapa da proposta de intervenção pedagógica, a realizar a gravação em vídeo da imagem e depoimentos do (a) menor supracitado (a), bem como a veiculação de sua imagem e depoimentos para fins didáticos, de pesquisa e divulgação de conhecimento científico, elaboração de produtos e divulgação de projetos audiovisuais sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990).

Cruz das Almas, 14 de agosto de 2018.

Pesquisador responsável pelo projeto

Participante da Pesquisa

Responsável pelo (a) participante

APÊNDICE D- QUESTIONÁRIO SOCIOECONÔMICO



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
Departamento de Ciências Humanas- Campus V
Mestrado Profissional em Letras/ PROFLETRAS



Estudante: _____

QUESTIONÁRIO SOCIOECONÔMICO DO (A) EDUCANDO (A)



1- SEXO:



() Feminino () Masculino

2- IDADE:



() 11 anos () 12 anos () 13 anos () 14 anos () 15 anos ou
 mais

3- COR OU RAÇA:



() Branca () Preta () Parda () Amarela () Indígena

4- LOCALIDADE ONDE MORA:



() Zona Urbana () Zona Rural () Comunidade Indígena () Comunidade
 Quilombola

5- QUEM O/A AJUDA NAS TAREFAS ESCOLARES?



() Mãe () Pai () Responsável () Irmãos () Reforço escolar

6- GOSTA DE LER?

() Sim () Não



7- O QUE VOCÊ ACHA DE LER?



() Ótimo () Bom () Chato () Ruim () Péssimo

8- MARQUE O(S) TIPO(S) DE LITERATURA QUE VOCÊ JÁ LEU:

() Poesia () Conto () Cordel () Crônica () Romance

9- VOCÊ SABE O QUE É RACISMO?



() Sim () Não

10- VOCÊ CONHECE ALGUMA PESSOA RACISTA?

() Sim () Não

11- QUEM VOCÊ CONHECE QUE É RACISTA?



() Amigo () Parente () Colega de sala () Vizinho () Outros

12- QUAL É O TOTAL DE ALUNOS/AS EM SUA CLASSE?



13- QUANTOS ALUNOS/AS VOCÊ CONSIDERA QUE SÃO:



() Negros/as () Brancos/as () Pardos/as () Indígenas

14- NA SUA TURMA EXISTEM PIADAS OU BRINCADEIRAS QUE FAZEM REFERÊNCIA À COR, NARIZ, CABELO, OU QUALQUER OUTRA PARTE DO CORPO DE ALGUM COLEGA?



() Sim () Não

15- CONHECE A CULTURA AFRICANA?

() Sim () Não



16- VOCÊ ACHA QUE SUA ESCOLA VALORIZA A CULTURA AFRO- BRASILEIRA?

() Sim () Não



17- DE QUE FORMA?

APÊNDICE E- ATIVIDADE UTILIZADA PARA O DIAGNÓSTICO

QUESTÕES PARA REFLEXÃO

1º) Qual a temática do texto?

2º) A partir da leitura do texto, o que diz a Lei 10.639?

3º) Para você, o que significam as expressões a seguir:

a) **Preconceito racial?** _____

b) **Racismo?** _____

c) **Afro-descendentes** _____

d) **Ebó** _____

4º) Das personagens expostas no texto, quantas você conhece? Para você, o que elas têm em comum?

5º) Quando foi sancionada a lei 10.639? O que ela estabelece?

6º) Você acha que o preconceito é um assunto polêmico? Justifique a sua resposta:

7º) O texto apresentado é um (a):

() Paródia () Cordel () Repente () Conto () Poema

APÊNDICE F- QUADRO-SÍNTESE DO QUESTIONÁRIO PEDAGÓGICO

Sexo	Masculino	20
	Feminino	Oua
Pais ou responsáveis leem livros	Sempre	24
	Às vezes	09
	Raramente	02
	Nunca	00
Incentivo dos pais ou responsáveis à leitura	Sempre	30
	Às vezes	03
	Raramente	02
	Nunca	00
Incentivo à leitura pela instituição de ensino	Sempre	30
	Às vezes	02
	Raramente	03
	Nunca	00
Importância da leitura para o futuro	Não possui	00
	Pouca	02
	Importante	28
	Decisiva	05
Dificuldade de compreensão de textos lidos	Sim	03
	Não	11
	Às vezes	21
Livros existentes no local onde mora	Não tem	03
	1 a 5 livros	06
	10 a 20 livros	19

	Mais de 30 livros	07
Leitura ou consulta na biblioteca	Sempre ou quase sempre	03
	Nunca ou quase nunca	10
	De vez em quando	22
Média de horas mensais reservadas à leitura	Menos de 5 horas	12
	Não reservo	07
	Mais de 10 horas	05
	Mais de 30 horas	01
	Só em sala de aula	10
Tempo disponibilizado para a leitura	Suficiente	26
	Insuficiente	09
Leitura de textos religiosos	Sim	14
	Não	11
	Raramente	05
	Nunca	05
Acesso a cordéis	Sim	03
	Às vezes	17
	Raramente	09
	Nunca	06

Acesso a textos da cultura afro-brasileira	Sim	11
	Às vezes	18
	Raramente	03
	Nunca	03
Leitura sobre a mulher negra protagonista	Sim	01
	Não	33
	Não respondeu	01
Qual	----- -----	
Computador no local onde mora	Sim, com internet	27
	Sim, sem internet	02
	Não	05
Utilização de redes sociais	Sim	35
	Não	00
Uso da internet em casa, escola ou <i>lan house</i>	Todos ou quase todos os dias	25
	2 ou 3 vezes na semana	10
	2 ou 3 vezes no mês	00
	1 vez no mês	00
	Não utilizo	00
Uso da internet como ferramenta de estudo	Sim	16
	Não	03
	Às vezes	14

	Raramente	02
Suporte para informação ¹⁵	Internet	35
	Livros didáticos	01
	Revistas	00
	Jornais	00
	Revistas	00
	Outros	00
Materiais utilizados nas aulas de LP ¹⁶	Vídeos	01
	Músicas	01
	Livro didático	34
	Imagens	09
	Revistas	03
	Textos impressos	20
	Computadores	01
	Outros	00

¹⁵ Um (a) estudante alegou usar mais de um acesso à informação.

¹⁶ A maioria do alunado escolheu mais de um material utilizado nas aulas de Língua Portuguesa.

APÊNDICE G: QUESTIONÁRIO REALIZADO NA ETAPA II DA SEQUÊNCIA

Colégio: Data:

Aluna(o):.....



ATIVIDADE

Boa a nossa discussão, não foi? Quantos saberes compartilhados! Agora, vamos responder as questões a seguir, além de colocar no papel tudo o que achamos interessante nessa aula: reflexões, anseios, dúvidas que foram esclarecidas ou o que faltou discutir mais.

1. A melhor definição para analisar o que é preconceito é:

- a) Considerar-se melhor que o outro.
- b) Um juízo preconcebido, geralmente manifestado através de atitudes discriminatórias perante pessoas, lugares ou tradições considerados diferentes ou estranhos.
- c) Ter atitudes individualistas, pensando e agindo de acordo com seus interesses.
- d) Considerar que todos são iguais perante a lei.
- e) Não sei responder.

2. Em relação ao preconceito racial na sociedade, você acha que:

- a) É visível a sua prática, mas não é discutido.
- b) Existe e é discutido de forma considerável.
- c) Existe, porém não de forma visível.
- d) Não existe.
- e) Não tenho opinião formada.

3. Em relação a igualdade entre os povos você acha que:

- a) Existe em nossa nação.

- b) Existe, mas não como queremos.
- c) Queremos, mas na prática não existe.
- d) Não existe e nunca existirá.
- e) Não sei responder.

4. Para você, qual (is) fator(es) contribuem para a existência de um número ainda pequeno de mulheres negras em espaços de poder?

- a) Falta de oportunidade.
- b) Dificuldade de acesso à educação.
- c) Falta de vontade e dedicação.
- d) Preconceito e discriminação.
- e) Outra _____

5. Discussões relacionadas a preconceito e estereótipos são importantes e devem acontecer em ambiente escolar?

- a) Não, pois é um assunto que não tem relevância alguma.
- b) Não, pois já vivemos em um país muito democrático;
- c) Sim, pois estas questões afetam a vida de toda a sociedade brasileira e a construção da identidade de um povo.
- d) Sim, mas não precisamos de muitas discussões sobre essas temáticas.
- e) Não sei informar.

6. O que você entende por racismo?

a) É uma forma de discriminar as pessoas baseada em motivos raciais, cor da pele ou outras características físicas, de tal forma que umas se consideram superiores a outras.

b) Prática que tem como finalidade intencional não diminuir ou anular os direitos humanos das pessoas.

- c) Igualdade entre raças.
- d) As alternativas acima se complementam.
- e) Não sei responder

7. Em relação ao racismo você acredita que:

- a) Não existe, já que todos na sociedade são tratados de maneira.
- b) As desigualdades raciais diminuíram muito em nossa sociedade, ao longo do tempo, e quase não existem mais.
- c) Ainda existem conflitos raciais e étnicos por todo mundo.
- d) É uma prática absolutamente normal.
- e) Não sei nada sobre o assunto.

8. Quanto aos comportamentos racistas você considera que:

- a) Não deve existir, pois devemos sempre conviver e respeitar as diferenças.
- b) O desrespeito é normal em nossa sociedade.
- c) É preciso, pois para defender uma identidade, podemos denegrir a outra.
- d) Não existe mais, pois nossa sociedade não é racista.
- e) Não tenho opinião formada ainda.

APÊNDICE H: ATIVIDADE EM GRUPOS DA MÚSICA *MENINA PRETINHA*

Colégio: Data:

Equipe:.....

..



ATIVIDADE

1º) Qual (is) situações foram percebidas através da música?

.....

.....

.....

2º) Para vocês, qual o significado das seguintes frases:

a) Você é não é bonitinha, você é uma rainha.

.....

.....

.....

b) Minhas bonecas pretas, o que fizeram com elas?

.....

.....

.....

c) Barbie é legal, mas eu prefiro a Makena africana.

.....

.....

.....

d) O meu cabelo é chapado, sem precisar de chapinha.

.....

.....

.....

3º) A partir da compreensão da música, qual o significado das palavras a seguir:

exótica:
.....
- resistência:
.....
- racismo:
.....

4º) Analisando a figura a seguir e o trecho “*Como história de griô, sou negra e tenho orgulho da minha cor*”, façam um comentário do que foi entendido:



.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....

APÊNDICE I- QUESTÕES ELABORADAS PARA A ATIVIDADE DO CORDEL
BIOGRÁFICO DE CAROLINA MARIA DE JESUS

1º) Qual a principal temática abordada no texto?

2º) A partir da leitura do texto, informe:

Onde a personagem nasceu: _____

O ano em que nasceu: _____

O que a personagem mais gostava de fazer: _____

Qual a sua ocupação antes da fama: _____

As obras escritas por ela: _____

3º) Provavelmente você já escutou as palavras racismo e elitismo. Qual o significado delas na história?

4º) Por que você acha que problemas pelos quais Carolina Maria de Jesus passou ainda acontecem na atualidade? Justifique sua resposta:

5º) O que você entende do trecho “A mulher negra escritora que despeja o coração”?

APÊNDICE J- QUESTÕES ELABORADAS PARA A ATIVIDADE DO CORDEL
BIOGRÁFICO DE DANDARA DOS PALMARES

1º) A que se refere o tema principal abordado no texto?

2º) A partir da leitura do cordel, responda as seguintes indagações a respeito de Dandara:

- a) De quem era esposa? _____
- b) Onde nasceu? _____
- c) Onde se estabeleceu? _____
- d) Teve quantos filhos? _____
- e) Como morreu? _____

3º) O que você entende trecho “Que machismo é veneno violento de matar?”

4º) Por que Dandara dos Palmares preferiu o suicídio ao retorno à serviçagem?

5º) Segundo o texto, Dandara foi uma figura importante na luta pela liberdade dos escravos. Todavia, somente o nome de seu marido, Zumbi dos Palmares, é lembrado. Na sua opinião, por que isso acontece? Justifique sua resposta.

APÊNDICE K- QUESTÕES ELABORADAS PARA A ATIVIDADE DO CORDEL
BIOGRÁFICO DE MARIA FELIPA

1º) Sobre a personagem Maria Felipa, responda:

- a) Onde nasceu: _____
- b) Sua profissão: _____
- c) Quantidade de mulheres que ela liderou: _____
- d) Lugar onde morava: _____

2º) Sobre o que fala o texto?

3º) Você acredita que, realmente, as mulheres sofrem um processo de invisibilidade?

Justifique sua resposta:

4º) Após nossas discussões, explique a expressão “Que dela jamais esquece por sua resiliência.”

5º) O texto retrata a importância de Maria Felipa na nossa história. Para você, qual foi a influência dela para a Bahia?

APÊNDICE L- QUESTÕES ELABORADAS PARA A ATIVIDADE DO CORDEL
BIOGRÁFICO DE TIA CIATA

1º) A história se desenvolve em torno de que fato?

2º) Leia atentamente o texto e, a respeito de Tia Ciata, informe o que lhe é solicitado:

- a) Seu local de nascimento: _____
- b) A religião a qual ela pertencia: _____
- c) Sua profissão: _____
- d) O nome de sua primeira filha: _____

3º) A partir da leitura, percebemos que Tia Ciata sofreu preconceito por causa de sua religião. O que você acha da intolerância religiosa? Justifique;

4º) A partir do seu entendimento do texto, explique o trecho “Pois o racismo perverso era um fato endurecido”

5º) Tia Ciata era uma personagem famosa no meio social onde vivia. Ainda assim, sofria perseguição da polícia. Para você, qual (quais) motivo (s) era(m) o (s) causador (es) de tal prática?

ANEXOS

ANEXO A- CORDEL UTILIZADO PARA A ATIVIDADE DIAGNÓSTICA



UNIVERSIDADE DO ESTADO DE BAHIA
Departamento de Ciências Humanas- Campus V
Mestrado Profissional em Letras/ PROFLETRAS



Estudante: _____

ATIVIDADE DIAGNÓSTICA

Discutindo a Lei 10.639 em sala de aula

Antonio Carlos de Oliveira Barreto

Uma aluna, curiosa
cheia de sabedoria
formulou ao professor
com muita categoria
uma pergunta bela
que a todos encantaria.

Ela disse: “Professor,
quero que o senhor inove
com uma aula criativa
e agora nos comprove
Essa tal de Lei Dez Mil
Seiscentos e Trinta e Nove”

Respondeu o professor:
“Eu garanto lhe explicar

esse assunto interessante
que todos irão gostar
mas pro bem de vocês
primeiro vou pesquisar.”

O maestro aproveitou
aquele fim de semana
mergulhou em muitos livros
como quem nunca se engana,
apurando sua pesquisa
com afinco e muita gana.

Na aula seguinte então
ele munido chegou
de farto material
que com gosto pesquisou
para responder à pergunta
que a aluna formulou.

Os alunos curiosos
em silêncio a escutar
aquilo que o professor
prometera explicar.
E assim aquele mestre
começou a discursar.

“Não é de forma direta
tampouco conceitual.
Que vou falar de um tema
bastante fundamental,
porque trata do polêmico
preconceito racial.

Nesta longa caminhada,

de Cabral até o momento,
muitas coisas foram escritas
sem nenhum credenciamento:
assim as grandes verdades
caíram no esquecimento.

Já se foram os jesuítas,
não há mais Inquisição,
não existem coronéis,
nem palmatória na mão,
ditadura nunca mais
e adeus a escravidão.

Foi pensando nisso então
que a chamada Lei Mil
Seiscentos e Trinta e Nove
valorosa e varonil
há muito foi sancionada
em nosso querido Brasil.

Nosso presidente Lula
dia 9 de janeiro
do ano dois mil e três
com seu gesto altaneiro
sanciona esta Lei
para o povo brasileiro.

Essa Lei estabelece,
no âmbito da Educação,
o ensino obrigatório
nas escolas da Nação
a História e Cultura-Afro
sem nenhuma restrição.

Então cabe à escola
No currículo adotar
a Cultura Africana
e a todos ensinar:
a riqueza que possui
esse povo exemplar.

Daí todo o professor
habilidoso e sutil
esclarece aos seus alunos
a não ter postura hostil,
impedindo que o racismo
prevaleça no Brasil.

Dentro da sala de aula,
cabe então ao professores
gerar sempre bons debates
estimulando os valores,
esclarecendo a verdade
sobre os colonizadores.

Temos que rever a História,
que há muito nos engana,
excluindo os africanos
de uma forma bem tirana:
ênfatizando a cultura
europeia e “americana”

Toda metodologia
exclusiva e burguesa
gera sempre preconceito,
apartheid e esperteza.
Portanto precisa o MEC
agir com muita firmeza.

Se os alunos desde cedo
forem conscientizados,
que os afro-descendentes
precisam ser respeitados:
vão notar que esses heróis
deixaram grandes legados.

Não é só o acarajé,
A cocada, o abará,
Capoeira, caruru,
Candomblé, o vatapá,
Samba de roda, ebó.
Axé-music, abadá:

A cultura africana
possui muito mais valia
nas artes, na religião,
na linguística, economia,
na música, na política
no teatro e na poesia.

Será que os alunos sabem
o valor de Zé Limeira,
a nobre Maria Felipa
Inácio da Catingueira
Zé Pretinho do Tucuri
Bule-Bule, Antonio Vieira

Já pesquisaram Zumbi,
o Paulinho da Viola,
Grande Otelo, Milton Santos,
Lima Barreto, Cartola,
Clementina de Jesus

e Pelé- o rei da bola?
E Machado de Assis,
Jamelão, Pixinguinha.
Noite Ilustrada, Tim Maia,
Djavan, Mãe Minininha,
Jorge Bem, Gilberto Gil,
Xica da Silva- a rainha?

E o Solano Trindade,
mestre Jackson do Pandeiro
Luiz Gama, André Rebouças,
Henrique Dias... guerreiro...
E a arte de Aleijadinho,
o grande artista mineiro?

E Benedita da Silva
a Luíza Maranhão,
Neuza Borges, Sandra Sá,
Zé Kety, Mário Gusmão,
Lupicínio, Melodia
Batatinha, Riachão!

Camila e Antonio Pitanga
pai e filha na parceria.
Abdias Nascimento,
Ruth Souza, Ângela Maria,
A Ivete Sacramento
Lázaro Ramos, Lea Garcia.

Antonieta de Barros,
Dandara, Jairzinho,
o Vovô do Ilê Ayê,
Jair Rodrigues, Coutinho,
nosso Edivaldo Brito,

Clarindo Silva, Dadinho...
Tem Teodoro Sampaio,
o Juliano Moreira,
Alcione, João Cândido,
Célia Gonzáles- a mineira.
E o Nelson Cavaquinho:
um maestro de primeira.

O nosso Ubiratan Castro
Cruz e Souza e a poesia.
Olívia Santana, Lazzo,
Silvio Mendes, com alegria.
A grande Luíza Mahim,
quem jamais esqueceria?

E o José do Patrocínio,
Mestre Bimbo e Pastinha;
Donga, Ataulfo Alves,
Assis Valente na linha
e o Milton Nascimento
que nessa linha caminha.

Martinho da Vila no samba,
Elza Soares na voz,
Miltom Gonçalves na tela,
Negra Anastácia veloz.
Todo brasileiro é afro,
toda África está em nós...

E jamais terminaria
essa vasta relação
de personagens ilustres
que honram nossa Nação
Quem não entrou nesta lista

aguarde a próxima edição.

Barreto aqui finaliza

Achando que foi fiel

Registrando esses nomes

Rimados neste Cordel.

E quero homenagear

Também um negro exemplar

O meu grande avô Miguel.

Salvador, novembro de 2007

ANEXO B- QUESTIONÁRIO PEDAGÓGICO DO EDUCANDO



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
Departamento de Ciências Humanas- Campus V



Mestrado Profissional em Letras/ PROFLETRAS

Estudante: _____

QUESTIONÁRIO PEDAGÓGICO DO EDUCANDO**LEITURA E INCENTIVO À LEITURA**

1- Seus pais ou responsáveis costumam ler livros?

() Sempre. () Às vezes. () Raramente. () Nunca

2- Seus pais, ou responsáveis por você, o/a incentivam a ler?

() Sim. () Às vezes () Raramente () Nunca

3-O Colégio que você estuda o/a incentiva a ler?

() Sim. () Às vezes () Raramente () Nunca

4- Qual a importância da leitura para o seu futuro?

() Não possui importância () Pouca importância () Importante () Decisiva

5- Você sente dificuldade em compreender os textos que lê?

() Sim () Não () Às vezes

6- Quantos livros existem no local onde você mora?

() Não tenho livros na minha residência.

() De 1 a 5 livros.

() De 10 a 20 livros.

() Mais de 30 livros.

7- Você lê ou faz consulta na biblioteca?

() A Sempre ou quase sempre. () De vez em quando.

() Nunca ou quase nunca.

8- Quantas horas em média você reserva para a leitura durante um mês?

() Menos de cinco horas por mês.

() Não reservo momentos para leitura.

() Mais de 10 horas por mês.

() Mais de 30 horas por mês.

() Só em atividades em sala de aula .

9- Você acha que o tempo que você disponibiliza para a leitura diária é:

() Suficiente

() Insuficiente

10- Você lê textos religiosos?

() Sim. () Às vezes () Raramente () Nunca

LITERATURAS POPULAR E AFRO-BRASILEIRA

11- Você costuma ter acesso a cordéis?

() Sim. () Às vezes () Raramente () Nunca

12- Você tem acesso a textos que falem sobre a cultura e religião afro-brasileiras?

() Sim. () Às vezes () Raramente () Nunca

13- Você já leu algum cordel que fale sobre o protagonismo da mulher negra?

() Sim (Cite) _____ () Não

USO DE SUPORTES DE INFORMAÇÃO E AS NOVAS TECNOLOGIAS**14- Você tem computador no local onde mora?**

- ☐ Sim, com acesso à internet. ☐ Sim, mas sem acesso à internet.
☐ Não.

15- Você utiliza redes sociais?

- ☐ Sim ☐ Não

16- Você usa a internet em casa, na escola ou em lan house?

- ☐ Todos os dias ou quase todos os dias. ☐ Duas ou três vezes por semana.
☐ Duas ou três vezes por mês. ☐ Uma vez por mês.
☐ Não utilizo.

17- Você costuma usar a internet como ferramenta de estudo?

- ☐ Sim. ☐ Não ☐ Às vezes. ☐ Raramente

18- Que tipo de suporte você usa para se informar?

- ☐ Internet ☐ Jornais ☐ Livros didáticos
☐ Revistas ☐ Outros(citar) _____

19- Assinale os materiais que são utilizados nas aulas de Língua Portuguesa:

- ☐ Vídeos ☐ Livros ☐ Textos impressos ☐
☐ Músicas ☐ Revistas ☐ Computadores
☐ Imagens ☐ Outros (citar) _____

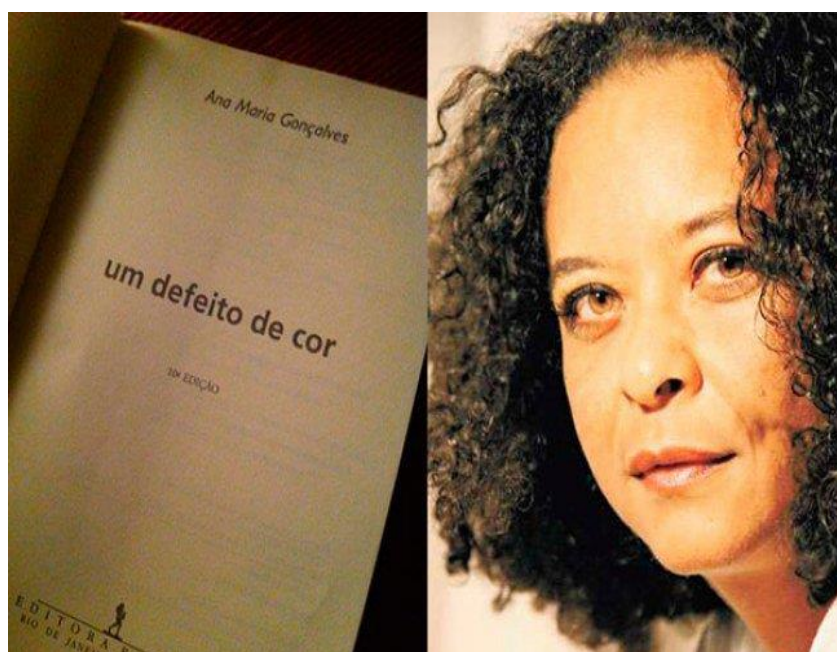
ANEXO C- IMAGENS UTILIZADAS NA PRIMEIRA ETAPA DA SEQUÊNCIA

Alzira Rufino

A profissional na área de enfermagem é engajada no apoio às vítimas de violência racial, doméstica e sexual. Alzira foi a primeira escritora negra a ter seu depoimento gravado no Museu de Literatura Mário de Andrade, em São Paulo/SP. Pioneira em sua região ao escrever para a imprensa com recorte de gênero, raça e sobre violência contra a mulher, Alzira também é responsável pelo crescente envolvimento dessas questões na mídia, no poder público e em debates cotidianos, além de dar visibilidade política às mulheres negras da Baixada Santista.

Fonte: <http://www.geledes.org.br/15-autoras-negras-da-literatura-brasileira/#gs.=GvwByM> Acesso em 18/02/17

Ana Maria Gonçalves



Nascida em Minas, Ana Maria Gonçalves foi publicitária em São Paulo, mas foi para a Ilha de Itaparica escrever seu primeiro romance, *Ao Lado e à Margem do que Sentes por Mim*. O livro, escrito durante seis meses, foi publicado de forma independente. Mais tarde, Ana Maria passou a morar em Nova Orleans. Seu segundo romance, *Um Defeito de Cor*, de 2006, conquistou o Prêmio Casa de las Américas na categoria literatura brasileira, a obra é inspirada na história (linda) de Luísa Mahin.

Fonte: <http://www.geledes.org.br/15-autoras-negras-da-literatura-brasileira/#gs.=GvwByM> Acesso em 18/02/17

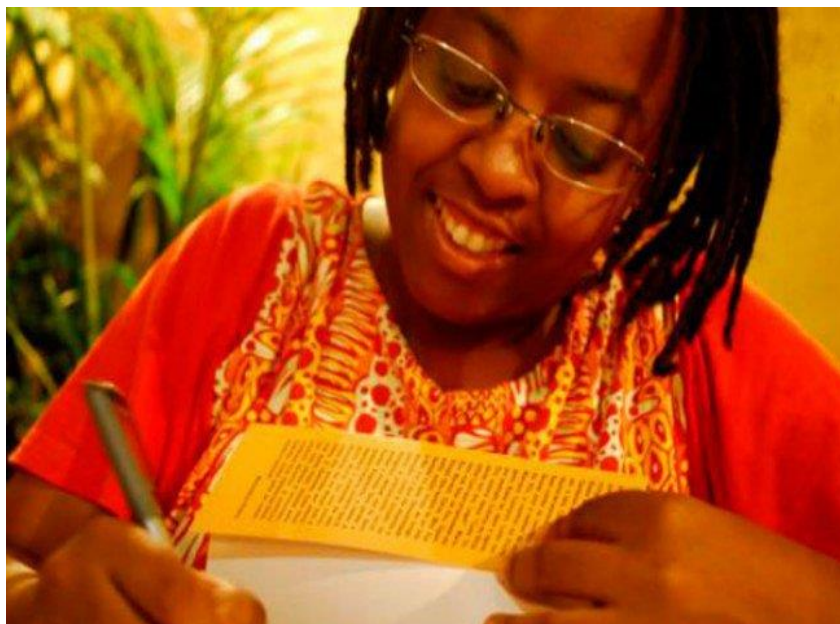
Ângela Davis



Ângela Davis, nascida em 26 de janeiro de 1944. Conhecida por livros como “Mulheres, raça & Classe”, ela tem trabalhado como professora e ativista, defendendo a igualdade de gênero, a reforma prisional e alianças através das linhas de cor.

Esta integrante do Panteras Negras e do Partido Comunista dos Estados Unidos (personagem de um dos mais polêmicos e famosos julgamentos criminais da recente história americana) participou da conferência de abertura, intitulada “Raça, gênero, classe: uma tríade inseparável nas políticas de empoderamento das populações negra”, em 21 de novembro de 2012 na cidade de Cruz das Almas, Recôncavo baiano.

Fonte: <http://asminanahistoria.com.br/28-negras-ativistas-que-voce-precisa-conhecer/> Acesso em 18/02/17

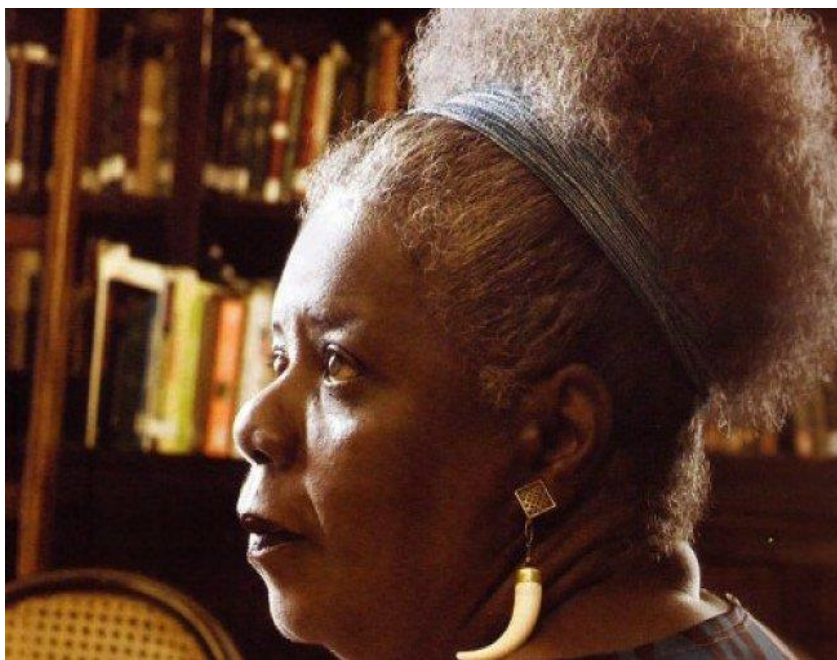
Cidinha da Silva

Sobre o seu livro *Sobre-viventes!*, a mineira explica “Ultrapassa o dito com o dizer. Para mim, isso é literatura. Dizer para além do dito. Intencionalmente ocultar para revelar. Revelar ocultando. Nesse jogo, deslinda-se o humano. Mas, humano, é ainda genérico: nesse livro desnudam-se os sobreviventes e os viventes”.

Cidinha se tornou uma ótima escritora depois de começou a publicar artigos acadêmicos sobre relações sociais e de gênero na faculdade de História. Foi a partir daí que desenvolveu um senso crítico aguçado para falar do racismo do dia a dia. Seu primeiro livro *Cada Tridente em Seu Lugar*, abordou o tema polêmico do acesso e permanência dos negros nas universidades. A mineirinha já escreveu romances, literatura infanto-juvenil e crônicas.

Fonte: <http://www.geledes.org.br/15-autoras-negras-da-literatura-brasileira/#gs.=GvwByM> Acesso em 18/02/17

Conceição Evaristo



Doutora em literatura, publicou seu primeiro poema em 1990 no décimo terceiro volume dos *Cadernos Negros*. Desde então, publicou poemas e contos em diversas antologias. Conceição Nasceu em uma favela na cidade de Belo Horizonte e milita dentro e fora do mundo acadêmico. Além do recente livro de contos *Olhos d'Água*, ela escreveu o romance *Ponciá Vicêncio*, publicado em 2003 e o *Becos da Memória* em 2006, *Poemas da Recordação e Outros Movimentos*, em 2008.

Fonte: <http://www.geledes.org.br/15-autoras-negras-da-literatura-brasileira/#gs.=GvwByM> Acesso em 18/02/17

Cristiane Sobral



A autora tem três obras: *Não Vou Mais Lavar os Pratos*, de poesias; contos em *Espelhos, Miradouros, Dialéticas da Percepção*; e seu último livro de poemas publicado em 2014 “*Em Só por Hoje Vou Deixar Meu Cabelo em Paz*” temos poemas engajados contra o racismo, a partir, sobretudo, da reconstrução da feminilidade da mulher negra. Boa parte dos poemas fazem do cabelo crespo o ponto de partida lírica para a denúncia, firmando ao final seu empoderamento”, conta Bianca Gonçalves. Cristiane afirma que escreve como um grito de liberdade. A carioca moradora de Brasília é mãe e Diretora de Gestão e Produção Cultural no Sindicato dos Escritores do Distrito Federal.

Fonte: <http://www.geledes.org.br/15-autoras-negras-da-literatura-brasileira/#gs.=GvwByM> Acesso em 18/02/17

Elizandra Souza

A escritora e jornalista também luta para dar voz à periferia na Zona Sul de São Paulo. Elisandra Souza publicou o livro de poesias *Águas da Cabaça* em 2012 e tem participação em revistas e antologias literárias como *Negrafias* e *Cadernos Negros* (publicação importante que se mantém há mais de trinta anos divulgando nomes da literatura negra, vale muito a pena conhecer). Ela é editora da Agenda Cultural da Periferia na Ação Educativa e fundadora do coletivo Mjiba (Mjiba significa mulher revolucionária).

Fonte: <http://www.geledes.org.br/15-autoras-negras-da-literatura-brasileira/#gs.=GvwByM> Acesso em 18/02/17

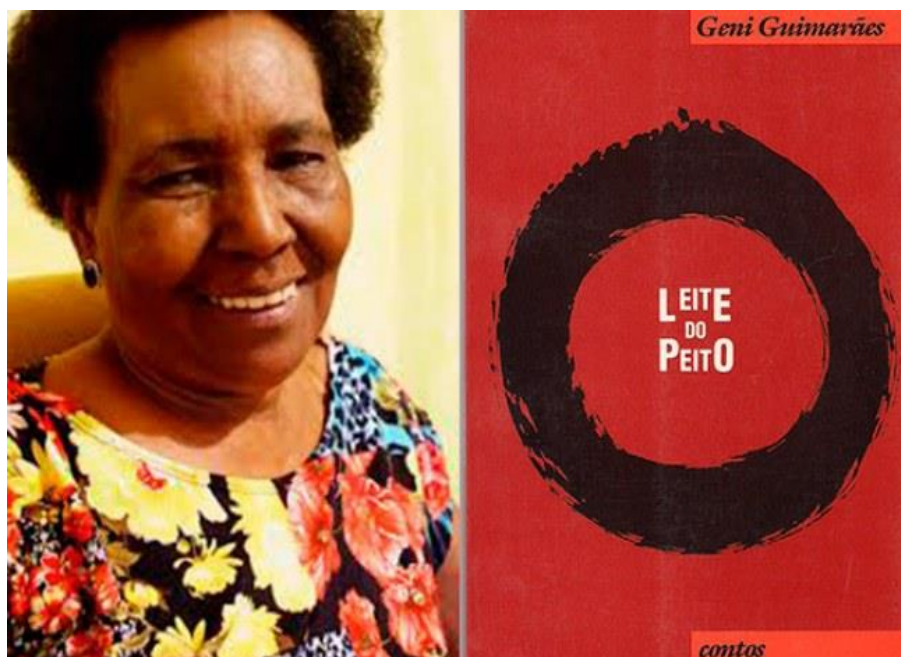
Esmeralda Ribeiro



Escritora, jornalista e coordenadora do grupo Quilombhoje, Esmeralda participa de palestras e seminários abordando sua experiência como escritora. Além de poemas em coletâneas nacionais e internacionais, *Malungos e Milongas* é um livro de contos publicado pela autora. Sobre como iniciou sua carreira literária, Esmeralda diz “A morte, a dor, o amor e a saudade foram sentimentos que deram outro ritmo a minha vida; foi em 1978 com o falecimento do meu pai que escrevi um poema em prosa intitulado *Sábado*, com esse poema andei por caminhos até acabar com a minha solidão literária. Meus temas preferidos são suspense, magia, surrealismo, policial”.

Fonte: <http://www.geledes.org.br/15-autoras-negras-da-literatura-brasileira/#gs.=GvwByM> Acesso em 18/02/17

Geni Guimarães



Gení também faz parte do time de autoras divulgadas nos *Cadernos Negros*. Em 1979, lançou seu primeiro livro de poemas, *Terceiro Filho*. A Fundação Nestlé publicou seu volume de contos *Leite do Peito*. Seu livro *A cor da Ternura*, recebeu os prestigiados prêmios Jabuti e Adolfo Aisen. Nascida no interior do estado de São Paulo, a escritora iniciou a carreira literária publicando poemas em jornais da cidade de Barra Bonita.

Fonte: <http://www.geledes.org.br/15-autoras-negras-da-literatura-brasileira/#gs.=GvwByM> Acesso em 18/02/17

Glória Maria



Glória Maria Matta da Silva a primeira repórter negra da TV brasileira, é uma das apresentadoras mais conhecidas do Brasil. Após se aventurar por todo tipo de terreno, com grandes reportagens ao redor do mundo e ter passado uma década na à frente do “Fantástico”, afastou-se das telas por de dois anos e voltou-se à vida pessoal. Adotou duas meninas e retornou à Globo para ser repórter especial do “Globo Repórter”.

Fonte: <http://gente.ig.com.br/gloriamaria/> Acesso em 18/02/17

Jarid Arraes

Jarid mostra sua indignação com versos fortes e diretos por meio de cordéis engajados. Entre os mais de 40 títulos publicados, o mais popular, *Não Me Chame de Mulata*, rendeu muitas discussões nas redes sociais. Em seu livro de contos *As Lendas de Dandara*, a cearense aborda o tráfico humano e a escravidão contando a história da guerrilheira quilombola Dandara dos Palmares (Esposa do Zumbi) de um jeito leve com um toque de ficção fantasiosa. A cordelista é comprometida com projetos de direitos humanos e tem uma coluna semanal na revista fórum chamada Questão de Gênero.

Fonte: <http://www.geledes.org.br/15-autoras-negras-da-literatura-brasileira/#gs.=GvwByM>

Acesso em 18/02/17

Lélia Gonzalez

Mineira de nascimento (1935), filha de um ferroviário negro e mãe de origem indígena empregada doméstica e penúltima de dezoito irmãos migra em 1942 para o Rio de Janeiro. Sua trajetória guarda pouca semelhança com a maioria da população negra, pois ascende de babá a professora universitária. Engajou-se na luta contra o racismo e sexismo na década de 70, no Rio de Janeiro, ainda um período de forte repressão dos governos militares. Pioneira nos cursos sobre Cultura Negra, o qual destacamos o 1º Curso de Cultura Negra na Escola de Artes Visuais no Parque Lage. Esta escola foi também lugar de expressão de vários artistas e de intelectuais negros.

Fez inúmeras viagens no Brasil e no exterior (EUA, países da África, da América Central, do Caribe e da Europa) buscando denunciar o mito da democracia racial brasileira e o regime de exceção em que Brasil sua meta era, enquanto intelectual e ativista, oferecer instrumentos práticos e teóricos de desmonte das opressões vividas pela maioria da população brasileira. Lélia faleceu em 1994.

Fonte: <http://www.palmares.gov.br/?p=1901&lang=es> Acesso em 18/02/17

Lia Vieira

“Nosso papel é resgatar com criatividade o vasto patrimônio afro. A cultura negra é muito mais do que capoeira e cuscuz” lembra Lia, ao falar do papel das escritoras afrodescendentes. Autora do livro de contos *Só As Mulheres Sangram* (esse você pode encontrar em livrarias físicas e virtuais, ed. Record), ela é formada em economia, turismo, letras, doutora em Educação, pesquisadora, artista plástica, dirigente da Associação de Pesquisa da Cultura Afro-brasileira e militante.

Fonte: <http://www.geledes.org.br/15-autoras-negras-da-literatura-brasileira/#gs.=GvwByM> Acesso em 18/02/17

Mãe Menininha do Gantois



Umas das mães-de-santo mais famosas e importantes do país, Maria da Conceição Nazaré, mais conhecida como Mãe Menininha do Gantois, foi uma das grandes defensoras espaços do Engenho Velho ou a Casa Branca, o terreiro mais antigo da Bahia. Mãe Menininha nasceu em 10 de fevereiro, tornou-se Yalorixá em 1922, sob o reino de Oxum, e faleceu aos 92 anos, com 74 de preservação dos cultos Afro-brasileiros na época da escravidão, principalmente nos iniciação.

Fonte: <http://www.palmares.gov.br/?p=1901&lang=es>. Acesso em 18/02/17

Margareth Menezes



Cantora, compositora, produtora, atriz e empresária brasileira, Margareth conquistou dois troféus Caymmi, dois troféus Imprensa, quatro troféus Dodô e Osmar, além de ser indicada para o Grammy Latino, além de ser conhecida por interpretar a canção "Dandalunda" a cantora soma 21 turnês mundiais, .

Ainda pequena, Margareth, começou a cantar no coral da igreja local e, após conhecer Silas Henrique inicia sua carreira artísticas, inicialmente como atriz, ganhando em 1985, o prêmio de "melhor intérprete", em "*Banho de Luz*". Posteriormente, a cantora começou a se envolver com a música, apresentando-se em bares da cidade, até que é aplaudida por um público de 1 500 pessoas, ao lado da Orquestra do maestro Vivaldo da Conceição.

Em 1987, grava o seu primeiro *single*, lançado como LP, ao lado de Djalma de Oliveira, "Faraó (Divindade do Egito)", vendendo mais de 100 mil cópias. Após isso, Menezes deu início a sua carreira bem-sucedida, lançando quatorze álbuns, sendo que dois desses, *Ellegibô* e *Kindala*, fizeram muito sucesso, enquanto *Pra Você e Brasileira Ao Vivo: Uma Homenagem Ao Samba-Reggae*, receberam indicações ao Grammy Latino.

Ela ainda lidera o movimento "Afropop Brasileiro", que visa preservar e promover a cultura afro-brasileira, e criou a "Fábrica Cultural", uma organização não-governamental que ajuda crianças e adolescentes carentes. Todos os anos, a cantora leva sua trio elétrico, um dos mais tradicionais, às ruas de Salvador.

Mel Duarte



Mel Duarte tem até poesia inspirada em Jair Bolsonaro. A escritora paulista é ativista e produtora cultural. Lançou recentemente o livro *Negra, Nua e Crua*. Segundo Mel, seu último trabalho é um compilado de experiências e sensações. “Ali não tem só a Mel falando. Pelo retorno que recebo de outras mulheres, percebo que tem muito de nós e isso é o que me dá gás para continuar”. Em 2013, a poeta publicou o livro *Fragmentos Dispersos*.

Fonte: <http://www.geledes.org.br/15-autoras-negras-da-literatura-brasileira/#gs.=GvwByM> Acesso em 18/02/17

Miriam Alves



Miriam ministrou os cursos de Literatura e Cultura Afro-brasileira na Escola de Português em 2010, nos Estados Unidos. Fez parte do Quilombohoje (grupo paulistano de escritores), pelo qual publicou diversos textos em prosa e poesias. Tem os seguintes livros de poemas publicados: *Momentos de Busca*, *Estrelas nos Dedos*, a peça teatral *Terramara*, ensaios em *Brasilafro Autorrevelado*, *Bará – na Trilha do Vento* e o livro de contos *Mulher Mat(r)iz*. Além, claro, dos poemas publicados nos *Cadernos Negros* e em diversas antologias nacionais e internacionais.

Fonte: <http://www.geledes.org.br/15-autoras-negras-da-literatura-brasileira/#gs.=GvwByM> Acesso em 18/02/17

Ruby Bridges



Ruby Bridges é um ícone do movimento pelos direitos civis. Conta sua história em um livro sobre como era ser uma garota negra de 6 anos de Nova Orleans, e o processo de integração escolar. Em 1954, ano em que Ruby nasceu, o Supremo Tribunal dos EUA ordenou o fim do “separados mas iguais” na educação para crianças Africano-Americanas. Escolas no sul do país ignoraram a decisão.

À Louisiana foi dado o prazo até final de setembro de 1960, para integrar as escolas de Nova Orleans. Elas começariam com os Jardins de Infância e iriam integrar um ano escolar de cada vez. Ruby Bridges era apenas uma das cinco crianças negras que passaram no teste para determinar quais seriam as crianças que seriam enviados para as escolas dos “brancos”. O teste havia sido criado de uma maneira para que as crianças negras não fossem capazes de passar. A família de Ruby tomou a decisão de lutar por seus direitos e inscreveu a pequena no primeiro grau em uma escola toda branca. Ela seria a única criança negra lá.

Ruby chegou para seu primeiro dia de aula com uma escolta de quatro agentes federais e foi apupada por uma multidão sinistra das donas de casa e adolescentes enraivecidos. Mães furiosas tiraram as suas crianças da escola, alegando que elas só voltariam quando ela tivesse deixado o local. Por todo esse ano letivo a escola ensinou apenas para cinco alunos. Ruby e outros quatro estudantes brancos.

Fonte: <https://ppaberlin.com/2011/11/13/a-pequena-ruby-bridges-e-a-historia-do-racismo-nos-eua/> Acesso em 18/02/17

Thaís Araújo



Seu primeiro papel de destaque na televisão foi em 1996 como protagonista da novela *Xica da Silva*, de Walcyr Carrasco, na Rede Manchete. Sete anos depois, protagonizou outra novela, interpretando a personagem *Preta*, na telenovela *Da Cor do Pecado* da Rede Globo, escrita por João Emanuel Carneiro. Em 2006, interpretou *Ellen*, vilã cômica na novela *Cobras & Lagartos*. Em 2009, recebeu sua primeira protagonista em horário nobre da Globo, uma das *Helenas* de Manoel Carlos na novela *Viver a Vida*. A novela não fez sucesso, e o papel de *Helena* ficou marcado como sendo o maior fracasso na carreira de Taís, com a total rejeição da personagem, sendo criticada pela mídia e pelos telespectadores. Na época, Taís ficou muito abalada, e chegou a pensar que seria o fim de sua carreira.

Em 2012, viveu *Maria da Penha*, na novela *Cheias de Charme*, a quarta protagonista de sua carreira. Em 2013, protagonizou a série dominical *O Dentista Mascarado*. A sexta protagonista viria com a jornalista Verônica Monteiro de *Geração Brasil*, de 2014, onde fez parte do trio principal da trama, ao lado de Cláudia Abreu e Murilo Benício.

Desde 2015 a atriz interpreta a protagonista, *Michele* do seriado *Mister Brau* ao lado do seu marido Lázaro Ramos. Taís ainda segue em turnê pelo País com a peça *O Topo da Montanha*, que estreou em São Paulo em 2015 e que lhe rendeu uma indicação para o prêmio Shell de Melhor Atriz. Ainda em 2017, participa como uma das apresentadoras do programa *Saia Justa*, do GNT.

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Thaís_Araújo Acesso em 18/02/17

ANEXO D: MÚSICA *DEBAIXO DA CORDINHA E MENINA PRETINHA*, CORDEL DE BRÁULIO BESSA; DOCUMENTÁRIOS SOBRE CAROLINA MARIA DE JESUS, DANDARA DOS PALMARES, MARIA FELIPA E TIA CITA, MATERIAIS UTILIZADOS NAS VARIADAS ETAPAS

DANÇA DA CORDINHA (TRANSCRIÇÃO)

Passa negão	Mostrando como é que faz
Passa neguinha	
Quero ver você passar	Passa gordão
Por debaixo da cordinha	Passa magrinha
	Quero ver você passar
Passa negão	Por debaixo da cordinha
Passa loirinha	
Quero ver você passar	Passa gordão
Por debaixo da cordinha	Passa magrinha
	Quero ver você passar
Passa loirão	Por debaixo da cordinha
Passa loirinha	
Quero ver você passar	Passa negão
Por debaixo da cordinha	Passa neguinha
	Quero ver você passar
Passa loirão	Por debaixo da cordinha
Passa neguinha	
Quero ver você passar	Passa gordão
Por debaixo da cordinha	Passa magrinha
	Quero ver você passar
Essa é a nova onda	Por debaixo da cordinha
Que eu vou lhe ensinar	
Por debaixo da cordinha	Vai, vai, vai
Você vai ter que passar	Baixando
	Vai, vai, vai
Remexendo ao som do Tchan, Tchan,	Passando
Tchan	Vai, vai, vai
As meninas e o rapaz	Que eu também vou
É o bicho da cara preta	

Essa aí passou!

Essa aí passou!

Essa aí passou!

Vai, vai, vai

Baixando

Vai, vai, vai

Passando

Vai, vai, vai

Que eu também vou

Essa aí passou!

Essa aí passou!

Essa aí passou!

Essa é a nova onda

Que eu vou lhe ensinar

Por debaixo da cordinha

Você vai ter que passar

Remexendo ao som do Tchan, Tchan,

Tchan

A menina e o rapaz

É o bicho da cara preta

Mostrando como é que faz

Passa negão

Passa neguinha

Quero ver você passar

Por debaixo da cordinha

Passa negão

Passa neguinha

Quero ver você passar

Por debaixo da cordinha

Passa gordão

Passa gordinha

Quero ver você passar

Por debaixo da cordinha

Passa gordão

Passa magrinha

Quero ver você passar

Por debaixo da cordinha

Vai, vai, vai

Baixando

Vai, vai, vai

Passando

Vai, vai, vai

Que eu também vou

Essa aí passou!

Essa aí passou!

Essa aí passou!

Vai, vai, vai

Baixando

Vai, vai, vai

Passando

Vai, vai, vai

Que eu também vou

Essa aí passou!

Essa aí passou!

Essa aí passou!

MENINA PRETINHA (TRANSCRIÇÃO)

Menina pretinha, exótica não é linda
 Você não é bonitinha
 Você é uma rainha

Menina pretinha, exótica não é linda
 Você não é bonitinha
 Você é uma rainha

Devolva minhas bonecas
 Quero brincar com elas
 Minhas bonecas pretas, o que fizeram
 com elas?

Vou me divertir enquanto sou pequena
 Barbie é legal, mas eu prefiro a Makena
 africana

Como história de griô, sou negra e tenho
 orgulho da minha cor
 Africana, como história de griô, sou
 negra e tenho orgulho da minha cor

Menina pretinha, exótica não é linda
 Você não é bonitinha
 Você é uma rainha

O meu cabelo é chapado, sem precisar de
 chapinha

Canto rap por amor, essa é minha linha
 Sou criança, sou negra
 Também sou resistência
 Racismo aqui não, se não gostou,
 paciência

Cabelo é chapado, sem precisar de
 chapinha
 Canto rap por amor, essa é minha linha
 Sou criança, sou negra
 Também sou resistência
 Racismo aqui não, se não gostou,
 paciência

Menina pretinha, exótica não é linda
 Você não é bonitinha
 Você é uma rainha

Menina pretinha, exótica não é linda
 Você não é bonitinha
 Você é uma rainha

**BRÁULIO BESSA RECITA CORDEL EM HOMENAGEM A CONSCIÊNCIA NEGRA
(TRANSCRIÇÃO)**

Eu tenho um sonho
Assim como Martin Luther King
Falou à humanidade
Que um dia negros e brancos
Andassem em liberdade.
Sentassem na mesma mesa
E, num gesto de grandeza,
E consciência em sua essência
Se alimentassem de amor.
Mas afinal, meu povo,
Qual é a cor
Dessa tal de consciência?
Sendo a consciência negra
Tem a cor de muita luta
De um povo forte, guerreiro
Que não foge da labuta
Tem a cor do sofrimento
Dos injustos julgamentos
E do preconceito velado
Tem a cor de quem sofreu
Que sofre mas aprendeu

A jamais ficar calado
Talvez a consciência negra
Tenha a cor de igualdade
De Mandela, de rei Charles
De outros reis e majestades
Rei do pop, rei do reggae
Rei do baião, Michael Jackson
Bob Marlei, Gonzagão
Cortam o mal pela raiz
Com um machado afiado
Mas não é qualquer machado
É Machado de Assis
Não deixe que o preconceito
Escravize sua mente
Afinal, afinal somos iguais
Mesmo sendo diferentes
E não é contradição
Num conceito de igualdade
Baseado no amor
Que não divide por cor
Ninguém na humanidade.

CAROLINA MARIA DE JESUS: FILHA FALA SOBRE VIDA E OBRA DA ESCRITORA (TRANSCRIÇÃO)

Repórter: *Uma mulher, negra, catadora de papel se tornou uma escritora mundialmente conhecida. Mãe solteira, com pouca escolaridade, Carolina Maria de Jesus escrevia, em cadernos que encontrava no lixo, sobre o cotidiano da família, que morava em São Paulo. Neste mês da Consciência Negra, comemora-se também o centenário dessa mulher que foi uma das primeiras e mais importantes escritoras negras do Brasil. A equipe da TV conversou com Vera Eunice de Jesus Lima, filha de Carolina (...) Essa contou um pouco mais sobre a vida, a obra e a personalidade da escritora.*

Vera Eunice: *Carolina Maria de Jesus é mais nada a minha mãe, né ... Ela foi uma pessoa pobre, que nasceu lá em Sacramento. Uma pessoa assim, que por ela ser muito inteligente ... Então, desde menina ela foi rejeitada porque ela era diferente, lia muito ... ela estudou até o segundo ano primário r praticamente ela aprendeu a ler sozinha, porque ela lia tudo. Ela gostava muito de baile, muito de carnaval. Dançar e cantar... adorava. Então, quando ela ia nos bailes, ninguém dançava com ela.*

Sumiu uns dez ou vinte reis doo frei e aí colocaram a culpa nela ... e aí ela foi presa, ela apanhou muito e aí não acharam o dinheiro e prenderam a mãe dela. Aí bateram nas duas. Aí acharam o dinheiro ... aí ela pediu a morte. Acharam o dinheiro, soltaram-na. Dali ela falou: “Vamos embora para São Paulo, né?”

Aí a mãe falou: “Não, eu vou ficar!” E ela disse: “Então eu vou.” Aí ela veio a pé.

No dia que ela chegou aqui em São Paulo, começou a trabalhar com Dr. Zerbine e ele falava pra ela: “Oh, nos finais de semana você vai pra... você vai pra sair”, que era folga dela. Ela: “Não, eu quero ficar na biblioteca.” Então, ela lia, lia, lia, lia.

Ela namorava muito. Namoradeira (risos). É, namorava chileno, americano, inglês, tudo (risos). Engravidou do meu irmão, que é filho de um português... um marinheiro português, fofa. E aí ela não podia mais... ela não podia trabalhar mais... então ela foi na... ela foi pra rua e aí chegou um político muito importante aqui em São Paulo. Então, quando esse político ia chegando aqui em São Paulo ... eu não sei se era o Lucas Nogueira Garcez que ia chegar ou se ele era o governo daquela época. Ele colocou todos os flamengos, todos os pobres num caminhão e jogou lá na favela do Canindé. Por isso, o Quarto de Despejo. Os despejados morando na favela...a gente nunca sabia o que ia comer, né. Se almoça; se jantava, não almoçava. Ela escrevia demais e escrevia. Quando ela escrevia como ela falava, quando ela tinha Páscoa, ela tinha comida em casa. Então ela (...)era escrever. A minha mãe era assim: passava fome, mas não pode deixar de estudar, entendeu?

Então, veja bem. Ela, ela tirava da boca para poder pagar as aulas de reforço para mim. Matemática... era péssima em Matemática, entendeu? Era dinheiro de condução, ela se virava... ninguém

(...). Não tem comida hoje, mas tem o dinheiro da condução, entendeu? É, ia nas reuniões de escola, é... e o maior sonho dela era que eu fosse professora...

Dandara

Ê Dandara

Ê Dandara ê ê

Ê Dandara

Ê Dandara ê ê

Dandara foi mulher guerreira

No quilombo se refugiou

Conheceu Zumbi dos Palmares

E logo se apaixonou

Ê Dandara

Ê Dandara ê ê

Com Zumbi ela teve três filhos

No quilombo ela foi a rainha

Sua história ficou esquecida

Por muito tempo e ninguém não sabia

Ê Dandara

Ê Dandara ê ê

Domingo Jorge velho

Junto com seu bando

Os mocambos queimou

Atacando o povo quilombola

Dandara lutando ele a capturou

Ê Dandara

Ê Dandara ê ê

Mil seiscentos e noventa e quatro

Dandara se suicidou

De jogando de uma pedreira

Mas a escravidão ela não se entregou

Ê Dandara

Ê Dandara ê ê

Mil seiscentos e noventa e cinco

Foi a vez do grande rei Zumbi

Depois da morte encontrou com Dandara

Em um paraíso eles vivem felizes

Ê Dandara

Ê Dandara ê ê

MARIA FELIPA (TRANSCRIÇÃO)

A coragem de Maria Quitéria, de Joana Angélica na independência da Bahia já é famosa. Mas poucos conhecem Maria Felipa: a grande heroína da Ilha de Itaparica.

Descendentes de sudaneses, pescadora, marisqueira, ela comandava mais de duzentas pessoas! E cuidando de outras coisas, já que abastecia os aliados do recôncavo. Liderava um exército formado por mulheres negras, índios tupinambás e tapuias contra os portugueses, que passaram a atracar em Itaparica, a partir de 1822.

Numa empreitada decisiva para a vitória brasileira, chegou a queimar mais de quarenta barcos da esquadra lusitana! Como? Com astúcia e sensualidade! Maria Felipa reuniu colaboradores para seduzirem os vigias e liberar a área. Como os portugueses tavam nus, crentes que teriam o amor em guerra, foram surpreendidos. As moças de Itaparica pegaram galhos de cansaço, planta que queima mais do que urtiga, e deram uma baita surra nos soldados, que ficaram a ver navios. Ou melhor, sem ver navios.

TIA CIATA, HILÁRIA BATISTA DE ALMEIDA (1854 -1924) - HERÓIS DE TODO MUNDO (TRANSCRIÇÃO)

Isso aqui na Praça Onze, era a capital de um reino chamado Pequena África, um reino imaginário que reunia boa parte dos negros que viviam no Rio de Janeiro, nos anos logo depois da abolição.

Um reino que seguia a religião, a arte e a culinária da Mãe África. Um reino do qual eu fui a rainha. Cheguei aqui ainda no século XIX, já mulher, vinda da Bahia, onde os orixás me presentearam com o dom de fazer quitutes.

Fazia em casa e vendia na rua. Naquela época, morava no centro e trabalhava por lá mesmo. Tava quase começando o século XX, quando me mudei pra Praça Onze. Os negócios iam bem, minha casa era grande. Festa... seja pra orixá ou pra gente mesmo era minha especialidade. Tinha sempre comida no fogão e música pela casa toda. Do chorinho ao partido alto. Os meninos bons de música viviam lá, como Pixinguinha.

Uma das histórias sobre a minha casa, dizem que, pelo telefone, o primeiro samba a ser gravado em disco foi composto lá.

Dizem que eu fui até uma das autoras, mas esse mistério eu deixo pros pesquisadores. Eu morri antes dos desfiles das grandes escolas começarem. Mas até hoje eu vivo em cada baiana que entra na avenida. Eu sou a Tia Ciata, sou uma cidadã negra, brasileira.

Nisso, os orixás e gente são iguais... adoram uma boa festa, disse Tia Ciata. E eu digo: sou Leci Brandão, sou uma cidadã negra, brasileira.

ANEXO E-IMAGENS UTILIZADAS NOS MOMENTOS DA *LEITURA DOCE*

ANEXO F- IMAGEM DE MC SOFFIA, UTILIZADA NA SEGUNDA ETAPA DA
SEQUÊNCIA



FONTE: <http://gshow.globo.com/Musica/noticia/2016/03/mc-soffia-com-apenas-11-anos-canta-contra-o-racismo-e-padres-da-sociedade.html> Acesso: 18 fev. 2016

ANEXO G- IMAGENS UTILIZADAS NA TERCEIRA ETAPA DA SEQUÊNCIA

Alana Sena¹⁷

Graduada pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), cantora. Palestrante, Alana Sena é referência na música popular brasileira no município cruzalmense. Cruzalmense de coração, ela estreou em nosso município em 15 de março de 2012, em um evento realizado pela Secretaria da Cultura em homenagem ao mês da Mulher. Além de cantar, toca violão na Banda Gan, palavra yorubá que significa agogô.

¹⁷ Fonte: <http://tnb.art.br/rede/alanasenabandagan>. Acesso: 10 jul.2017

*Ana Alice Teixeira*¹⁸



Professora na rede municipal de ensino, foi Secretária Municipal de Educação e, atualmente, desenvolve atividades voltadas para o empoderamento feminino na Secretaria de Políticas Especiais, como Coordenadora do Centro de Referência da Mulher.

¹⁸ Fonte: https://www.facebook.com/search/str/ana+alice+teixeira+de+sena/keywords_search .Acesso: 10 jul.2017

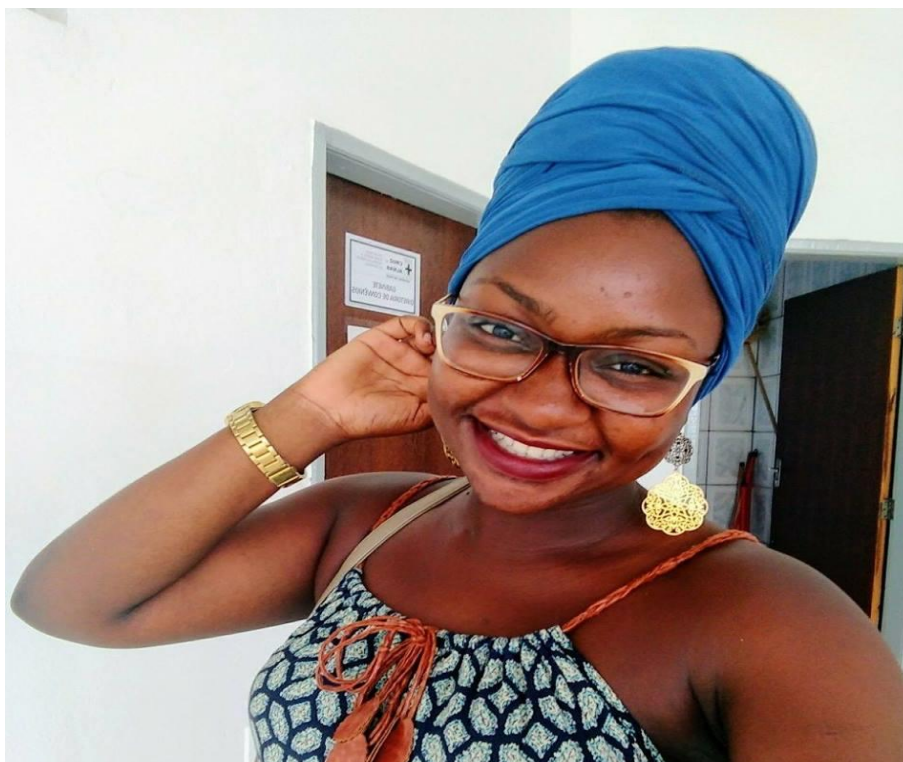
Aurelice dos Santos Oliveira¹⁹



Docente do Colégio Municipal Jorge Guerra e uma das referências em educação da referida instituição. É especialista em História e Cultura Afro-brasileira, Africana e Indígena, pela Faculdade Maria Milza. Artesã, cria diversos materiais relacionados a afrobrasilidade.

¹⁹ Fonte: <https://www.facebook.com/aurelice.lice>. Acesso: 10 jul. 2017

Carolina Souza²⁰



Graduanda em Nutrição pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), 22 anos, está como colaboradora na Secretaria de Políticas Especiais como Chefe da divisão de Políticas para Mulheres, discutindo o combate a violência contra a mulher.

²⁰ Fonte: <https://www.facebook.com/search/top/?q=carolina%20souza> Acesso: 10 jul. 2017

Deuma Silva²¹

Professora do Colégio Estadual Landolfo Alves de Almeida, ministra as disciplinas Geografia e Sociologia para educandas e educandos do Ensino Médio e educação de Jovens e Adultos. Mestranda em Teologia, ela desenvolve inúmeros projetos nas áreas religiosa e social na Primeira Igreja Batista em Cruz das Almas.

²¹ Fonte: Arquivo pessoal. Cedido em: 15 jul. 2017

Ilza Francisca da Cruz²²



Pedagoga e funcionária pública, atuou como secretária de Políticas Especiais no município cruzalmense. Foi eleita para o cargo legislativo na eleição ocorrida em outubro de 2016 e, no dia 1º de janeiro de 2017, foi diplomada como vereadora. Pela 1ª vez em seus 119 anos de vida e história, a cidade de Cruz das Almas, empossa uma mulher negra vereadora na câmara municipal.

²² Fonte: Arquivo pessoal. Cedido em 12 jul. 2017

Nildes Sena²³



Artista visual, diretora cultural e atriz, Nildes é Mestre pela Universidade do Estado da Bahia, Especialista em Arte Terapia pelo Instituto Junguiano da Bahia. Graduada em Educação Artística pela Universidade Católica do Salvador, coordena trabalhos na área de Arte Educação junto a ONGs, implantando oficinas de artes, realizando pesquisas, elaborando projetos e atuando como Educadora social, artista plástica e arte terapeuta. Na construção gradativa da vida acadêmica, investiga as relações étnico raciais, sexualidades e de gênero o âmbito da educação e manifestações culturais, focando Identidades, tradições e transições. Realiza pesquisas e desenvolve trabalhos socioculturais com recortes em gênero, raça e sexualidades.

²³

Fontes: <https://br.linkedin.com/in/professora-nildes-sena-97337428>
<https://www.facebook.com/nildes.sena> Acesso: 10 jul. 2017

Rosimari Boaventura²⁴



Estudante de pedagogia, recepcionista do Colégio Estadual Landolfo Alves, radialista e, recentemente aprovada no curso de Jornalismo na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), Mary Ventura comanda, juntamente com os parceiros Paulo Salvão e Diego Azevedo, o programa Cidade Notícia, das 11:00 às 12:00 e com Rey Consul, o programa Jornal das Cinco na Rádio Santa Cruz, no horário das 17:00 às 18:00.

²⁴ Fonte: Arquivo pessoal. Cedido em 11 jul. 2017

Walkyria Chagas²⁵



Advogada, mestra em Gestão de Políticas Públicas e Segurança Social pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, especialista em Gestão de Políticas Públicas em Gênero e Raça e em Direito do Estado pela Universidade Federal da Bahia e foi professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia no período de 2011 à 2013. Atualmente, é doutoranda pelas Universidade de Brasília e Universidade Federal do Sul da Bahia.

²⁵ Fonte: Arquivo pessoal. Cedido em 13 jul. 2017

ANEXO H- TRANSCRIÇÃO DA MÚSICA UTILIZADA NA TERCEIRA ETAPA
DA SEQUÊNCIA

Menina Pretinha (Mc Soffia)

Menina pretinha, exótica não é linda
Você não é bonitinha
Você é uma rainha

Menina pretinha, exótica não é linda
Você não é bonitinha
Você é uma rainha

Devolva minhas bonecas
Quero brincar com elas
Minhas bonecas pretas, o que fizeram com elas?

Vou me divertir enquanto sou pequena
Barbie é legal, mas eu prefiro a Makena africana
Como história de griô, sou negra e tenho orgulho da minha cor
Africana, como história de griô, sou negra e tenho orgulho da minha cor

Menina pretinha, exótica não é linda
Você não é bonitinha
Você é uma rainha

O meu cabelo é chapado, sem precisar de chapinha
Canto rap por amor, essa é minha linha
Sou criança, sou negra
Também sou resistência
Racismo aqui não, se não gostou, paciência

Cabelo é chapado, sem precisar de chapinha
Canto rap por amor, essa é minha linha
Sou criança, sou negra
Também sou resistência
Racismo aqui não, se não gostou, paciência

Menina pretinha, exótica não é linda
Você não é bonitinha
Você é uma rainha

Menina pretinha, exótica não é linda
Você não é bonitinha
Você é uma rainha

ANEXO I- MATERIAL UTILIZADO PARA A QUARTA ETAPA DA SEQUÊNCIA

A HISTÓRIA DA LITERATURA DE CORDEL- **Abdias Campos**

Para lhes deixar a par
Sobre esta literatura
Que é a mais popular
E ainda hoje perdura
Vamos direto ao começo
Donde vem esta cultura

O cordel introduzido
No Brasil foi gradual
Maior parte dos folhetos
Como patrimônio oral
Ingressou principalmente
Como histórias de Sarau

Sua primeira feitura
Na Europa aconteceu
Tipógrafos do anonimato
Botaram o folheto seu
Pra ser vendido na feira
E assim se sucedeu

Foi no Nordeste o local
Que lhe brasileiroizou
Nos serões familiares
Dos sertões aonde chegou
Levando alegria ao povo
Pela voz do cantador

Foi Portugal que lhe deu
Este nome de cordel
Por ser vendido na feira
Em cordões a pleno céu
Histórias comuns, romances
Produzidos a granel

Conduzia o rumor
De histórias da redondeza
Noticiadas em versos
Dadas com toda clareza
A uma população
Que se tornava freguesa

Com esse mesmo papel
Era na Espanha vendido
Como “pliegos suetos”
Assim era oferecido
Em tabuleiro ambulante
Ao pescoço prendido

Dos peregrinos romeiros
Da mocinha apaixonada
Dos ciganos que viviam
A procura de estrada
Dos sinais vindos do céu
Anunciando a invernoada

Sempre em versão cantada
Assim o Cordel viveu
Antes de 1900

Primeira edição se deu
Se lá para cá permanece
Mantendo o legado seu

1° De acordo com o texto lido, qual a origem do nome cordel?

2° O cordel lido dá uma pista de assuntos tratados nessa literatura. Enumere alguns:

3° Segundo o texto, em que região do Brasil o cordel tornou-se mais popular?

4° De acordo com o texto, o inverno era anunciado por "sinais vindo do céu". Que sinais podem ser vistos no céu que indicam essa estação do ano?

5° Onde se deu a 1° feitura de cordel?

6° Se o poema e os estudos feitos em sala de aula, quando o cordel passou a ser impresso e qual a importância disso?

7° As rimas são recursos utilizados para dar ritmo e musicalidade ao texto. Localize a combinação das rimas nos versos da 1° estrofe:

ANEXO J- TRANSCRIÇÃO DO CORDEL DE BRÁULIO BESSA

Colégio: Data:

Aluna (o):

Hoje é dia de falar sobre o cordel**Bráulio Bessa recita cordel em homenagem a consciência Negra**

Eu tenho um sonho
Assim como Martin Luther King
Falou à humanidade
Que um dia negros e brancos
Andassem em liberdade.
Sentassem na mesma mesa
E, num gesto de grandeza,
E consciência em sua essência
Se alimentassem de amor.
Mas afinal, meu povo,
Qual é a cor
Dessa tal de consciência?
Sendo a consciência negra
Tem a cor de muita luta
De um povo forte, guerreiro
Que não foge da labuta
Tem a cor do sofrimento
Dos injustos julgamentos
E do preconceito velado
Tem a cor de quem sofreu
Que sofre mas aprendeu

ANEXO K- CORDEL SOBRE CAROLINA MARIA DE JESUS, UTILIZADO NA QUINTA
ETAPA DA SEQUÊNCIA

Carolina Maria de Jesus

Jarid Arraes

Essa é uma escritora
Que já foi ignorada
E durante sua vida
Foi também muito explorada
Mas por muitos, hoje em dia
É com honras adorada

Sua história verdadeira
Começou em Sacramento
Na rural comunidade
Foi de Minas um rebento
Era o ano de quatorze
Inda mil e novecentos.

Pouco tempo se passava
Desde o fim da escravidão
E, portanto, o que existia
Era a dor da servidão
O racismo dominava
Espalhando humilhação.

Sua mãe era solteira
Pela igreja excomungada
Pois o homem era casado
Inda findou abandonada
Com a filha pra criar
E por muitos execrada.

No ano de trinta e sete
Carolina então mudou
Pra capital São Paulo
Onde muito batalhou
Construiu o seu barraco
E ali se instalou.

Na favela Canindé
Sua vida foi sofrida
A maior luta diária
Era a busca por comida
Uma vida esfomeada
Sempre muito deprimida.

Carolina ainda tinha
Três filhos para cuidar
Todos de pais diferentes
Pois jamais quis se casar
Só pensava em liberdade
Pra fazer seu desejar

O que mais ela gostava
Era ler, era escrever
Sendo maior passatempo
E registro do viver
Nas palestras mergulhava
Para assim sobreviver.

Como era catadora
Pelos lixos encontrava
O papel e o caderno
Que por fim utilizava
Como o famoso Diário
Onde tudo registrava.

Tudo que assucedida
Na favela onde vivia
Carolina prontamente
Em relatos escrevia
Irritando seus vizinhos
E causando agonia.

Nem por isso ela parava
Precisava escrever
Sonhava com o sucesso
Com dinheiro pra comer
Pois a vida da favela
Ela não queria ter.

Num tal dia, por acaso
Um jornalista apareceu
Na favela onde morava
Carolina e os filhos seus
Ele ouviu a confusão
E a história conheceu.

No momento, Carolina
Com a escrita ameaçava:
“Vou botar no meu diário”
Carolina assim gritava
O jornalista interessado
Foi saber o que rolava.

Então soube dos cadernos
Que Carolina escrevia
Ficou muito impressionado
Com o valor que ali continha
E depois de muita espera
O seu livro aparecia.

Foi o “Quarto de Despejo”
O primeiro publicado
Um sucesso monstruoso
Tão vendido e aclamado
Carolina fez dinheiro
Com o livro elogiado.

Sua obra era importante
Pela vil realidade
Que ali estava exposta
Tal ferida da cidade
A favela e a pobreza
De Carolina a verdade.

Mas por causa do sucesso
Do dinheiro que ganhou
Carolina finalmente
Da janela se mudou
Numa casa de tijolos
Com seus filhos habitou.

O problema, no entanto
Era a grande exploração
Carolina se sentia
Como se fosse na prisão
Pois bem mais ela queria
Enfrentando impedição.

Desejava até cantar
Mais um livro ela escreveu:
“Casa de Alvenaria”
Cheio de relatos seus
Sobre a vida que mudava
E o que mais lhe aconteceu.

Mas aí já não gostaram
Por imensa hipocrisia
Pois Carolina contava
Os males da burguesia
E o amargo esquecimento
Logo mais se chegaria.

Carolina até tentou
Publicou material
No ano de sessenta e três
Mais dois livros afinal
Mas estava ignorada
Novamente marginal.

E de novo catadora
Acabou no sofrimento
Só depois de sua morte
Teve o reconhecimento
Com “Diário de Bitita”
Grandioso documento.

Recomendo que pesquise
Muito mais dessa escritora
Que era mãe, era poeta
Era forte inspiradora
E ainda era uma artista
Com talento de cantora.

Por racismo e elitismo
Pouco dela hoje se fala
Mas tamanho preconceito
Seu legado jamais se cala
É por isso que eu lembro
E meu grito não entala.

Carolina é um tesouro
Para o povo brasileiro
É orgulho pras mulheres
Para o povo negro inteiro
Referência como exemplo
De valor testamentário.

Muito mais há publicado
Sobre a vida de escritora
Os seus livros de poemas
De provérbios pensadora
Abra seu conhecimento
Que ela é merecedora.

E por fim com muito orgulho
O cordel já vou fechando
Com sinceridade espero
Que termine interessando
Se você não conhecia
O que estive contando.

Carolina eternamente
Uma imensa inspiração
Uma força grandiosa
E também validação
A mulher negra escritora
Que despeja o coração.

ANEXO L- CORDEL SOBRE DANDARA DOS PALMARES, UTILIZADO NA QUINTA
ETAPA DA SEQUÊNCIA

Dandara dos Palmares

Jarid Arraes

Pra falar dessa guerreira
Faço humilda reverência
Pois Dandara dos Palmares
Tem importante influência
É para as mulheres negras
Cheias de resiliência.

A História é que conta
Sobre a vida de Dandara
Pois além de ser racista
Seu machismo se escancara
Sem um pinga de respeito
E sem vergonha na cara.

Se você já ouviu falar
Da história de Zumbi
Peço então sua atenção
Pro que vou te contar aqui
Que talvez você não saiba
Por isso eu vou insistir.

Ninguém sabe onde nasceu
A Dandara destemida
No Brasil é mais provável
Pois linhagem reprimida
Foi ranço da escravidão
Que multiplicou a lida.

No entanto já se sabe

Que ela se estabeleceu
No Quilombo dos Palmares
Onde a luta aconteceu
Foi casada com Zumbi
E nunca se esmoreceu.

Ela ainda teve filhos
Foram 3 os seus rebentos
Para dar continuidade
Com fortes engajamentos
Fez o povo negro livre
Ter bastantes fundamentos.

Liderança feminina
Forte com convicção
Ela jamais aprovou
Tratado de rendição
Discordou de Ganga-Zumba
Em prol da educação.

É verdade que Dandara
Era dura e radical
Pois não compactuava
Com o papo de “menos mal”
Só a liberdade plena
Para ela era ideal.

As tarefas femininas
De limpar e cozinhar
Não eram do seu feitio
Que partia pra caçar
E além da plantação
Também sabia lutar.

Aprendeu a capoeira
Teve arma em sua mão
Liderava mil batalhas
Feito bravo furacão
Era tal como Iansã
Do africano panteão.

Ela nunca aceitou
Em troca da paz forjada
Pois a guerra pra Dandara
Era bem mais desejada
Visto que o ocorrido
Na verdade era cilada.

A guerreira de Palmares
Resistia com bravura
O orgulho era profundo
Sua pele era armadura
Determinação crescente
Tinha como assinatura.

Como exemplo disso tudo
A Zumbi fez sugestão
De que tomasse Recife
Fazendo a dominação
Da cidade nordestina
De um bruto sopetão.

Esse era seu estilo
De nunca fugir da luta
Sempre era só oitenta
Era intensa sua conduta
Essa constante ofensiva
Fez-se pura e resoluta.

Para o Feminismo Negro
É Dandara um expoente
De mulher inspiradora
E de preta como a gente
Que nos serve como gás
Pra botar um fogo quente.

Um sinal definitivo
Do orgulho que ensinou
Foi a causa de sua morte
Pois Dandara se matou
Se jogou numa pedreira
Se render não cogitou.

A partir de sua morte
Entendemos sua mensagem
Antes fosse um suicídio
Que voltar à servidão
Para o povo negro
Isso é mais pura coragem.

A maior parte dos fatos
Que se conta sobre ela
É de lenda repassada
Como memória singela
Para despertar a preta
Que ativa se rebela.

A responsabilidade
Pela porca ignorância
Que domina esse Brasil
É da torpe arrogância
Do machista e racista
Que deteve a dominância.

Quem escreve a história
Lá nos livros registrada
É a branquitude cega
Do racismo idolatrada
E pra completar o quadro
A mulher é rejeitada.

Se esquecem de Dandara
Porque ainda são racistas
Só falam da tal Europa
Com ideias narcisistas
Mesmo o tempo de hoje
No fundo são escravistas.

Vou estender minha fala
Criticando o Feminismo
Por também não se lembrar
Da luta contra o racismo
Só com norteamericana
Não se derruba o machismo.

Pois é muito lamentável
Ter só heroína branca
Como ficarão as negras
Se representação franca
É a base da autoestima
Que o racismo atravanca.

Para toda brasileira
Dandara sim, pode ser
Um exemplo aguerrido
Para se fortalecer
Como parte da história

Pro feminismo crescer.

E ao movimento negro
Quero muito reforçar
Que machismo é veneno
Violento de matar
E que as mulheres negras
Devem se respeitar.

A história de Dandara
Nunca se deve esquecer
Ela é um belo exemplo
Para nos enriquecer
E passar a enxergar
Como é preciso se ver.

Nenhuma mulher é frágil
Temos Dandara o punho
Que mantemos bem erguido
Sendo nosso testemunho
De que a história feminina
Não é feita pra rascunho.

A partir desse momento
Quando em Zumbi pensar
Lembre também de Dandara
Que com ele foi lutar
Na mais pura resistência
Da peleja a batalhar.

Onde quer que ela esteja
Dandara é minha chama
Para quem consigo olhar
A fim de vencer o drama

Minha militância inspira
E ao meu coração reclama.

ANEXO M- CORDEL SOBRE MARIA FELIPA, UTILIZADO NA QUINTA ETAPA DA
SEQUÊNCIA

Maria Felipa

Jarid Arraes

Nos registros brasileiros
A injustiça predomina
E o danado esquecimento
Na injustiça se culmina
Pois ainda não se acha
Tudo o que se examina.

Esquecidas da História
As mulheres inda estão
Sendo as negras, só piora
Esse quadro de exclusão
Sobre elas não se grava
Nem se faz uma menção.

Cito a Maria Felipa
Exemplar essa guerreira
Natural de Itaparica
Foi na Ilha marisqueira
E lutou tão bravamente
Liderando na trincheira.

Mulher negra corajosa
E também trabalhadora
Era muito bem querida
Pela gente sofredora
Um exemplo irreparável

De mulher pelegadora.

Na Ilha de Itaparica
No Estado da Bahia
Ela assumiu o comando
Da batalha que zunia
Pela então independência
Da Bahia onde vivia.

Essa Maria Felipa
As mulheres liderou
Eram cerca de quarenta
As mulheres que juntou
E com muita ousadia
Grande incêndio provocou.

Reunidas as guerreiras
Por Felipa lideradas
Colocaram fogo alto
Nas embarcações chegadas
E que eram inimigas
De gente mobilizada.

As embarcações queimadas
Dizem ser mais de cinquenta
Mas também há quem afirme
Que a contagem nem se tenta
Pois tamanha quantidade
Facilmente não se ostenta.

As mulheres reunidas
E dotadas de esperteza
Prepararam uma armadilha
Com o engano da beleza

Seduziram os portugueses
Bem sabidas com destreza.

Seduzidos e animados
Eles foram enganados
Já estavam até sem roupa
Quando foram espancados
Com galhos de cansaço
Acabaram bem surrados.

Cansaço é uma planta
Que provoca queimadura
Similar a tal urtiga
O queimado é sem firula
Inda mais se não tiver
Proteção duma armadura.

Mas o caso aqui contado
Não é o único ou final
Já que a Maria Felipa
Era líder sem igual
E com muita inteligência
Fez de si fenomenal.

Muitos homens e mulheres
Muitas classes e etnias
Encontravam em Felipa
Heroína de ousadia
E por isso se guiavam
Pelo que ela lhes dizia.

Junto com a sua gente
Ela então fortificou
As praias de Itaparica

E também organizou
E por isso se guiavam
Pra quem deles precisou.

Além desses mantimentos
Que Felipa garantiu
Ela também foi pra guerra
Como antes nunca se viu
E bastante ativamente
Nos conflitos emergiu.

Outro caso memorável
Que aqui posso contar
Foi uma tal cerimônia
Pra bandeira se hastear
Quando Guimarães das Uvas
Ela resolveu surrar.

Para nesse português
Ela dar uma lição
Felipa também contou
Com a organização
De mais força feminina
Que lhe estendeu a mão.

Ela era negra e pobre
E morava no Convento
Casarão assim chamado
Porque nesse embasamento
Só morava ali a gente
Que só possuía o vento.

Mas se não tinha dinheiro
Era então trabalhadora

Corajosa e imponente
Grandemente inspiradora
Tinha pura vocação
De nos ser libertadora.

Ela até por escritores
Foi em livros registrada
Xavier Marques foi um
Que lhe fez então citada
E também Ubaldo Osório
Quando da Ilha contava.

Há quem diga sem acanhamento
Que ela foi inspiração
Para a Maria da fé
Dum livro sobre a Nação
“Viva o Povo Brasileiro”
É sua intuição.

Heroína Negra e forte
Líder dessa Independência
Para o povo da Bahia
É imensa a influência
Que dela jamais esquece
Por sua resiliência.

Como fica muito claro
Nosso povo tem história
E por isso nós devemos
O respeito e a memória
Para Maria de Felipa
Que viveu imensa glória.

Na História do Brasil

As mulheres negras são
Baluarte e segurança
Com grandeza e emoção
Lutadoras dessa terra
E heroínas da nação.

ANEXO N- CORDEL SOBRE TIA CIATA, UTILIZADO NA QUINTA ETAPA DA
SEQUÊNCIA

Tia Ciata
Jarid Arraes

Na história do Brasil
Tia Ciata admirada
Conhecida e bem formosa
Foi por muitos aclamada
Por causa do que fez
Até hoje é adorada.

1854

Foi o ano em que nasceu
Em Santo Amaro na Bahia
Mas lá não permaneceu
Pois saiu de lá fugida
Pelo mal que lhe ocorreu.

Por ser yalorixá
Em Salvador foi perseguida
E com outras mães de santo
Fugiu para tentar a vida
Bem no Rio de Janeiro
Onde batalhou a lida.

Quando ela chegou no Rio
Logo um homem conheceu
O seu nome era Norberto
E com ele se envolveu
Não depois de muito tempo
Uma menina então nasceu.

Deu-lhe o nome de Isabel
Mas do homem se afastou
Separada e com a filha
Tia Ciata então pensou
E achou o seu trabalho
Para o qual se dedicou.

Na Rua Sete de Setembro
Foi ralar de quituteira
Sempre muito bem vestida
De baiana por inteira
Tia Ciata foi peitar
E romper outra fronteira.

Pela vil perseguição
Que o Candomblé sofria
No seu rico tabuleiro
Ela fez como queria
E honrou seus orixás
Nos quitutes que vendia.

Sempre com saia rodada
Na cabeça o seu turbante
Sempre usava seus colares
Suas contas importantes
Como filha de Oxum
Fez-se muito exuberante.

Trabalhou com muito esforço
E então se apaixonou
Com João Batista da Silva
Tia Ciata enfim casou
Juntos os dois então viveram
Pelo tempo que passou.

Ele era um homem bom
E até mesmo conhecido
Dentro daqueles limites
Era até “bem sucedido”
Pois o racismo perverso
Era um fato endurecido.

Com João, Tia Ciata
Muitos filhos fez nascer
Foram no total quatorze
O que veio enfim a ter
De uma grande importância
Pro seu povo embravecer.

Pois essa família unida
Fez inteira afirmação
E foi na Pequena África
Duma grande emblemação
Dando força na presença
E fazendo exaltação.

Chamada de Pequena África
Era essa a região
Que no Rio de Janeiro
Tinha uma concentração
De pessoas negras livres
Fortes contra a escravidão.

Tia Ciata e sua família
Eram parte dessa gente
Marcando toda a cidade
Com a herança eminente
Que originou o samba
E com festas imponentes.

Na casa de Tia Ciata
Muita festa acontecia
Sempre no samba de roda
Um banquete ela fazia
Ela era a partideira
E cantava com alegria.

Os maiores compositores
Em sua casa se juntavam
Dongo, Sinhô, João da Baiana
Nos saraus se apresentavam
E a tradição do samba
Com amor enraizavam.

A polícia ainda causava
Uma vil perseguição
Tia Ciata era famosa
Por fazer reparação
Na saúde dos doentes
Dava a cura e compaixão.

Teve um caso curioso
Em que um investigador
Procurou Tia Ciata
Para lhe pedir um favor
Que curasse o presidente
De um mal adoecedor.

Era então Venceslau Brás
Presidente do Brasil
Com uma ferida podre
Que em sua perna abriu
Mas em toda a medicina
Um remédio não se viu.

Tia Ciata, mãe de santo

Um orixá recebeu
Que falou ao presidente
E a cura lhe ofereceu
Recomendou uma receita
E o resultado apareceu.

Agradecido, o presidente
Perguntou o que queria
Tia Ciata respondeu
Que de nada carecia
Mas seu marido João
Um trabalho aceitaria.

Além de doces que vendia
Suas roupas alugava
E pra peças de teatro
Sempre comercializava
Pra manter o seu sustento
E as festas que animava.

Logo estava bem famosa
E o seu nome então correu
Até mesmo gente rica
Para o samba se verteu
E a Tia muito sábia
Seu destino ali colheu.

Pois nas festas calorosas
As raízes sempre honrou
E abriu também consultas
Para quem lhe procurou
Sempre uma yalorixá
O Candomblé concretizou.

Sua casa e sua vida
São imensas referências

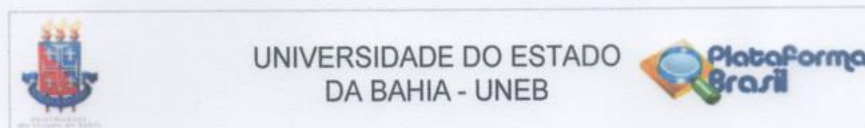
Para a história brasileira
Importantes referências
Para o samba e candomblé
Memórias de resistência.

O primeiro samba em disco
Em sua casa foi gravado
Por Donga e Mauro de Almeida
Foi composto e registrado
Tia Ciata fez história
Muito fez realizado.

E agora, sem demora
Se coloque a pesquisar
Seu legado é referência
Para se compartilhar
É a cultura e luta pura
Para se multiplicar.

Tia Ciata foi chamada
Por Oxum fortalecida
Sua origem enalteceu
Mesmo sendo perseguida
E por causa dessa luta
Hoje eu sou agradecida.

ANEXO O – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP/UNEB

**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: LEITURA E COMPREENSÃO LEITORA DE CORDÊIS QUE RETRATAM O PROTAGONISMO DA MULHER NEGRA: Uma proposta de intervenção pedagógica para alunas e alunos do 8º ano do ensino fundamental II

Pesquisador: RUBIANE VIEIRA DE JESUS

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 66441317.9.0000.0057

Instituição Proponente: Universidade do Estado da Bahia

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.183.743

Apresentação do Projeto:

LEITURA E COMPREENSÃO LEITORA DE CORDÊIS QUE RETRATAM O PROTAGONISMO DA MULHER NEGRA: Uma proposta de intervenção pedagógica para alunas e alunos do 8º ano do ensino fundamental II

Objetivo da Pesquisa:

Despertar no discente o interesse e a valorização da cultura negra a partir da leitura e análise crítica de cordéis voltados para a temática do protagonismo da mulher afro-brasileira.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Tendo como parâmetro o registrado no formulário de informações básicas da Plataforma Brasil, a pesquisadora identificou:

As atividades propostas serão aplicadas, através de questões orais e escritas relacionadas à temática, após explanação teórica, na sala de aula, ambiente ao qual o educando está ambientado. O risco que observamos na realização desta proposta é a resistência em responder as atividades, principalmente àquelas que necessitam de respostas orais, pois algum discente pode se sentir

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555

Bairro: Cabula

CEP: 41.195-001

UF: BA

Município: SALVADOR

Telefone: (71)3117-2399

Fax: (71)3117-2399

E-mail: cepuneb@uneb.br



UNIVERSIDADE DO ESTADO
DA BAHIA - UNEB



Continuação do Parecer: 2.183.743

constrangido em realizá-las na frente dos colegas. Caso essa problemática aconteça procuraremos, através do diálogo, superar esse entrave. E se mesmo assim a (o) educanda (o) não se sentir à vontade em responder, priorizaremos as respostas escritas. Em relação aos possíveis danos de ordem física, psíquica, moral, intelectual, social ou cultural, nas etapas que serão aplicadas em sala de aula, observamos que não haverá essa possibilidade.

Comentários: A pesquisadora reformulou esse item, já que anteriormente descreveu que não havia riscos na pesquisa. Informa que aplicará questionários com a turma e apresenta o Termo de Assentimento e TCLE, em conformidade com a normativa

Benefícios:

Tendo como parâmetro o registrado no formulário de informações básicas da Plataforma Brasil, a pesquisadora identificou com benefício:

Acreditamos que, a partir da aplicação e desenvolvimento desta proposta de intervenção pedagógica, podemos contribuir para aprimorar a capacidade leitora e crítico-reflexiva dos participantes envolvidos neste processo e que esses possam discutir sobre a importância de mulheres negras através dos cordéis estudados.

Comentários: Segundo a normativa o benéfico de uma pesquisa deve contribuir de alguma forma para a melhoria da atividade que se estuda, sendo diretamente aos participantes da pesquisa ou indiretamente propondo melhorias nos processos que envolvem a formação da atividade. Em conformidade com a normativa.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Orçamento: Exequível com projeto.

Cronograma: Em conformidade.

Critério de inclusão e exclusão:

Inclusão:

Por se tratar de uma proposta de intervenção pedagógica, cujo principal objetivo é proporcionar aos discentes a oportunidade de leitura e compreensão leitora, a ideia é que esta proposta será realizada, na turma 2 do oitavo ano do ensino fundamental II. Desse modo, está incluído todo alunado contido nesta turma.

Exclusão:

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555

Bairro: Cabula

UF: BA

Município: SALVADOR

CEP: 41.195-001

Telefone: (71)3117-2399

Fax: (71)3117-2399

E-mail: cepuneb@uneb.br



UNIVERSIDADE DO ESTADO
DA BAHIA - UNEB



Continuação do Parecer: 2.183.743

Na perspectiva de escolha de uma turma para aplicação da proposta de intervenção pedagógica, estão excluídas as outras turmas da instituição, por se tratar de uma atividade que requer tempo para a sua execução.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Na perspectiva da normativa, conforme segue:

- 1 – Termo de compromisso do pesquisador responsável: em conformidade
- 2 – Termo de confidencialidade: em conformidade
- 3 – A autorização institucional da proponente: em conformidade
- 4 – A autorização da instituição coparticipante: em conformidade
- 5 – Folha de rosto: em conformidade
- 6 – Modelo do TCLE: Em conformidade.
- 7 – Declaração de concordância com o desenvolvimento do projeto de pesquisa: em conformidade
- 8 – Termo de Concessão: Em conformidade
- 9 – Termo de Assentimento: Em conformidade

Recomendações:

A pesquisa tem relevância, pois trata de um estudo importante referente às questões de leitura e compreensão de textos, tendo como recurso metodológico literatura de cordel. Novamente pontuamos que os objetivos precisam ser corrigidos, pois o projeto é de pesquisa e não de intervenção, mas não invalida o estudo da pesquisadora.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Após a análise consideramos que o projeto encontra-se aprovado para a execução uma vez que atende ao disposto nas resoluções que norteiam a pesquisa envolvendo seres humanos não havendo pendências ou inadequações a serem revistas.

Considerações Finais a critério do CEP:

Após a análise com vista à Resolução 466/12 CNS/MS o CEP/UNEB considera o projeto como APROVADO para execução, tendo em vista que apresenta benefícios potenciais a serem gerados com sua aplicação e representa risco mínimo aos sujeitos da pesquisa tendo respeitado os princípios da autonomia dos participantes da pesquisa, da beneficência, não maleficência, justiça e equidade. Informamos que de acordo com a Resolução CNS/MS 466/12 o pesquisador responsável deverá enviar ao CEP- UNEB o relatório de atividades final e/ou parcial anualmente a

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555

Bairro: Cabula

CEP: 41.195-001

UF: BA

Município: SALVADOR

Telefone: (71)3117-2399

Fax: (71)3117-2399

E-mail: cepuneb@uneb.br



UNIVERSIDADE DO ESTADO
DA BAHIA - UNEB



Continuação do Parecer: 2.183.743

contar da data de aprovação do projeto.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_882612.pdf	03/07/2017 01:46:30		Aceito
Outros	Declaracao.pdf	03/07/2017 01:45:38	RUBIANE VIEIRA DE JESUS	Aceito
Outros	CRON.pdf	03/07/2017 01:40:51	RUBIANE VIEIRA DE JESUS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	03/07/2017 01:40:01	RUBIANE VIEIRA DE JESUS	Aceito
Outros	TA.pdf	03/07/2017 01:39:28	RUBIANE VIEIRA DE JESUS	Aceito
Outros	DCDP.pdf	29/03/2017 20:33:17	RUBIANE VIEIRA DE JESUS	Aceito
Outros	TCP.pdf	15/03/2017 21:35:07	RUBIANE VIEIRA DE JESUS	Aceito
Outros	TAIC.pdf	15/03/2017 21:34:00	RUBIANE VIEIRA DE JESUS	Aceito
Outros	TAI.pdf	15/03/2017 21:33:28	RUBIANE VIEIRA DE JESUS	Aceito
Outros	TC.pdf	15/03/2017 21:32:47	RUBIANE VIEIRA DE JESUS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.pdf	15/03/2017 21:30:16	RUBIANE VIEIRA DE JESUS	Aceito
Folha de Rosto	folhaderosto.pdf	15/03/2017 21:29:17	RUBIANE VIEIRA DE JESUS	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Avaliação da CONEP:

Não

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555

Bairro: Cabula

CEP: 41.195-001

UF: BA

Município: SALVADOR

Telefone: (71)3117-2399

Fax: (71)3117-2399

E-mail: cepuneb@uneb.br



UNIVERSIDADE DO ESTADO
DA BAHIA - UNEB



Continuação do Parecer: 2.183.743

SALVADOR, 24 de Julho de 2017

Assinado por:
WARLEY KELBER GUSMÃO DE ANDRADE
(Coordenador)

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555

Bairro: Cabula

CEP: 41.195-001

UF: BA

Município: SALVADOR

Telefone: (71)3117-2399

Fax: (71)3117-2399

E-mail: cepuneb@uneb.br